

INDUSTRIALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO ECONÔMICA DO NORDESTE:

O CASO DA INDÚSTRIA TÊXTIL.

RICARDO OLIVEIRA LACERDA DE MELO

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

ORIENTADOR: WILSON CANO.

ARACAJU/out. 87.

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

*exemplar conferido ao original da defendida por Ricardo Lacerda de Melo e assinado pelo Prof. Dr. Wilson Cano em*

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação tem por raízes inquietações desde o tempo de graduação com a questão da miséria e do atraso do Nordeste. Nordeste, nascido e criado em meio a discussões que sempre remetiam estes problemas à discriminação sofrida pelo Nordeste por parte do governo federal, percorri longo caminho no entendimento mais consistente a respeito da questão regional no Brasil.

Nesta trajetória cabe agradecer àqueles que através de leituras de suas obras, de conversas e de aulas e palestras propiciaram melhor compreensão dos problemas sócio-econômicos do Brasil e Nordeste.

Cabe reconhecer, particularmente, a contribuição dos trabalhos de Celso Furtado, Francisco de Oliveira, Wilson Cano e Leonardo Guimaraes no estudo da questão regional no Brasil. Agradeço ainda ao corpo de professores do Instituto de Economia da UNICAMP pela oportunidade de compreender aspectos importantes do funcionamento da economia brasileira e por dois anos de estudos e convivência profícua, fundamentais à minha formação. Agradeço particularmente ao profº Wilson Cano que se prontificou a orientar esta dissertação, sempre com sugestões criteriosas, de forma que, se méritos houver neste trabalho, muito deve lhe ser atribuído. Naturalmente, os enganos existentes são de inteira responsabilidade do autor.

Finalmente, sou grato ao corpo docente do Departamento de Economia da UFS pelo apoio dispensado durante o período de elaboração desta dissertação.

INDUSTRIALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO ECONÔMICA DO NORDESTE:  
O CASO DA INDÚSTRIA TÊXTIL

	INTRODUÇÃO .....	01
I -	A INTEGRAÇÃO DOS MERCADOS E A INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE - 1930/62	
	1. A INTEGRAÇÃO DO MERCADO NACIONAL .....	16
	2. A DECADÊNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NORDESTINA .....	37
II -	TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO TÊXTIL NO LIMIAR DOS ANOS 60	
	1. DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO PARA O SETOR TÊXTIL...	56
	2. A INDUSTRIALIZAÇÃO PESADA .....	67
	3. MUDANÇA NO RELACIONAMENTO DO ESPAÇO ECONÔMICO NOR- DESTINO COM O CENTRO DA ECONOMIA BRASILEIRA.....	74
III -	POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E INDUSTRIALIZAÇÃO: O SETOR TÊXTIL - 1962/80.....	79
	1. A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA NORDESTINA.....	88
	1.1. A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NORDESTINA...	104
	2. A VINCULAÇÃO COM A ECONOMIA NACIONAL: INTEGRAÇÃO E ORIGEM DO CAPITAL.....	126
	2.1. FATORES DE MAIOR INFLUÊNCIA NA DECISÃO DE LO- CALIZAÇÃO DE PROJETOS INDUSTRIAIS NO NORDES- TE.....	141
	2.2. A ORIGEM DO CAPITAL.....	147
	2.3. A QUESTÃO DO MERCADO.....	153
	2.4. A ORIGEM DOS INSUMOS.....	167
	CONCLUSÃO.....	174
	BIBLIOGRAFIA.....	180

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é estudar a indústria têxtil nordestina e sua inserção no processo de "Integração Econômica" do Nordeste ao mercado nacional, cuja principal característica é hoje a crescente predominância da acumulação de capital a escala nacional, em contraste com o definhamento das relações exclusivamente internas à região, ou, ainda, do intercâmbio entre esta e o exterior. Realiza-se, em razão desta nova articulação, maior entrelaçamento econômico inter-regional, pouco acompanhado de maior integração inter-regional. Discutiremos, mais especificamente, a nova face da indústria têxtil do Nordeste que a partir do programa de modernização inaugurado na década de 60 apresenta características essencialmente nacionais, "desregionalizando-se".

Para avaliar estas questões deve-se sublinhar que o pensamento econômico referente à questão regional no Brasil tem evoluído em direção ao abandono do enfoque das DISPARIDADES REGIONAIS a partir da ótica estanque do exclusivamente regional, para investigar a questão do ponto de vista da formação de uma economia e de um mercado nacional.<sup>(1)</sup> Tal enfoque demonstra que os antigos complexos regionais vão perdendo o caráter de região no seu sentido político, social e econômico, posto que as contradições e o processo de acumulação extrapolam o espaço regional.

Assim, percebe-se a fragilidade das análises voltadas para a avaliação do desempenho das regiões isoladamente e, com isto, constatar-se o alargamento das disparidades regionais, especulando, por vezes, sobre as relações desiguais. Estes estudos limitam-se,

---

(1) Entre os autores que tratam a questão regional no Brasil como parte do processo de formação de uma economia nacional podemos listar: CANO, Wilson, particularmente, em sua tese de livre docência *DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS E CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL - 1930 - 1970*, MIMBO, UNICAMP, 1981; MOREIRA, Raimundo, *O NORDESTE BRASILEIRO UMA POLÍTICA REGIONAL DE INDUSTRIALIZAÇÃO*, Rio de Janeiro, PAZ E TERRA, 1979; OLIVEIRA, Francisco de, *ELEGIA PARA UMA REGIÃO: SUDENE, NORDESTE E CONFLITOS DE CLASSE*, Rio de Janeiro, PAZ E TERRA, 1977; PIMES, *DESIGUALDADES REGIONAIS NO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO*, PIMES, 1981.

na maioria dos casos, a acompanhar a evolução dos principais ind ca do res s ó c i o - e c o n ô m i c o s com o propósito de avaliar o bom ou mau desempenho da economia nordestina a partir do processo de industrialização iniciado em 1960 conforme observem a série histórica de in ve st i m e n t o, crescimento da renda, modernização do parque industrial, etc, ou o fato de não ter proporcionado níveis de emprego e renda mais satisfatórios, nem ter gerado outros impactos positivos maio res sobre parcela da economia regional.

Esse tipo de análise, apesar do avanço no campo das idéias reflete o fôlego da visão marcadamente regionalista. Não se está afirmando que não se deve avaliar as repercussões sociais e econô m i c as do processo de industrialização recente do Nordeste. Contu do, além de investigar os resultados é fundamental conhecer a dinâ m i c a e as forças que o conduziram. Nesse sentido, a industrializa ção do Nordeste para ser compreendida em sua totalidade deve ser observada como um processo de desenvolvimento das forças produti vas capitalistas a nível nacional, com imbricações sobre a econo m i a regional. Apesar do número cada vez maior de autores que se aperceberam do caráter nacional da industrialização do nordeste, re co r r e n t e m e n t e, alguns retornam à trilha das Disparidades Regionais.<sup>(2)</sup> Cabe, portanto, assinalar que o primeiro passo a ser dado é o de pesquisar as motivações e a dinâmica do processo, analisando-se em seguida os resultados deste movimento sobre a estrutura sócio-econô m i c a da região. A partir deste enfoque é possível propor alter n a t i v as para o seu progresso social. Do contrário discute-se ape nas conflitos de grupos nacionais e estrangeiros versus grupos lo ca is, estes posicionando-se como defensores dos interesses da "re gi ão" e, assim permanece o descaso com as necessidades e interesses

---

(2) Sobre a evolução dos estudos sobre a questão regional no Brasil ver JATOBÁ, Jorge, DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO BRASIL, POLÍTICAS E CONTROVÉRSIAS in RE SEN H AS DE ECONOMIA BRASILEIRA, Série ANPEC, Ed. Saraiva, 1979.

da maioria da população do Nordeste que é marginalizada do desenvolvimento econômico da própria região e do processo decisório.

Assinale-se ainda que a partir de uma visão correta da inserção do Nordeste no quadro nacional deve-se pressionar o Estado para que este adote medidas de políticas econômicas destinadas a gerar maior impacto econômico e social, fortalecendo tanto as relações inter-regionais como, sempre que possível, as relações intra-regionais. Porém, pretender estabelecer tais políticas desconhecendo a nova realidade nacional do processo de acumulação a nível nacional comandado pelo grande capital, como fizeram os primeiros planos de desenvolvimento regional, conduz a repetir a experiência recente, com o agravante de que já se passaram mais de 25 anos da elaboração do clássico documento do GTDN.

O novo enfoque assume que o surto industrial ocorrido no Nordeste a partir da criação da Sudene responde a uma nova etapa do desenvolvimento industrial brasileiro, ou, de forma mais abrangente, do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas a partir de São Paulo. Alguns autores apontam que o novo padrão de acumulação instaurado com a implementação do departamento de Bens de Produção nos estados do Centro-Sul rompe as principais barreiras técnicas ao processo de desenvolvimento capitalista e, exige, para contínua valorização do capital uma nova modalidade de relacionamento com as demais regiões brasileiras. (3)

A nova forma de articulação do Nordeste com o pólo econômico do país, Guimarães e Souza chamaram de "Integração Econômica", caracterizada primordialmente pelo traslado de capital deste último em direção ao primeiro. (4)

Este padrão de relacionamento se inicia a partir de 1962

---

(3) Sobre esta questão ver CAP. V de CANO, Wilson, op cit, e MOREIRA, op cit, CAP. VI.

(4) GUIMARAES NETO, Leonardo, e SOUZA, Aldemir do Vale. A DINÂMICA DO MERCADO DE TRABALHO NO NORDESTE.

e o governo federal desempenha papel importante na vinda de capitais para a região. A SUDENE, peça fundamental no contexto, surgiria como resposta aos movimentos sociais e políticos do final dos anos 50, com a intenção inicial explícita de planejar a "industrialização regional".

Principiar-se-ia, contudo, uma nova etapa. Concluir-se-ia a fase em que o relacionamento entre o Nordeste e São Paulo se fundamenta exclusivamente na troca de excedentes exportáveis, o período de Articulação comercial (1930-62), estabelecendo-se um padrão que assimila e supera o anterior, apresentando como característica essencial a transferência de capitais de grandes grupos industriais para o Nordeste.

Este movimento ocorre após a industrialização pesada no Governo de J.K. e a partir daí a capacidade de produção de diversos setores caminha à frente da evolução da demanda. Ademais, ao final do Plano de Metas a economia brasileira se defronta com uma crise de superprodução e as grandes empresas possuem elevado potencial de acumulação, contingências fundamentais para a transferência de capital para o Nordeste. (5)

Com base nas considerações acima, trata-se de investigar como este quadro de relações inter-regionais delineia o processo de "Integração Econômica" do Nordeste ao pólo econômico brasileiro. Em outras palavras, deve-se verificar como a economia da região, que desde o final do século XIX aumenta progressivamente o intercâmbio com o Sudeste do país, aprofunda esta relação, a partir da crise de 29 e nesta trajetória perde o caráter essencialmente regional, passando a fazer parte integrante do processo de acumulação a nível nacional.

Cabe lembrar que o movimento de rompimento das barreiras

---

(5) Cf. Wilson Cano e Leonardo Guimarães em A QUESTÃO REGIONAL NO BRASIL: TRAÇOS GERAIS DE SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA. Mimeo/1986.

regionais é anterior, em algumas décadas, à criação da Sudene. Contudo, apenas na década de 60, com a transferência significativa de capitais do centro econômico transpondo para o Nordeste modernas relações de produção e alterando a circularidade espacial do capital, é que esta articulação toma forma mais definitiva. É neste sentido, e concentrando a análise sobre o setor têxtil, que pretendo seguir nesta dissertação. Àquele esforço desenvolvido pelos autores citados cabe somar um estudo a respeito de como se situa o setor têxtil nordestino neste processo.

Para a consecução desta meta é necessário registrar, ainda que superficialmente, as fases da industrialização brasileira e os padrões de relacionamento entre as regiões, ressaltando os impactos que a passagem de uma etapa a outra tem sobre o Nordeste.

A década de 20, como lembra Wilson Cano, constitui um marco da transição da economia exportadora capitalista a uma formação industrial mais ampla preparando terreno para o que viria a ser chamado de "Industrialização restringida", esta referida ao período 1930-55. Durante esta etapa, o crescimento industrial brasileiro apesar de veloz seria "restringido" pela ausência de um setor produtor de bens de capital mais diversificado capaz de liberar a acumulação de capital de barreiras técnicas e principalmente econômicas causadas por esta situação. Neste contexto, o processo de integração dos vários mercados regionais se dá essencialmente através da relação de troca de bens e serviços posto que o capital industrial não é estimulado e nem precisa iniciar seu deslocamento em direção a outras partes do país. (6)

No período 1955/61, de "Industrialização Pesada", caracterizado pela implantação de parcela significativa da indústria de base e de consumo duráveis, estabelecem-se internamente as condições

---

(6) CANO, Wilson. Op. cit. P. 194.

faltantes para a reprodução ampliada do capital (constante e variável) assinalando o início de um novo padrão de acumulação. Com estas transformações estão gestados os novos pilares para uma alteração, também, da forma de relacionamento entre as regiões.

No que se refere ao Nordeste, esta nova etapa se inicia a partir da mudança de postura do governo federal para com a região. É quando ocorre a transferência de grupos de pólo significando que "a dominação do capital industrial via mercado, adiciona-se uma segunda dominação, via acumulação de capital, na periferia (no caso, no Nordeste) como produto de decisões tomadas pelo capital industrial sediado no centro econômico."<sup>(7)</sup> Ao movimento de interrelação regional no período 1930-60, Guimaraes e Souza denominaram "Articulação Comercial", e ao movimento referido ao período que se segue a industrialização pesada, "Integração Econômica".<sup>(8)</sup>

É importante assinalar que os impactos da articulação "pólo-periferia" tanto na primeira como na segunda etapas podem ser observados, segundo esquema proposto por Cano, a partir de Efeitos de Estímulo, Efeitos de Bloqueio ou de Inibição, e Efeitos de Destruição de acordo com "a capacidade da economia regional em assimilar e propagar internamente o desenvolvimento das relações capitalistas mais avançadas emanadas a partir do pólo".<sup>(9)</sup> Cria estímulos na medida em que a economia regional se integra ao padrão de acumulação, realizando novas frações de sua produção em mercados criados pela maior articulação; dá-se em forma de bloqueio quando a existência de algumas unidades produtivas sediadas no Centro-Sul porém atuando em todo mercado nacional impedem a instalação de plantas fabris similares na região. Finalmente, em forma de destruição quando a competição com empresas mais fortes econômica e financeiramente impelo ao fechamento das fábricas locais.

(7) Idem, p. 203.

(8) GUIMARAES E SOUZA. Op. Cit. pp. 1 a 3.

(9) CANO, Wilson. Op. Cit. p.260

Temos assim que a partir de 1960 a manifestação destes e feitos e a sorte da economia da região depende, em grande parte, de sua capacidade de se adequar ao novo padrão de industrialização comandado pelo capital oligopolizado e depois promovido pelo "planejamento regional" da SUDENE.

No bojo do processo de INTEGRAÇÃO ECONÔMICA instaurado a partir de 1962 no qual as barreiras regionais praticamente deixam de existir, os capitais regionais encontram como alternativas de sobrevivência, a de modernizar suas unidades produtivas para poder participar da concorrência do mercado nacional ou passar a limitar sua atuação a áreas de mercado menos rentáveis onde o capital oligopolizado não tenha interesse imediato de competir.

Este padrão de relacionamento forjou nova estrutura no Nordeste. Em uma tentativa de caracterizá-la poder-se-ia especificar alguns tipos básicos de empresas industriais na região. (10)

1º Empresa de capital de fora da região, de grande porte, que atua no mercado nacional e utiliza matéria prima local ou não.

2º Empresa de capital de fora da região, de grande ou médio porte, que atua no mercado regional, utilizando matéria prima local ou não.

3º Empresa de capital regional que atua no mercado nacional utilizando matéria prima local ou não.

4º Empresa de capital regional que atua basicamente no mercado da região ou tão somente em algumas localidades.

Estes seriam apenas alguns dos grupos identificáveis segundo os critérios de mercado, origem do capital e matéria prima. A partir destes grupos será possível inferir relações importantes

(10) A partir da Pesquisa BNB - SUDENE. ANÁLISE DOS PROJETOS INCENTIVADOS ATÉ O ANO DE 1978. Relatório Preliminar é possível classificar desta forma. Recife, 1980.

a respeito do processo de industrialização do Nordeste. A simples classificação das empresas nos grupos já assinala motivações distintas para a decisão de investimento na região.

A indústria têxtil do Nordeste apresenta empresas que podem se enquadrar nas quatro categorias acima descritas. Um passo importante seria o de investigar como os vários grupos de empresas têxteis se articulam à economia regional. Com isto seria possível avaliar o que resultou do Programa de Modernização da indústria têxtil do Nordeste, um dos pontos a serem analisados nesta dissertação.

Para as empresas de capital extra-regional que destinam parcela significativa de seu produto para o mercado nacional a natureza da articulação é transparente; a venda de sua produção depende da dinâmica econômica do país. As motivações para virem se instalar no Nordeste podem estar relacionadas a diversos fatores: preponderantemente pelos incentivos fiscais; secundariamente, pelas matérias primas tipicamente regionais, essenciais ao processo produtivo ou por outras vantagens proporcionais pelo poder público.

A menor ligação destas empresas à economia local se evidencia quando não utilizam matéria prima produzida na região. Neste caso, os incentivos fiscais e outras vantagens configuram-se como os principais estímulos para a montagem de unidades produtivas. Parcela considerável das empresas deste grupo, entretanto, têm na matéria prima, (ao lado dos incentivos fiscais), um dos fatores fundamentais na decisão de localização, seja matéria prima típica da região seja matéria prima que passou a ser produzida com essa industrialização. Muitas vezes a utilizam para produzir bens intermediários, fios e tecidos, que vão ser processados em outras regiões. A articulação ao mercado nacional se dá tanto pela origem do capital, quanto pelo mercado, e, em alguns casos, apresentam características mais integradas com o parque industrial do Sudeste quando se trata de fornecimento de bens intermediários que são fundamentais à estratégia

concorrencial do grupo empresarial no país. Em qualquer caso, o circuito espacial de valorização do capital extrapola os limites da economia regional.

O conjunto de empresas de capital de fora da região que atua no mercado regional poderia ter como motivação para vir se instalar no Nordeste, além dos volumosos incentivos fiscais, a determinação de se expandir nacionalmente com vista a consolidar posições presentes ou futuras na parcela do mercado nacional representado pelo Nordeste. Parece-me que os incentivos fiscais (artigos 34/18, depois o FINOR) apesar de na maioria dos casos ter sido o principal atrativo para implementação dos projetos industriais, por si só, não garantiriam a transferência de todos os grupos empresariais que para a região se dirigiram se não houvesse, por exemplo, possibilidade de venda da produção a preços compensadores. É certo que os incentivos fiscais contribuem significativamente para a elevação da taxa de lucro, porém, a determinação dos grandes grupos em ocupar o mercado regional é mais um fator de estímulo à vinda dos capitais. Contudo, acreditamos, a grande maioria das empresas têxteis de capital de fora que aqui se implantaram tinha o mercado regional apenas como complemento do mercado nacional. As empresas enquadradas nesta categoria também concorrem para a "Integração Econômica" na medida em que significa a valorização na região do capital transferido do pólo econômico, modernizando as relações de produção e acelerando a homogeneização do espaço nacional.

O terceiro grupo, de empresas de capital regional com produção destinada ao mercado nacional é constituído, na grande maioria dos casos, de unidades fabris beneficiadas pelo programa de Modernização da Indústria Têxtil do Nordeste e por novas unidades montadas após a criação do sistema 34/18. Nas fábricas implantadas a partir deste programa ou naquelas que tenham efetuado reequipamento considerável será possível produzir com vistas ao mercado de tecidos e fios de melhor qualidade. O maior número delas, entretanto, restringe-se a manufaturar fios, tecidos e artefatos mais grosseiros a

serem vendidos em diversas localidades do país.

Finalmente, conformam o quarto agrupamento, aquelas empresas de capital regional que atuam essencialmente no mercado nordestino em razão da fragilidade tecnológica e financeira. O próprio estado dos equipamentos em operação nas fábricas, juntamente com as dificuldades de distribuição, não permitem que atinjam os mercados consumidores de outras regiões, nem mesmo o público de nível de renda mais elevado da própria região.

Um fato a ser observado é o de que apesar do capital oligopolizado de origem nacional ou estrangeira, a partir de São Paulo, comandar o processo de "Integração Econômica" inclusive no setor têxtil, os grupos locais também participam deste movimento. Assim, para a gestação de uma economia nacional, segundo palavras de Francisco de Oliveira, o capital oligopolizado deve "submeter o próprio capital das outras "regiões" às leis de reprodução e às suas formas que passavam a ser predominantes na "região" que assumiu o controle do processo de industrialização... É tão necessário penetrar como capital propriamente dito, quanto obrigar os capitais das regiões a serem capturados a procurar seguir os passos da "região" que busca ser hegemônica ...".<sup>(11)</sup> Neste sentido, é fundamental que o capital regional alocado no setor têxtil (ou em outro setor) passe a se regular pelo padrão de acumulação a nível nacional que é dado pelo grande capital. A penetração deste e a evolução da economia nacional via efeitos de estímulos, de bloqueio e de destruição, forjarão o processo. Para aquelas empresas de capital regional voltadas para o mercado nacional a valorização do capital depende da ampliação da demanda e da renda no país e, muitas vezes, de recursos financeiros oriundos do pólo econômico. As empresas que destinam a produção ao mercado regional também estão articuladas nacionalmente, posto que o grande capital transferido para o Nordeste é o carro chefe da in

---

(11) OLIVEIRA, Francisco. Op. Cit. pp. 77-78.

dustrialização, do crescimento da renda e do processo de urbanização.

A nova dinâmica e estrutura industrial nordestinas são modeladas a partir dos investimentos efetuados pelas grandes empresas nacionais e estrangeiras sediadas no pólo. Da capacidade de adaptação ao novo padrão de acumulação depende a sobrevivência das empresas de capital local e, mesmo, parte do desenvolvimento econômico da região.

No movimento de "Integração Econômica" o motor das transformações é o crescimento industrial incentivado pelo governo federal.

\*

Entre 1960 e o início da crise dos anos 80, a região conheceu taxas de crescimento da produção muito mais elevadas do que na década de 50. Deve-se levar ainda em consideração a importância das "externalidades" proporcionadas pela instalação da indústria moderna sobre os setores de serviços e comércio. Com efeito, o processo de industrialização na região tem amplas repercussões sobre todas as atividades urbanas: estrutura-se uma administração pública e privada moderna; estimula-se a expansão da construção civil, setor imobiliário, do setor financeiro, dos serviços industriais e pessoais etc, para atender a demanda de uma sociedade urbana em crescimento e de uma nova classe média, alterando-lhe, inclusive, os hábitos.

No bojo destas transformações, o setor têxtil do Nordeste

veria refletidos sobre si os efeitos de estímulo, de bloqueio e de destruição. Implanta-se um parque têxtil moderno articulado essencialmente a economia nacional e capacitado para operar com produtividade mais elevada e para elaborar bens mais sofisticados. Estas transformações se dão até mesmo para atender ao mercado mais sofisticado que surge com a expansão urbana no Brasil. (12)

Contudo, ao lado dos dados positivos, apresentam-se, de forma bastante intensa os aspectos negativos sobre o setor têxtil regional. Isto ocorre devido a incapacidade do antigo parque fabril de se adaptar ou de competir com as fábricas do Centro-Sul e, agora, com as unidades produtivas recém instaladas na região a partir da política de incentivos do Governo Federal. Assim, diversas fábricas tiveram de encerrar as atividades e o desemprego gerado não é compensado com a entrada em funcionamento das fábricas modernas.

Grave também é a pequena articulação do parque industrial nordestino, seja no setor têxtil, seja nos demais ramos, com as atividades pré-existentes ou recém-implantadas na região. Para ilustrar, pode-se lembrar que apenas 4% dos equipamentos adquiridos pelas empresas incentivadas provêm do Nordeste, refletindo escassos efeitos inter-industriais. No que se refere aos insumos totais utilizados, tão somente 50% é produzido na região, o que sob a ótica da demanda efetiva representa um grande vazamento de renda e "redução" no emprego. Os efeitos para frente também não traduzem maior impacto direto dado que grande parte da produção industrial é essencialmente voltada para o mercado nacional.

Contudo, para se ter uma avaliação correta dos impactos da industrialização do Nordeste este tipo de análise é insuficien

---

(12) MOREIRA, Raimundo. Op. Cit. p. 129, estima que cerca de 13% dos investimentos incentivados são realizados no setor têxtil.

te. Deve-se assinalar, por exemplo, que parte dos vazamentos de renda provocados pela aquisição de insumos de fora é compensada pela compra de outras regiões do país de produtos elaborados internamente.

Deixando-se de lado o objetivo de um crescimento "autárquico" para o Nordeste, é fundamental levar em consideração não só os efeitos inter-industriais internos à região, como também de uma forma mais ampla, posto que está se processando uma integração do mercado nacional. Assim, deve-se buscar maior integração com as demais regiões e, ao mesmo tempo, perseguir maiores relações inter-regionais. (Este ponto é discutido no capítulo III). Neste sentido, é imprescindível repensar e inscrever politicamente a posição do Nordeste em uma estratégia de desenvolvimento brasileiro.

No capítulo I "A Integração dos Mercados e a Indústria Têxtil do Nordeste - 1930/62" discutimos o processo de aproximação econômica das regiões brasileiras, notadamente após a grande depressão, anotando como a indústria têxtil do Nordeste se comporta. A crescente articulação comercial entre o Nordeste e o Sudeste traz repercussões sobre o mercado têxtil nacional. Neste processo a indústria da última região avança fortemente sobre o mercado da primeira. A indústria têxtil nordestina entrara em uma competição com desvantagens herdadas do período anterior e com isto terá cada vez maiores dificuldades para continuar crescendo. O aumento da competição nos anos 50 reforça esta situação provocando fechamento de diversas fábricas. Ao final desta década, os órgãos de desenvolvimento regional do Nordeste (BNB e SUDENE) encontram um setor com parque fabril quase inteiramente obsoleto e com perda acentuada de participação no produto têxtil nacional.

No capítulo II "Transformações no Mercado Têxtil No Limiar dos Anos 60" são analisados três movimentos que trazem condicionamentos importantes sobre a trajetória da indústria têxtil do Nordeste. Primeiramente, o rápido desenvolvimento tecnológico que

vem ocorrendo a nível mundial para o setor têxtil, que introduz novos elementos na competição no setor. Novas fontes de matéria-prima e novos equipamentos criam possibilidade de diversificação e de elevação de produtividade que alteram significativamente o mercado têxtil nacional com implicações claras sobre o parque têxtil nordestino. São concretizadas barreiras à entrada criando segmentação mais visível entre as fábricas capitalizadas e pouco capitalizadas. Ainda nesta linha, o processo de "industrialização pesada" com suas repercussões sobre a estrutura industrial e o desenvolvimento urbano no país é também um novo elemento condicionante do mercado têxtil. A modernização por que passa o país tem impactos diretos sobre o setor têxtil. O terceiro movimento diz respeito à mudança de relacionamento entre o Nordeste e o centro econômico brasileiro a partir da transferência maciça de capital industrial para aquela região, provocando aceleração no crescimento econômico e modernização nas relações de produção. Neste processo, são transferidos capitais para o setor têxtil nordestino modernizando fábricas antigas e, o que é ainda mais importante, implantando novas fábricas com produtividade elevada e diversificação produtiva.

Esse capítulo tem por finalidade apresentar o quadro de maior complexidade no qual dar-se-ia a evolução do setor têxtil nordestino a partir do início dos anos 60.

O capítulo III "Política de Desenvolvimento Regional e Industrialização: O setor Têxtil - 1962-1980" é dividido em duas partes. Na primeira observa-se a evolução industrial nordestina e do segmento têxtil buscando apreender as principais transformações por que passam durante o processo de Integração Econômica do Nordeste. A evolução do setor industrial e da política do governo federal para a região é um dos temas tratados. Mais detidamente são avaliados o desenvolvimento do setor têxtil, as fases do Programa Têxtil, a modernização setorial e a diversificação produtiva. Busca-se ainda localizar o surgimento do Programa Têxtil dentro do momento histórico que

atravessa a região e o país nos últimos anos da década de 50 e nos primeiros da de 60. Essa "demarche" é imprescindível ao entendimento do tipo de política adotada e às mudanças que se seguem.

Na segunda parte, analisa-se a vinculação da indústria têxtil nordestina com a economia nacional. O esforço é no sentido de perceber como um determinado setor industrial nordestino, com segmentos antigos e modernos, se articula com a economia nacional. Avalia-se, sobretudo, quais as motivações e sentido dessa articulação e o que ela representa para o setor têxtil da região, acreditando-se que algumas relações são válidas para a indústria nordestina como um todo. Inicialmente são feitas reflexões sobre o significado da integração econômica para o desenvolvimento do Nordeste e, em seguida, são apresentados alguns aspectos da vinculação do setor têxtil regional com a economia nacional.

## CAPÍTULO I

## A INTEGRAÇÃO DOS MERCADOS E A INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE

1930/62.

É nos anos seguintes à grande depressão que o crescimento urbano-industrial passa a ter importância predominante na determinação da evolução econômica brasileira, superando o período conhecido como exportador capitalista.<sup>(1)</sup> A partir de então mais do que o setor externo, são as decisões de investimentos que delineiam a forma e o ritmo de crescimento econômico do país. É o chamado deslocamento do centro dinâmico da economia brasileira, que, por sua vez, determinará uma nova etapa de relações econômicas entre as regiões.<sup>(2)</sup>

Os anos 50 aparecem como período fundamental para o entendimento da integração mais avançada dos mercados nos anos 60, que apresentariam a dominação do mercado nacional via acumulação de capital, pelo centro dominante da economia brasileira sobre a periferia nacional. A partir de então teríamos o período de Integração da economia nordestina à economia nacional, segundo Guimarães e Souza.<sup>(3)</sup> Após 1962 mais do que competição dos produtos das empresas nos mercados regionais, temos a transferência do capital produtivo do pólo para a periferia, "homogeneizando" os espaços regionais, transformando

---

(1) Sobre este assunto ver "Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil" de Wilson Cano, particularmente. Cap. V.

(2) Celso Furtado em "Formação Econômica do Brasil" discute o sentido deste deslocamento. Mais tarde J.M. Cardoso de Meilo em "Capitalismo Tardio" mostra que só a partir de 30 começa de fato o processo de industrialização brasileira, com a determinação da dinâmica econômica a partir de setor industrial, e denomina a etapa de 1930-55 de "Industrialização Restringida".

(3) Este conceito foi desenvolvido por Leonardo Guimarães e Ardemir Souza no texto "A Dinâmica do Mercado de Trabalho do Nordeste", MIMRO, S. e em seu Projeto de tese de doutoramento Guimarães trata com maior profundidade deste assunto.

a circularidade espacial do capital, redefinindo a divisão regional do trabalho e acentuando a integração nacional.<sup>(4)</sup>

## 1. A INTEGRAÇÃO DO MERCADO NACIONAL

Como dissemos, o deslocamento do centro dinâmico após a Grande Depressão de 29 viria marcar nova etapa no desenvolvimento econômico brasileiro e nas relações entre as regiões.

De fato, até então, os antigos complexos econômicos regionais, na sua origem voltados para o exterior, delinearão uma crescente, porém ainda pequena relação com as demais regiões e com o mercado interior. No caso do Nordeste isto ocorreu em razão da marginalização de seus principais produtos no mercado externo e também do crescimento do mercado paulista a partir da expansão cafeeira na segunda metade do século XIX<sup>(5)</sup>, como no caso do açúcar e do algodão, este após 1880.

A partir do momento em que o crescimento industrial brasileiro passa a ser o principal determinante do desenvolvimento econômico acentua-se o processo de integração do mercado nacional, representativo de uma progressiva interação regional.

O movimento de integração que aí nasce é fruto do novo padrão de crescimento centrado no desenvolvimento industrial localizado sobretudo em São Paulo. O significado deste processo de integração deriva do fato de "o mercado local ou regional cativo" que cada unidade produtiva (agrícola, industrial, etc.) encontrava para colocar sua mercadoria se torna continuamente mais exposto a incursões por parte de produtores de outras regiões. Em outros termos, reduz-se o grau de proteção para as empresas regionais. É importante su

(4) Ver Wilson Cano, op. cit; Guimaraes e Souza, op. cit; e Francisco de Oliveira, "Elegia para uma Re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflitos de Classe".

(5) Sobre a Dinâmica da Economia Cafeeira e sua influência sobre as economias regionais ver "Raízes da Concentração Industrial em São Paulo" de Wilson Cano e, Sérgio Silva "Café e Indústria no Brasil (1891/1930)".

blinhar que o próprio crescimento industrial paulista exige a busca de novos mercados para colocação dos seus produtos.

Em grandes linhas, o quadro é de maiores relações comerciais entre as diversas regiões de forma que as empresas mais dinâmicas e de maior porte, seja de São Paulo, do Nordeste ou de outra localidade, destinam parcela crescente de sua produção para fora de sua região de origem.

Como já foi discutido anteriormente é a partir de São Paulo que são emanados os principais determinantes desse processo de integração dos mercados,<sup>(6)</sup> em dois sentidos:

Primeiro, é o crescimento da indústria paulista, em que a produção em vários setores de bens de consumo cresce acima da capacidade de absorção do mercado regional que explica a penetração mais significativa nos mercados regionais. Segundo, dada a perda relativa de proteção nos seus mercados, por um lado, e a elevação da renda no Centro-Sul devido ao processo de industrialização, de outro, as agropecuárias e as indústrias regionais são atraídas para uma maior participação no mercado nacional.

Os impulsos gerados com a industrialização em São Paulo se traduzem não só no processo de integração do mercado nacional como também na formação da periferia nacional. Assim as novas relações entre as regiões são no sentido de que é a partir de São Paulo, sobretudo, que são emanados os impulsos de integração. E a evolução econômica das demais regiões relaciona-se à capacidade de assimilá-los. Para as regiões, as relações comerciais com São Paulo se expandem rapidamente e vão assumir progressivamente mais importância do que o comércio com o exterior.<sup>(7)</sup>

É fundamental neste movimento, a política industrializante

(6) Sobre este assunto ver CANO, Wilson, "Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil, 1930-1970."

(7) Idem. Cap. V: "A Integração do Mercado e Constituição da Periferia Nacional".

te do governo federal, levada em frente a partir de 1930.<sup>(8)</sup> Entre outras orientações, se apresentam como estimuladoras da integração, a política cambial, o controle de importações e outros instrumentos utilizados para assegurar um certo grau de proteção à indústria nacional. Da mesma forma é fundamental a construção de rodovias interligando o centro industrial às várias regiões e a abolição dos impostos interestaduais.

Enquanto o primeiro conjunto de medidas encarece ou mesmo impede a importação de alguns produtos manufaturados elaborados internamente, o segundo conjunto representa um barateamento dos produtos a serem colocados nas demais regiões configurando, portanto, uma redução no grau de proteção dos mercados regionais.

Wilson Cano assinala que os resultados econômicos desta maior integração entre as economias regionais podem ser distintos para cada uma delas de acordo com a capacidade "de assimilar e propagar internamente o desenvolvimento das relações capitalistas de produção mais avançadas, que são emanadas do pólo!"<sup>(9)</sup> Assim, de acordo com a estrutura econômica e relações sociais de produção vigentes, as diversas regiões poderiam assimilar os impulsos advindos da industrialização em São Paulo, em termos de a) efeitos de estímulo b) efeitos de inibição ou bloqueio, e c) efeitos de destruição.<sup>(10)</sup>

No que se refere ao Nordeste estes efeitos ocorrem com maior ou menor vigor de acordo com o período em questão e com setores que se pretenda investigar. Assim, alguns setores respondem negativamente à penetração mais acentuada de produtos da indústria paulista no mercado nordestino, na medida em que não conseguem competir em preço e em qualidade.

Por outro lado, os setores industriais e empresas mais capitalizados e com maior poder de competição podem participar do cres

---

(8) Ver de Raimundo Moreira "O Nordeste Brasileiro: Uma Política Regional de Industrialização", p. 42 e seguintes.

(9) Wilson Cano, "Desequilíbrios Regionais..." p. 260

(10) Idem, p. 238 e seguintes.

cimento dos mercados, inclusive do centro-sul, atuando em áreas de competição ou aumentando a produção para mercados complementares.

No caso da indústria têxtil do Nordeste, nosso objeto de análise, esta é fortemente afetada pelo aprofundamento do processo de integração do mercado nacional. É bem verdade que as grandes empresas têxteis já vendiam para as várias regiões desde fins do século XIX.<sup>(11)</sup> No entanto, a parcela de produção oriunda de fora não era de magnitude suficiente para ameaçar o "mercado cativo" que possuíam.

A partir de 1930, com o crescimento das unidades produtivas paulistas este padrão de relacionamento começa a ser alterado no sentido de maior integração dos mercados. Em uma primeira fase, até início dos anos cinquenta, para a indústria nordestina, como um todo, e para o setor têxtil, em particular, os resultados da integração dos mercados eram marcados pela predominância dos efeitos de inibição ou bloqueio e mesmo de estímulo, porém, ainda não de destruição.<sup>(12)</sup>

Os motivos são vários. Trataremos de alguns deles nas linhas que se seguem.

Os efeitos de destruição só viriam a ocorrer de forma mais acentuada a partir da década de 50 quando a conjunção de alguns fatores fazem acirrar a competição intra-setorial e inter-regional.

Um primeiro aspecto relevante deriva de que até o final da Segunda Guerra o mercado para o setor têxtil era suficientemente amplo para que as fábricas das diversas regiões se mantivessem em funcionamento ou mesmo se expandissem, como de fato ocorreu. Por duas razões.

(11) Cf. Stein Stanley. "Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil - 1850-1950". p. 86-87.

(12) Cf. Wilson Cano, "Desequilíbrios Regionais..." Cap. III e V.

Primeiro, porque o crescimento dos centros urbanos, a in dustrialização e a substituição de produtos importados traduziam -se em crescimento de demanda por têxteis.

Segundo, porque o conflito bélico viria a marcar um pe ríodo de grande expansão externa dos mercados para este setor e de limitada possibilidade de importar equipamentos para expandir a ca pacidade produtiva das fábricas.

Diversos documentos tratam da importância da Segunda Guerra para o setor têxtil nacional. O período de guerra é apresenta do como momento no qual

"há uma excepcional expansão das atividades econômicas orientadas para a satisfação do consumo interno, antes atendido pelas importações. Como os fornecedores tradi cionais do Brasil estão envolvidos no conflito, abriu-se uma brecha no mercado interno que foi suprida através do sur incremento da produção das unidades existentes e do sur gimento de outras. No caso do ramo têxtil, as fábricas passaram a operar com mais turnos de trabalho e além de atender a demanda interna, não satisfeita pela importa ção, passou a suprir também os mercados localizados na América Latina, Europa, África e Estados Unidos. O cre scimento "anormal" de produtos têxtil foi possível, mesmo a preços mais elevados, uma vez que atravessava uma si tuação de emergência a nível mundial. (13)

Trata-se, portanto de um período de euforia da indústria têxtil nacional, inclusive em razão da impossibilidade de importar equipamentos para expandir de modo significativo a capacidade pro dutiva o que reabriria a concorrência interna. Assim, o efeito de destruição não haveria como se manifestar.

---

(13) SUDENE: "Pesquisa Sobre a Indústria Têxtil do Nordeste". p. 22.

O conflito bélico reprimiu fortemente a importação de maquinaria para indústria têxtil, impedindo maior expansão de capacidade produtiva do setor. Como se pode observar a partir dos dados levantados por Stein (vide quadro 1), após um período de crescente importação desde a recuperação econômica de 1933, as compras externas de maquinaria têxtil se reduzem acentuadamente ao longo dos anos da guerra. Depois de atingir 11 137 toneladas de máquinas importadas, em 1938, esta quantidade cai para 5 855 em 1939, 4 091 em 1938, 3 450 em 1941, 2 776 em 1942, e, seu menor nível, 1 375 t em 1946. Após o período 33-38 em que as importações de equipamentos apresentaram crescimento sustentado e média anual de 5.865 toneladas segue-se, no período 39-43, queda contínua na importação de equipamentos têxteis e a média anual de maquinaria importada cai para 3.509 toneladas.

O período de guerra terá amplas repercussões sobre a indústria têxtil brasileira. Ao seu final duas das condições que garantiam a rentabilidade e a convivência no mercado têxtil deixariam de existir. De um lado, a perda substantiva do mercado internacional representou uma queda na demanda por têxteis brasileiros; de outro, a recuperação do nível de importação do país conduz a uma elevação na capacidade produtiva e na produtividade do setor, ou seja, aumentou a oferta potencial. (14)

No que se refere ao mercado internacional, o término da guerra, considerando-se uma defasagem de cerca de dois anos para que o parque fabril das nações envolvidas no conflito pudessem voltatar a competir, configura o alijamento quase total dos produtos têxteis brasileiros neste mercado. Como mostra o quadro 2, enquanto nos anos de conflito nossas exportações foram superiores a 20,0 mil toneladas de tecidos de algodão, já em 1948 este quantum reduz-se

---

(14) O Documento "A Indústria Têxtil do Brasil", da CNI, lembra que as taxas de câmbio fixas em vigor até 1953, ajudam a alijar a produção brasileira no mercado internacional, e obriga as empresas a deslocar a produção para o mercado interno. P. 99.

(15)

TABELA 01

## Máquinas Têxteis Importadas pelo Brasil, 1913 - 1950 (Quilos)

ANO	Fiação- tecelagem não-numera- das	Rolos de estam- par mu- rim	Teares	Acessó- rios não-nu- merados	Total
1913					13.344.766
1914 <sup>a</sup>					
1915	1.199.981	7.138	296.920	690.222	2.194.261
1916	1.356.291	a	295.494	797.853	2.449.638
1917	1.016.965	a	323.140	662.249	2.002.354
1918	1.498.746	1.110	670.589	761.125	2.931.570
1919	1.410.069	9	530.234	812.585	2.752.897
1920	2.444.557	12.980	736.890	1.077.824	4.262.251
1921	3.934.220	3.711	1.223.313	1.133.340	6.294.584
1922	3.852.666	16.304	1.107.672	1.657.893	6.634.535
1923	4.211.940	1.753	2.454.936	2.169.605	8.838.243
1924	6.565.364	4.165	2.045.650	1.577.035	10.192.214
1925	12.264.623	71	3.374.682	2.219.361	17.858.757
1926	6.632.029	2.854	1.789.583	1.905.316	10.429.782
1927	3.584.536	91	1.442.606	1.716.440	6.743.675
1928	3.507.184	27.241	1.277.143	1.482.186	6.243.754
1929	2.736.453	2.154	625.044	1.283.350	4.647.001
1930	1.151.362	4.866	107.971	721.844	1.986.043
1931 <sup>a</sup>					
1932 <sup>a</sup>					
1933	971.626	27.798	75.877	975.853	2.051.134
1934	2.455.935	27.477	310.099	1.318.179	4.111.690
1935	2.015.534	22.455	347.928	1.489.231	3.875.148
1936	3.703.121	3.032	232.614	1.407.621	5.346.388
1937	6.818.524	20	969.234	859.130	8.646.908
1938					11.137.000
1939					5.855.000
1940					4.091.000
1941					3.450.000
1942					2.776.000
1943					1.375.000
1944 <sup>a</sup>					
1945					26.021.000
1946 <sup>a</sup>					
1947 <sup>a</sup>					
1948					18.025.197
1949					19.233.459
1950					15.356.000

<sup>a</sup> Dados não disponíveis - 1914/1931/1932/1944/1946/1947.

para 5,6 mil toneladas. Em 1950 restava para os produtos brasileiros uma faixa muito restrita do mercado com as exportações limitando-se a 1,3 mil toneladas de tecidos de algodão. A conclusão é de que "com a normalização paulatina do mercado internacional, perdemos nossos compradores e o obsoletismo do equipamento em operação ficou patenteado". (16)

TECIDOS DE ALGODÃO (EM QUILOS) EXPORTADOS PELO

BRASIL ENTRE 1938/1950 (17)

1938	247.739
1939	1.981.734
1940	3.958.371
1941	9.237.932
1942	25.168.682
1943	26.045.818
1944	20.069.806
1945	24.246.510
1946	14.102.848
1947	16.678.215
1948	5.637.644
1949	4.010.567
1950	1.361.359

O antigo distrito federal foi a unidade da federação mais beneficiada pelo extraordinário crescimento das exportações de tecidos durante a segunda guerra passando de 609 t (média do período 38/39) para 6.066 t em 1941 até atingir 17.801 t em 1945. A partir daí as exportações caem abruptamente, com recuperação parcial em 1947, quase desaparecendo em 1952. Pernambuco e São Paulo apresentaram trajetórias semelhantes no que se refere às exportações têxteis no período. Contudo tiveram índice de crescimento menos acentuado e

(16) SUDENE. Op. Cit. P. 24.

(17) O Quadro 2 foi extraído do Texto "Algodão e Tecidos no Nordeste (um caso típico de interrelacionamento de agricultura e indústria) de Chacon, tendo sido apresentado originalmente em "História Política e Industrial do Brasil" de Heitor Ferreira Lima.

## BRASIL

## EXPORTAÇÃO DE TECIDOS DE ALGODÃO SEGUNDO PRINCIPAIS PROCEDÊNCIAS

1938-52

(EM TONELADAS)

ESTADOS	ANOS													
	MÉDIA 38/39	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	
PERNAMBUCO *	52	-	-	-	-	564	891	473	115	389	179	71	6	
DISTRITO FEDERAL	509	6.066	16.526	17.732	11.705	17.801	8.544	11.292	4.738	2.868	997	940	96	
SÃO PAULO	401	2.622	6.782	7.312	6.845	5.648	4.633	4.821	758	313	83	421	37	
BRASIL	1.115	9.238	25.169	26.046	20.070	24.247	14.103	16.678	5.638	4.011	1.361	1.596	153	

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. VÁRIOS ANOS.

\* Dados não disponíveis para Pernambuco nos anos de 41, 42, 43 e 44.

## BRASIL.

## EXPORTAÇÃO DE TECIDOS DE ALGODÃO SEGUNDO PRINCIPAIS PROCEDÊNCIAS

ÍNDICE DE EVOLUÇÃO 1938.52.

ANOS	MÉDIA 38/39	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52
ESTADOS													
PERNAMBUCO	100	-	-	-	-	1.084,6	1.713,5	909,6	221,2	748,1	344,2	136,3	11,5
DISTRITO FEDERAL	100	996,1	2.713,6	2.911,7	1.922,0	2.923,0	1.403,0	1.854,2	778,0	470,9	163,7	154,4	15,8
SÃO PAULO	100	653,9	1.691,7	1.823,4	1.707,0	1.408,4	1.155,4	2.202,2	189,0	78,1	20,7	105,1	9,2
BRASIL	100	828,5	2.257,3	2.336,0	1.800,0	2.174,6	1.264,8	1.495,8	505,7	359,7	122,1	143,1	13,7

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Vários anos.

\* Dados não disponíveis para Pernambuco nos anos 41, 42, 43 e 44.

por conta disso conhecem queda um pouco menos violenta no ap<sup>o</sup>s guerra, embora a s<sup>e</sup>rie para Pernambuco esteja incompleta prejudicando uma an<sup>a</sup>lise mais conclusiva a este respeito. A queda brusca das exportações t<sup>e</sup>xteis brasileiras estava associada n<sup>o</sup> s<sup>o</sup> à reto xmada do mercado por parte dos pa<sup>i</sup>ses centrais como, certamente em menor grau (sobretudo nos anos 50), pela pol<sup>i</sup>tica de camb<sup>i</sup>o fixo adotada pelo Brasil no ap<sup>o</sup>s guerra, que teria reduzido a competi<sup>t</sup>ividade do setor no mercado mundial. Ap<sup>o</sup>s 1952 o anu<sup>a</sup>rio estat<sup>i</sup>stico brasileiro, do IBGE, deixa de incluir tecidos entre os principais produtos exportados pelo pa<sup>i</sup>s. Assim ao final deste per<sup>i</sup>odo o mer<sup>c</sup>ado externo estava extremamente limitado para a ind<sup>u</sup>stria t<sup>e</sup>xtil brasileira que teria que voltar-se para o mercado interno fazendo aumentar a competi<sup>ç</sup>o no setor.

Quanto à capacidade produtiva da ind<sup>u</sup>stria t<sup>e</sup>xtil brasileira, esta conheceria um acr<sup>e</sup>scimo consider<sup>á</sup>vel nos anos que se seguiram à guerra. Durante o conflito as empresas apresentam rentabilidade elevada, proporcionando acumula<sup>ç</sup>o de excedentes em quantidade. Fimdo o conflito, um grande n<sup>u</sup>mero delas se encontra com x possibilidades de importar m<sup>a</sup>quinas e equipamentos necess<sup>á</sup>rios à moderniza<sup>ç</sup>o e a implanta<sup>ç</sup>o de novas f<sup>a</sup>b<sup>r</sup>icas, elevando o poder de competi<sup>ç</sup>o, notadamente, no mercado interno. A este respeito podemos verificar a recupera<sup>ç</sup>o na quantidade de equipamentos adquiridos ao exterior. Enquanto no per<sup>i</sup>odo de maior dificuldade, o total destas importa<sup>ç</sup>oes n<sup>o</sup> atingiu 1,5 mil toneladas, j<sup>a</sup> em 1946 s<sup>o</sup> efetuadas compras externas de 26,0 mil toneladas de maquinarias texteis e estas importa<sup>ç</sup>oes permanecem elevadas nos anos seguintes. O resultado imediato deste movimento é a eleva<sup>ç</sup>o da capacidade produtiva do setor e suas consequ<sup>e</sup>ncias sobre a competi<sup>ç</sup>o no mer<sup>c</sup>ado.

De uma situa<sup>ç</sup>o em que o mercado era "suficiente" para todos, o final da guerra, com a perda do mercado externo e o aumento da capacidade produtiva interna (inclusive com m<sup>a</sup>quinas mais modernas e mais produtivas) conduz ao acirramento da competi<sup>ç</sup>o da

indústria têxtil nacional com repercussões diretas sobre as unidades produtivas localizadas nas regiões mais atrasadas que não se prepararam convenientemente para o quadro gestado

Segundo documento elaborado pela CNI (1950)

"modernas instalações completas eram encomendadas no estrangeiro enquanto a produção nacional de máquinas crescia por sua vez de importância. Resultou daí a elevação da capacidade de produção que passou de cerca de 900 milhões de metros em equilíbrio com o consumo interno a pelo menos 1.200 milhões com um excedente que a população do país não pode absorver presentemente. É esse o grande problema têxtil que o período de guerra nos legou e de sua solução satisfatória depende o futuro de nossa maior indústria manufatureira com repercussão profunda em toda economia do país". (18)

A situação no pós guerra é de grande modernização do parque têxtil com elevação da capacidade produtiva acima da capacidade de absorção do mercado interno, em um momento em que o mercado externo encontra-se "bloqueado" para a indústria nacional.

Um segundo aspecto deriva do fato de que é na década de 50, com a ligação rodoviária do Nordeste ao Sudeste, que o mercado nordestino torna-se mais exposto à penetração de mercadorias produzidas naquela região. Como lembra estudo de Olímpio Galvão, os vínculos entre as regiões

"estreitam-se lentamente com o desenvolvimento do transporte de cabotagem, tomam algum impulso com as ligações ferroviárias interestaduais, que tem início ainda no século passado, mas passam a registrar notável expansão somente após a 2ª guerra mundial, com o transporte rodoviário. Foi este meio transporte, o único instrumento, de fato, de ligação definitiva das várias regiões brasileiras entre si". (19)

Naturalmente, a construção destas rodovias é reflexo e responde ao avan

(18) CNI. Op. Cit, p. 18.

(19) Galvão, Olímpio. "Integração Econômica, Comércio e Desenvolvimento Regional", p. 309, in Desigualdades Regionais no Desenvolvimento Brasileiro - do PIMES.

ço da industrialização nacional, que necessita dos mercados regionais para se expandir. Neste processo, eleva-se rapidamente a concentração industrial em São Paulo, que em 1919 respondia por 53,8% do valor de transformação industrial do Brasil, em 1939 participava com 40,9% e em 1949 possuía cerca da metade (48,9%) do VTI nacional. No setor têxtil a concentração industrial em São Paulo é mais acentuada de que a média da indústria brasileira: em 1919 aquele estado concentrava 38,6% do VTI têxtil nacional, atingia 51,2% em 1938, 55,3% em 1949 e 57,0 em 1959.

Considerando os dois aspectos em questão (o fato do mercado não ser mais "suficiente" para todas as empresas têxteis sobreviverem e se expandirem e a construção de rodovias interligando as regiões) temos que a competição haveria de acentuar-se e as unidades produtivas que não se modernizaram no imediato pós-guerra, e, portanto, encontravam-se menos aptas para esta situação, veriam suas vendas declinarem perigosamente, obrigando em inúmeros casos, ao encerramento da produção. É quando os efeitos de destruição do processo de integração do mercado nacional começam a se manifestar com mais vigor.

Este aumento da competição se dá de forma em que, as empresas maiores e mais produtivas crescem e concentram capital à custa da conquista das faixas de mercado de empresas menos competitivas, conformando um processo de centralização do capital. Neste sentido, o fechamento de fábricas nordestinas não se trata de uma "conspiração" contra a economia da região e, sim, de competição de empresas com distinto poder de mercado. É evidente que o governo federal, através de medidas de política econômica pode interferir nesta disputa, e, geralmente o faz em nome do "interesse econômico nacional", ou respondendo a pressões regionais, setoriais ou de grupos. (20)

(20) Sobre questão tão polêmica ver "Desigualdades Regionais..." Cap. I, de Wilson Cano e "Efeitos Espaciais da Política Nacional de Desenvolvimento Industrial" de Jorge Jatoby e John Redwood III, in "Desigualdades Regionais no Desenvolvimento Brasileiro" do PIMES. Wilson Cano discute sobretudo a respeito de política cambial, e a relação gastos/arregalção por região. Jatoby e Redwood, além destes pontos, observam a concessão de financiamento por parte de BNDES e os investimentos estatais.

É importante assinalar que estas transformações que estão ocorrendo na indústria têxtil brasileira são semelhantes à de vários setores. Assim, os efeitos de destruição, particularmente nos ramos de bens de consumo não duráveis e notadamente nas regiões sul e nordeste, são fortes e frequentes levando a reações de setores políticos regionais.

No pós-guerra, em virtude da perda do mercado externo, da elevação da capacidade produtiva e da melhoria nas ligações viárias, a indústria têxtil do nordeste se defronta com o acirramento da competição e a perda relativa da proteção no mercado regional.

Contam para esta corrida desvantajosa não só os custos médios mais elevados que apresenta a têxtil nordestina como a mudança no perfil da demanda em favor de tecidos médios e finos para os quais as fábricas localizadas na região não estavam preparadas tecnologicamente para produzir. Isto se deve ao fato de que é apenas um pequeno número de fábricas, segundo pesquisa efetuada em 1959,<sup>(21)</sup> conseguiu se reequipar no imediato pós-guerra, preparando-se para modificar a qualidade do produto e assim ser capaz de se manter nas faixas de mercado mais rentáveis.

A incapacidade da grande maioria das fábricas de se modernizarem leva a um círculo vicioso. Não se modernizam diante da incapacidade financeira que decorre, por sua vez, da menor rentabilidade e produtividade das fábricas, e, por não se modernizarem, tanto a rentabilidade quanto a produtividade tendem a decair com o tempo. Esta fragilidade econômica e financeira seria fatal para várias empresas em um momento em que a competição no setor se eleva, inclusive com a entrada no mercado regional de empresas mais produtivas e com produtos de melhor qualidade.

No documento elaborado pelo GTDN, em que a indústria têx

---

(21) SUDENE - "Sumário do Programa de Reequipamento da Indústria Têxtil Regional", Recife, 1962.

til tem espaço próprio como um dos setores a serem contemplados pela política de industrialização, a perda da capacidade competitiva da indústria têxtil regional é atribuída à política do governo federal de estimular o reequipamento e implantação de fábricas têxteis no pós-guerra, sobretudo via política cambial. Na avaliação do GTDN, a política de modernização, na medida em que a introdução de novos equipamentos se revertia sobretudo em redução dos custos com mão-de-obra, tornava-a muito mais atraente e mesmo mais viável em termos de cálculo econômico para as unidades produtivas localizadas no Centro-Sul. Para estas a economia gerada pela inovação seria significativa. Para as têxteis do Nordeste, tendo em vista o baixo custo da mão-de-obra na região, a empreitada não traria benefícios proporcionais se comparados os custos com o reequipamento e a redução dos gastos salariais.

"Entre mecanizar a indústria têxtil no Sul ou no Nordeste, convinha mais mecanizá-la onde os salários eram, relativamente elevados, isto é, no Sul. Ora, ao tomarem esta decisão, os industriais estavam incorporando às indústrias do Sul a quase totalidade do volumoso subsídio que o governo proporcionava, através da política cambial. Dessa forma, o parque industrial sulino elevou fortemente sua produtividade, eliminando em grande parte a vantagem que as indústrias do Nordeste derivam de seu mais baixo nível de salários." E mais adiante conclui. "Não há razão, a não ser a que foi criada artificialmente para que a indústria têxtil algodoeira seja mais rentável no sul do país do que no Nordeste". (22)

Diante dessa conclusão, o caminho mais racional seria o de incentivar a indústria têxtil do Nordeste, dada inclusive, sua vantagem comparativa natural. Apesar da evidência lógica do raciocínio construído, ou seja, de que empresas com maior custo relativo com mão de obra teriam maiores vantagens na modernização em virtude desta vir no sentido de poupar força de trabalho, tal posição equivale a con-

(22) GTDN. "Uma política de Desenvolvimento para o Nordeste". p. 353-354, in: Formação econômica do Brasil, da ANPEC.

denar quaisquer iniciativas em favor da modernização produtiva pois haveria sempre um setor, subsetor, região ou grupos de empresas, etc, que, por conta de sua estrutura de custo, se beneficiaria enquanto outros seriam prejudicados por esta política.

De outra parte, ao invés de atribuir o não reequipamento da têxtil nordestina as questões de cálculo econômico e de custos de transformações técnicas de cada empresa (estimativas certamente não exercitadas pelas empresas diante da própria desorganização administrativa apontada nos estudos) seria mais concernente referir-se às condições de autofinanciamento e de alavancagem de recursos por parte das empresas para efetuar a modernização em questão. A partir desta perspectiva transpareceria a dificuldade das fábricas têxteis do Nordeste em prosseguir sua expansão. Os diagnósticos posteriores elaborados pela SUDENE assim colocam a questão.<sup>(23)</sup> Parece, portanto, que a posição do GTDN reflete antes a preocupação de chamar a atenção para necessidade de impulsionar o desenvolvimento econômico do Nordeste e, neste sentido, arrolar argumentos a respeito do tratamento desigual do governo federal em relação às diversas regiões do país do que uma explicação razoável para o atraso da indústria têxtil do Nordeste.

Retomando a questão das consequências do processo de integração dos mercados sobre a indústria regional, temos que neste contexto, a têxtil nordestina na década de 50 cresce a uma taxa inferior àquela do resto do país, conforme estudo do 1º plano diretor da SUDENE.

---

(23) SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento..." e "1º Plano de Desenvolvimento do Nordeste, 1961-63".

ÍNDICE DO VOLUME FÍSICO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL,  
NO BRASIL E NO NORDESTE - (1948 = 100)

ANOS	TOTAL		INDÚSTRIA TÊXTIL	
	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste
1949	106	102	107	98
1950	118	112	114	104
1951	129	116	110	97
1952	137	109	116	93
1953	146	120	122	98
1954	156	127	144	103
1955	163	145	151	117

Extraído do 1º Plano Diretor da SUDENE.

Os dados acima demonstram a dificuldade do setor têxtil do Nordeste continuar se expandindo. As maiores e melhores empresas, notadamente aquelas com rede de comercialização própria conseguem manter a posição no mercado. Contudo, para inúmeras empresas que subsistiam em razão de se manterem em faixas arcaicas, (de tecidos grossos) ou do grau de proteção até então existente no mercado regional, a fragilidade financeira, econômica e tecnológica deixariam-nas em difícil situação. Entre 1948 e 1953 praticamente o produto físico do nordeste se mantém estagnado apresentando, inclusive, uma queda acentuada em 1951 e 1952 que pode em parte ser atribuída aos efeitos da seca sobre a produção e beneficiamento do algodão. Os anos de 1954 e 1955 são de grande crescimento, compensando os anos piores e fazendo com que, no período como um todo, o setor apresente um saldo positivo. A performance deste setor no período é muito inferior ao restante da indústria nordestina que apresenta crescimento significativo. Assim, no período, a indústria nordestina cresce à taxa média anual de 5,45% longe portanto, de apresentar qualquer característica estagnacionista, enquanto a têxtil apresenta crescimento médio de 2,27% a.a..

O aumento da concentração espacial na indústria é considerável. O produto físico industrial do Brasil cresce 63% no período, ou seja, à taxa média anual de 7,23% e a indústria têxtil nacional 51% (média anual de 6,06%), índice bem superior ao apresentado pela indústria nordestina. A indústria paulista apresentou desempenho ainda maior.

Os dados comprovam, por outro lado, que a concentração industrial em algumas regiões do país, notadamente no centro-sul, se dá em termos de taxas diferenciais de crescimento e não, como já se afirmou, em forma de estagnação de algumas regiões frente, 'et pour cause', do crescimento de outras. Mesmo porque no processo de integração dos mercados os efeitos de estímulo, de maneira geral, mais do que compensam os efeitos de bloqueio ou de destruição, se considerarmos que as economias regionais encontravam-se com seus principais produtos praticamente alijados do mercado internacional e que destinavam parcela crescente destes para o mercado nacional.<sup>(24)</sup> Isto porém não justifica que o governo federal nunca tenha efetuado uma política ampla e eficaz para retirar a economia do Nordeste da situação de atraso que apresenta ao longo deste século, para garantir condições dignas de vida a sua população. Para que estes objetivos sejam alcançados é necessário mudar a composição de forças de sustentação desta instância de governo, que vem sobrevivendo em grande parte graças ao apoio das oligarquias regionais, particularmente do Nordeste. Esta, em troca de favores e de manutenção do poder local, (através dos vários projetos de desenvolvimento da região e, manipulando os recursos financeiros federais) inibe o desenvolvimento das forças produtivas locais, ou promove-o de forma socialmente excludente.

As dificuldades enfrentadas pela indústria têxtil e por outros setores não duráveis são mais graves do que em outros seto

---

(24) Cf. Cano, Wilson "Desquilíbrios Regionais...", Cap. III.

res de características complementares. O trabalho de Cano demonstrou como foi exatamente sobre os setores de bens de consumo não duráveis que os efeitos de destruição foram mais acentuados quando a industrialização, a partir de São Paulo, forja a integração do mercado nacional.<sup>(25)</sup> A possibilidade da grande maioria das empresas em competir ou se tornar complementar é muito reduzida para estes setores. Particularmente na têxtil, diante das condições obsoletas em que operava e do reduzido potencial de acumulação, os efeitos de estímulos sobre este setor limitar-se-ia à produção de tecidos crus que seriam acabados no Rio de Janeiro ou São Paulo.

Os anos cinquenta constituem assim um período de perda da importância do têxtil do Nordeste no conjunto desta indústria no país, no bojo de um movimento maior de industrialização em que esta indústria e o setor de bens de consumo não duráveis conhecem taxas de crescimento inferiores aos setores de bens de consumo duráveis e de bens de capital.

A pesquisa de 1959 da SUDENE apresenta dados relativos à perda de posição da Têxtil Nordestina no cenário nacional.<sup>(26)</sup>

#### INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE EM RELAÇÃO DO PAÍS

	1949	1958
Mão de obra empregada	35%	22%
Salários pagos	21%	12%
Valor da produção	20%	16%
Valor da transformação industrial	19%	13%

FONTE: IBGE CENSOS INDUSTRIAIS

Em resumo, os anos 50 marcam a perda da capacidade competitiva da indústria têxtil nordestina no bojo do processo de integração das regiões via dominação do mercado de mercadorias. Configura-se a etapa de "Articulação Comercial" do Nordeste à economia nacional em seu período final, no qual os efeitos de destruição se a

(25) Idem. Cap. III.

(26) SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento...". P. 18.

presentam. Ao longo da década, segundo os censos econômicos, a mão de obra empregada no setor têxtil do Nordeste cai de 80.728 para 58.660 pessoas enquanto no SUDESTE crescia de 236.899 para 246.788 demonstrando que não se trata de dificuldade da indústria têxtil nacional e sim da indústria têxtil do Nordeste. A participação na mão de obra empregada na região se reduz de 23,9 para 17,9% do total deste ramo no país.

No início da década seguinte uma série de circunstâncias geradas ao final dos anos 50 fazem com que o Estado passe a intervir de forma mais acentuada na região.<sup>(27)</sup> Com a maior participação do Estado o setor têxtil viria a ser uma das áreas a serem pesquisadas e incentivadas pelo Governo Federal. A partir de então o quadro sofre grandes transformações, tanto no que se refere à região quanto ao setor têxtil. Com o planejamento "em alta" tanto a indústria têxtil do Nordeste como a do restante do país são objetos de diagnóstico e de proposições de modernização.

No tópico seguinte discutiremos, com base em diagnósticos elaborados pela SUDENE<sup>(28)</sup> no início dos anos 60, quais os principais e específicos fatores que conduziram à decadência a indústria têxtil do Nordeste. Deve-se ter sempre em vista nesta análise o processo de industrialização no país e suas consequências sobre as economias regionais na forma discutida nas páginas anteriores.

---

(27) Os movimentos políticos, sociais e econômicos que fundamentam a criação da SUDENE foram minuciosamente levantados por Amélia Cohn, em "Crise Regional e Planejamento".

(28) SUDENE "Sumário do Programa de Reequipamento..." e "1º Plano Diretor...". Ambos os documentos baseiam-se em pesquisa efetuada em 1959.

## 2. A DECADÊNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NORDESTINA

A indústria têxtil regional seria fortemente abalada pela maior competição com a indústria do Centro-Sul em razão de uma série de desvantagens que vinha acumulando no período anterior a 1930. Com isto, à medida em que a própria dinâmica da indústria surgida do processo de acumulação do complexo cafeeiro estreitava as articulações regionais, o setor têxtil nordestino defrontar-se-ia com dificuldades crescentes.

As desvantagens da indústria têxtil do Nordeste decorriam, fundamentalmente, da baixa capacidade de geração do excedente do setor, o que restringia a acumulação de capital e limitava a elevação da produtividade e a diversificação do produto.

Diversos fatores contribuíram, nesta etapa, para o atraso relativo do setor, alguns, diretamente vinculados a características do parque têxtil nordestino, outros, condicionados pelo menor potencial dinâmico da economia nordestina.

Um primeiro aspecto era o de precocidade do parque fabril da região, instalado a partir da segunda metade do século XIX, exigindo inversão considerável tendo em vista que, além das imobilizações em máquinas e edifícios, obrigava o empresário a também investir na instalação de sua própria energia. Além disso, a indústria têxtil do Nordeste era constituída de plantas integradas (fiacção e tecelagem, sobretudo) fazendo com que a necessidade de recursos imobilizados atingisse valores elevados.

Outro aspecto refere-se à inserção tradicional no mercado, especializando-se em fios e tecidos de qualidade inferior, em razão da limitação do mercado regional. De fato, o baixo nível de renda da população e a perversa distribuição de renda configuravam um mercado regional que não comportaria um parque têxtil voltado à produção de tecidos finos ou mesmo de tecidos médios.

Assim, a indústria apresentava uma planta mórfica de custo alto e de difícil sucateamento para o empresário da região,

por conta das dimensões de capitais requeridos e da baixa rentabilidade condicionada pelo mercado. Ao não sucatear as máquinas obsoletas passava a ficar atrasada tecnologicamente e a ter queda na produtividade física do equipamento, reduzindo sua rentabilidade. Sobre a questão da rentabilidade, é possível que esta não fosse exatamente reduzida face a um imobilizado velho, e certamente diversas vezes amortizado. Assim sendo, os custos imputados ao capital fixo poderiam ser extremamente baixos e na medida em que a receita cobrisse os custos do capital variável com pequena folga, resultaria em certa rentabilidade. Isso contudo não resolve o problema da escassez de fontes internas de acumulação das empresas para sucatear o equipamento obsoleto e introduzir maquinaria em melhores condições. Essa dificuldade, de certa forma, atinge toda a indústria têxtil nacional, possivelmente, em grau um pouco menor do que no Nordeste. Surge também a questão do capital "ocioso", dentro de um complexo econômico onde o sistema de financiamento/aplicação de excedentes não está desenvolvido.<sup>(29)</sup> Haveria, assim, na região problemas de canalização do excedente para investimentos produtivos que eram agravados por conta da estrutura familiar das empresas nordestinas (a propriedade do capital pertence a famílias e não a empresas), limitando a centralização dos recursos necessários a investimentos de maior vulto no próprio setor, e, implicando, em inúmeros casos, em uma diversificação horizontal, usina, têxteis, terras e mais adiante setor hoteleiro e financeiro.

De outro lado, possuindo custo de produção mais alto, face a baixa produtividade e à internalização dos custos com geração de energia, a indústria têxtil da região apresentava menor rentabilidade e capacidade competitiva. A indústria de São Paulo e do Rio de Janeiro, na medida em que puderam contar com fontes de energia elétrica externas às empresas já no início do século XX, apresenta

---

(29) Ver Hilferding, "O Capital Financeiro", Cap. IV.

riam custo médios inferiores e maior rentabilidade do que a nordestina.

A inserção nas piores faixas de mercado, condicionada inicialmente pelas restrições do mercado regional, iria sendo agravada, consolidando uma especialização adversa para indústria têxtil nordestina. Quando o mercado da região crescesse e passasse a demandar novos produtos, estes seriam, em grande medida, fornecidos via importação do exterior ou extra-regional. Tal "especialização" significa que, o maior intercâmbio comercial entre as regiões faz do setor têxtil do Nordeste um exportador, para diversas localidades, de fios e tecidos grosseiros enquanto a demanda regional por tecidos médios e finos é atendida por fábricas de fora da região.

A conjunção dos fatores discutidos acima colocava o setor têxtil em uma posição que se agravava diante do aprofundamento do processo de integração do mercado nacional. De um lado, custos mais elevados e necessidade de inversões elevadas. De outro, especialização em mercado de baixa rentabilidade. Tais características resultavam em reduzida capacidade de geração de excedente. Isto levava a um círculo vicioso, com dificuldades crescentes para o sucateamento dos equipamentos, restringindo a renovação do parque fabril e levando a defasagem tecnológica comparativamente ao resto da indústria nacional.

Ao longo dos anos a têxtil nordestina foi se descapitalizando, deixando de renovar o equipamento necessário até mesmo para a manutenção do nível de produtividade. Para isto conta a redefinição concorrencial dos mercados a partir de 1930, através da qual, para as fábricas nordestinas "sobram" os de tecidos grosseiros e outros produtos menos rentáveis. Neste sentido podemos dizer que a competição com unidades produtivas mais modernas e com maior potencial de acumulação localizadas notadamente em São Paulo obstaculiza a expansão têxtil do Nordeste, verificando-se, portanto, efeitos de inibição ou bloqueio sobre as faixas de mercado mais nobres. O aumento da competição nos anos 50 reforça esta condição. A partir de

então o quadro de dificuldades é de tal ordem que, relatório de pesquisa efetuado pela SUDENE em 1959 levanta a hipótese de desinteresse por parte do empresário local em realizar maiores investimentos na modernização das fábricas. Ao final da guerra, momento oportuno para o reequipamento do setor têxtil nacional em razão das facilidades cambiais criadas, os empresários nordestinos não o fizeram "pois quase todas as reservas já haviam sido desviadas para outras inversões ou estavam sendo utilizadas como capital de giro, em virtude do processo inflacionário que se intensificava". (30)

IDADE DOS FUSOS E TEARES EM OPERAÇÃO NA  
INDÚSTRIA TÊXTEL ALGODOEIRA DO NORDESTE

Classes de anos de fabricação	FUSOS (*)		TEARES	
	números absolutos	% do total	números absolutos	% do total
1890/1930	347 876	54,2	18 259	81,2
1931/1945	48 500	7,5	1 201	5,4
1946/1960	245 930	38,3	3 016	13,4*
TOTAL	642 306	100,0	22 476	100,0

(\*) Considerou-se os fusos, em vez de filatórios, porque nestes é variável o número de fusos.

Extraído do 1º Plano Diretor da SUDENE.

A pesquisa de 1959 com base em levantamento em 61 empresas do Nordeste, abrangendo a totalidade da indústria têxtil algodoeira em funcionamento na região, revelou o alto grau de obsolescência dos equipamentos. O quadro acima mostra que 53,3% dos fusos e 81,2% dos teares eram de fabricação anterior a 1930. Os fabrica

(30) SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento...". p. 12.

dos no período 1931-45 eram poucos, somando apenas 7,5% dos fusos e 5,1% dos teares. Portanto, se computássemos a idade de 10 anos como sendo a vida útil desses equipamentos, quase 2/3 dos fusos e 87% dos teares já deveriam estar totalmente depreciados. A partir de 1946, após o período de euforia no setor têxtil no qual a rentabilidade havia sido elevada, era de se esperar um reequipamento amplo deste setor, inclusive, no Nordeste. Ainda assim, este reequipamento foi parcial, não atingindo a magnitude necessária à manutenção da competitividade no mercado nacional e internacional.

Embora parcial, ainda assim o reequipamento foi significativo no período 46-60, quando foram adquiridos 245 930 fusos e 3016 teares, na sua maioria automáticos, representando respectivamente 39,2% e 13,3% do total. Portanto, algumas fábricas conseguiram modernizar-se, podendo permanecer atendendo os mercados de tecidos e fios de melhor qualidade e manter padrões de produtividade e rentabilidade que lhes permitiriam competir com as fábricas paulistas. Contudo, a grande maioria delas apresentava equipamentos antigos e obsoletos, reforçando o deslocamento para o abastecimento dos mercados de classes de renda mais baixas e condenando-as ao progressivo desnivelamento.

Também o parque têxtil algodoeiro nacional apresentava uma situação de obsoletismo nos equipamentos. Contudo, comparativamente ao nordestino, a idade média de seus equipamentos era bem inferior. Em 1962, pesquisa da CEPAL sobre a indústria têxtil da região Centro-Sul informa que algo em torno de 39% dos fusos tinham mais de 30 anos de fabricação, o que, no caso do Nordeste, atingia 54%; entre 10 e 30 anos, cerca de 35%, contra 7,5% no Nordeste entre 15 e 30 anos. No pós-guerra foram adquiridos 38,3% dos fusos em funcionamento do Nordeste, enquanto no Centro-Sul a CEPAL registrava 25% com menos de 10 anos. Embora o estudo comparativo fique prejudicado, por conta do corte temporal distinto, fica por demais evidente que a indústria têxtil nordestina tinha equipamentos muito mais obsoletos. Quanto aos demais períodos, é possível concluir, com base

nestas informações, que entre 1930 e 1960, o reequipamento do restante da indústria nacional, no que se refere aos fusos havia sido significativamente maior.

Em relação aos teares, a defasagem era mais evidente: 81% dos teares no Nordeste tinham mais de 30 anos contra cerca de 19% para o Centro-Sul. Com menos de 10 anos de fabricação eram 19% no Centro-Sul enquanto no Nordeste somavam 13% os adquiridos entre 1946 e 1960.

Se levamos em consideração que a pesquisa da CEPAL não incluiu no terceiro intervalo temporal os anos de imediato pós-guerra, nos quais foi acentuada a importação de equipamentos, podemos concluir que a indústria têxtil do Nordeste se encontrava bastante defasada em relação à nacional também na tecelagem.

Assim, consolida-se a "especialização" da indústria têxtil no nordeste na fabricação de tecido cru para indústria do resto do país ou de bens finais para os mercados de menor poder aquisitivo.

Este quadro poderia modificar-se apenas com pesados investimentos no setor. Isto viria a ocorrer nos anos 60 com a modernização de fábricas antigas e implantação de novas com bases nos incentivos fiscais (artigos 34 e 18). Para ilustrar a especialização existentes, temos que enquanto se exportava para o Sudeste 135 milhões de metros de tecidos grossos por ano, importava-se para o Nordeste, da mesma região, 100 milhões de metros de tecidos médios e finos. (31)

Esta fase marcaria a evolução da indústria têxtil regional no período seguinte, de integração econômica do Nordeste. A dificuldade de prosseguir a acumulação no setor têxtil permaneceria e as fábricas antigas e de capital local, quando não conseguissem ou não tivessem interesse de participar do programa de modernização têxtil proposto pela SUDENE estariam definitivamente afastados dos mercados regional e nacional de tecidos médios e finos. Muitas não

---

(31) SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento..." p. 7.

sobreviveriam à década de 60 e mesmo as fábricas modernizadas, em sua maioria, tampouco conseguiriam atingir o mercado consumidor mais nobre. Apenas as novas empresas e algumas que sofreriam maior modernização seriam capazes de atender os mercados mais sofisticados particularmente as grandes empresas de capital extra regional, muitos das quais se instalariam na região, visando o mercado nacional.

Equipamentos	Menos de 10 anos	De 10 a 30 anos	Mais de 30 anos	Total	Unidades (total)
	Em percentagem do total				
Filatórios contínuos (fusos)	25.1	35.3	39.6	100.0	2 892 292
Filatórios intermitentes (fusos)	-	-	100.0	100.0	2 490
Teares mecânicos	5.4	31.3	63.3	100.0	49 517
Teares automáticos	49.6	39.7	10.7	100.0	21.496

EXTRAÍDO DE: CEPAL "A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA..."

No início dos anos 60, com base na pesquisa de 1959, o 19 Plano Diretor da SUDENE, após descrever a importância do setor para a região, trata das "Principais Causas de Uma Posição Relativa Decrescente" da indústria têxtil do Nordeste. (32)

As principais dificuldades que obstaculizavam o maior desenvolvimento da produção e comprometiam a rentabilidade do setor foram agrupadas em três tópicos:

1. Problemas de Mercado e de Comercialização;
2. Problemas de Custo de Produção, e
3. Problemas de Financiamento.

Problemas de Mercado e de Comercialização -

Neste tópico os documentos assinalam inicialmente a perda gradativa de proteção dos mercados no pós guerra com o desenvolvimento do sistema rodoviário. Ademais, o mercado modificara-se tanto em termos quantitativos como qualitativos na medida em que prosseguiram os processos de urbanização e de crescimento da renda.

(32) Os dois Documentos citados tratam exatamente dos mesmos pontos, sendo que o "Plano Diretor" efetua análise mais minuciosa.

Estes dois aspectos alteraram substancialmente o mercado têxtil da região. De um lado significa a competição em preço com as indústrias do Sudeste e, de outro, a competição em qualidade. Nestas circunstâncias volta-se a indústria regional para o mercado de baixa renda, sobretudo diante da má qualidade no acabamento e na estamparia de seus tecidos. Destina, inclusive, parcela considerável de sua produção às populações rurais de várias localidades do país.

Os documentos, em razão de sua concepção autônoma da indústria regional diagnosticam a descapitalização e o obsoletismo do setor têxtil regional no bojo do processo de integração dos mercados como "falta de correspondência entre a estrutura de oferta e a de demanda local."<sup>(33)</sup> Assinalam, neste sentido, o fato da região ter exportado para o resto do país cerca de 135 mil toneladas de tecidos por ano; pouco mais de 45% do total produzido, enquanto as importações somaram cerca de 100 mil toneladas, no período 1953/56.<sup>(34)</sup> A conclusão é de que a

"oferta regional de tecidos não é estruturalmente flexível para atender a demanda local, e, também que a indústria de tecidos do Nordeste depende amplamente do mercado de fora da área. A explicação do fenômeno residiria essencialmente em que o equipamento atualmente disponível pela grande maioria da indústria nordestina é mais rentável quando utilizado na produção de tecidos grossos".<sup>(35)</sup>

É evidente, hoje, após a experiência da industrialização da SUDENE, que diante do processo de integração dos mercados a questão da compatibilização entre oferta e demanda regional não mais se colocaria diante da necessidade de se conquistar o mercado nacional.

A "falta de correspondência entre a estrutura de oferta e

---

(33) Os documentos quando se trata de diagnosticar o atraso industrial do Nordeste percebe a interação do mercado. No entanto, propõe solução para superar dificuldades que não leva em consideração este processo.

(34) Cf. SUDENE. "Sumário do Programa de ...". p.p. 6-7.

(35) Cf. SUDENE. "1º Plano Diretor...", p. 170.

a demanda" não seria tão grave caso o mercado de tecidos grossos e médios não apresentasse três ordens de dificuldades.<sup>(36)</sup> Primeiro, a demanda por tecidos, de modo geral, é de baixa elasticidade renda; assim, o crescimento de renda per capita no país gera efeitos menos que proporcionais na demanda por têxteis. Estudos de 1962 da CEPAL calculam uma elasticidade renda 'per capita' de 0,49 para a demanda de tecidos no Brasil.<sup>(37)</sup> Para tecidos grossos a demanda seria ainda menos elástica. Segundo, em virtude da existência de capacidade ociosa, fábricas do centro-sul certamente passariam a competir também nos mercados de mais baixa renda, particularmente, nas áreas próximas, até então, atendidas pelas fábricas do Nordeste. Terceiro, por se tratar de mercado em grande parte rural, os custos de comercialização e distribuição, sobretudo do giro de capital, são muito mais elevados no mercado de tecidos grosseiros. É para dar conta desta distribuição mais pulverizada que as fábricas maiores, na avaliação do 1º Plano Diretor, manteriam redes de pequenas unidades comerciais de tecidos.

Estes documentos apresentam, (neste, e em outros pontos) antes consequências do que causas da perda de posição relativa da indústria têxtil do Nordeste. Certamente não foi por opção que as empresas nordestinas especializaram-se nos mercados de baixa renda. Embora existam passagens dúbias em que se insinua uma certa inércia empresarial afirmando que "o apego ao mercado nacional de tecidos grossos de características menos dinâmicas do que o mercado de tecidos finos contribui para que a produção têxtil do Nordeste não evolua em ritmo maior do que o constatado nos últimos anos e não

---

(36) Idem. p. 171.

(37) A CEPAL realizou amplos estudos sobre a indústria têxtil na América Latina na década de 60. Sobre o Brasil produziu. "A indústria têxtil brasileira pesquisa sobre condições de operação nos ramos de fiação e tecelagem". O Comitex, com base nesta pesquisa elaborou o "Plano Fundamental de Reorganização e Reequipamento da Indústria Têxtil Brasileira" que na página 02 apresenta a estimativa de elasticidade renda por têxteis no Brasil.

enseje maior rentabilidade nas fábricas respectivas", a análise deixa claro ser o obsoletismo do equipamento o principal condicionante desta situação. (38)

Problemas de Custo - A avaliação dos problemas de custos tem sempre presente o acirramento da competição com a indústria têxtil sediada no sudeste. Considera-se que, há muito existentes, estes problemas transparecem quando o mercado regional é "invadido" pelos produtos originários de outras áreas do país, particularmente de São Paulo e Rio de Janeiro.

Seriam quatro os fatores que provocariam os problemas de custos no setor têxtil local:

1. Perda de Vantagem Relativa no Custo da Mão de Obra;
2. Utilização da Mão de Obra excessiva;
3. Deficiências de Equipamento, e
4. Administração.

Apontado como um dos estímulos fundamentais para implantação da indústria na região, o baixo salário pago ao trabalhador, comparativamente às demais regiões apresentam no pós guerra uma perda na vantagem relativa. Apesar de permanecer inferior ao efetivamente pago em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outros centros urbanos do país, apresenta evolução mais rápida no período em questão. Isto é atribuído ao crescimento em ritmo maior dos preços de gêneros alimentícios no Nordeste. O salário mínimo na cidade de Recife que em 1944 representa 62,2% daquele no Rio de Janeiro passa a ser 75% em 1960. A evolução relativa dos salários no setor têxtil é ainda mais diferenciada. O salário médio anual do operário têxtil do Nordeste em relação ao restante do país passa de 27% para 57% de 1939 para 1957. (39)

(38) Cf. SUDENE. "1º Plano Diretor...", p. 171.

(39) Cf. SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento...", p.p. 12.13.

Esta evolução diferenciada repercute na rentabilidade e competitividade das fábricas da região. Particularmente na cidade de Recife, é motivo de preocupação em virtude de seus efeitos sobre os custos industriais. Neste sentido, o GTDN em 1959 alertava para a necessidade de promover mudanças na agricultura de alimentos da região. (40)

Assinale-se que os salários elevam-se 22 vezes no período 1948-58 enquanto a produtividade no setor têxtil cresce 17 vezes, acarretando portanto problemas na rentabilidade das empresas.

Competitividade via baixo nível salarial é inexoravelmente decadente em razão do próprio processo de acumulação de capital denotar redução relativa nos custos salariais diante da elevação na composição técnica do capital. Com isto pretendemos assinalar que, apesar da perda da vantagem relativa nos custos da mão de obra ter desempenhado algum papel nas dificuldades enfrentadas pela Indústria Têxtil nordestina na década de 50, a evolução deste setor não poderia se basear neste aspecto, sob pena de sofrer futuros reveses. Como lembra o GTDN em passagem já citada, a modernização das unidades produtivas conduz à redução de custos salariais maiores nas indústrias paulistas que apresentavam valores mais elevados neste item.

Outro fator de pressão sobre os custos reside no uso excessivo de mão-de-obra. Para isto conta a idade dos equipamentos e o estado precário em que se encontram. A idade do equipamento, por um lado, condiciona uma tecnologia com baixa produtividade física e, portanto com maior quantidade de trabalho por unidade de produto. O estado precário deste equipamento, além de seus efeitos sobre a produtividade, reflete-se na necessidade de maior número de trabalhadores nos serviços de manutenção, lubrificação e reparos e no desperdício de matéria prima e de produto final. Aspectos como layout deficiente resultam em maior utilização de mão-de-obra assim como

---

(40) No Plano de ação proposto pelo GTDN, A Transformação da Agricultura da Faixa Úmida do Nordeste tem a função explícita de regularizar o abastecimento e baratear o custo de vida nos principais centros urbanos.

problemas de ordem administrativa e de definição de método, como a falta de controle de tempo e indefinição de funções.

Diante dos fatores assinalados, o número de trabalhadores nos setores de fiação e de tecelagem era muito superior à média brasileira. Na fiação, embora o padrão médio fosse de 6 operários por mil fusos no Nordeste, encontrava-se fábricas com 4 operários por mil fusos, muitas com média de 6 e algumas atingindo 8 operários por mil fusos. O excesso de mão de obra se dá tanto pela deficiência dos equipamentos quanto pelo método de trabalho sem controle ou racionalidade. Na tecelagem, as fábricas mais modernas do Sudeste tinham em média um operário assistindo quatro teares mecânicos. No Nordeste esta média era inferior a três. (41)

Restam discutir os problemas de deficiência de equipamento que, dada sua importância deixaremos para o final, e os problemas administrativos que causam pressões sobre os custos, os quais observaremos rapidamente, a seguir.

A avaliação dos documentos da SUDENE é de que as fábricas necessitam de administração mais expedita capaz de introduzir maior racionalidade no processo produtivo e maior controle sobre os diversos gastos. As principais falhas administrativas detectadas na pesquisa de 1959 foram:

"a) Ausência de controle efetivo sobre os gastos da matéria prima principal (algodão) e utilização, em muitos casos, de matéria prima superior à exigida pela qualidade do produto a fabricar;

b) Desconhecimento das seções das fábricas em que se verificam maiores pressões sobre os custos;

c) Produção de vários tipos de tecidos, com prejuízos em algum deles e maiores problemas de controle e comercialização;

---

(41) Cf. SUDENE. "1º Plano Diretor...". p.p. 173-174.

d) Aceitação de bruscas flutuações de produção como inrentes ao processo produtivo e não oriundas de causas perfeitamente removíveis;

e) Desconhecimento ou visão deformada do mercado."<sup>(42)</sup>

A gravidade das observações demonstra o empirismo com que eram tratados os problemas administrativos e produtivos das fábricas têxteis nordestinas ao final dos anos 50. A falta de racionalidade administrativa seria mais um elemento na disputa desvantajosa enfrentada pela indústria local. Seria difícil para a grande maioria das empresas competir com firmas de padrão mais elevado de productividade e de organização administrativa. Este estágio administrativo da maioria das fábricas nordestinas deixa-las-ia em más condições para enfrentar fábricas maiores e com outro nível de organização. Estudos da CEPAL e COMITEX efetuados em 1962 também apresentam uma situação de graves problemas administrativos para parcela considerável da indústria têxtil do Centro-Sul. Contudo, tais problemas não eram da mesma magnitude e nem atingiam um número tão amplo de empresas quanto no Nordeste.

No tópico referente à deficiências no equipamento é possível constatar o estado obsoleto em que este se encontrava. Explicar esta deficiência é ponto central para o entendimento do atraso e mesmo do fechamento de unidades fabris no Nordeste na década de 50.

O estado obsoleto em que se encontra o equipamento demonstra que, devido à capacidade reduzida de auto-financiamento e baixa rentabilidade ou ainda, em razão de perda de interesse em permanecer investindo no setor, as fábricas têxteis do Nordeste deixaram de atender as necessidades de reequipamento e modernização. Na sua grande maioria, as fábricas encontravam-se desatualizadas, apresen

---

(42) Cf. SUDENE. "Sumário de Reequipamento...". P.p. 12-13.

tando estágio tecnológico anterior à década de 30. Esta situação de estado precário nos equipamentos e na tecnologia rudimentar impunha restrições à produtividade e à qualidade dos produtos elaborados. Revertia-se também em utilização excessiva de mão de obra que se refletiam em problemas no processo produtivo. O obsolescência é considerado nos estudos o ponto fundamental das dificuldades encontradas. Os problemas administrativos, os problemas de mercado, os problemas de custos elevados estavam relacionados com esta situação e em grande parte se explicavam por esta deficiência.

Um aspecto sublinhado neste ítem diz respeito à idade dos equipamentos nas 61 fábricas pesquisadas. Verifica-se que cerca de 53% dos fusos e mais de 80% dos teares apresentavam mais de 30 anos de fabricação. Os demais equipamentos como juntadeiras, penteadeiras, engomadeiras, etc, também se encontravam em atraso similar.<sup>(43)</sup>

As deficiências dos equipamentos oneravam os custos de diversas formas afetando a rentabilidade do empreendimento. Elevavam o consumo de combustíveis, exigindo mais materiais de reposição e maior número de operários, representando menos fios e tecidos produzidos por jornada e maior número de paradas por problemas mecânicos. Além de prejudicar a produtividade, estes equipamentos não eram capazes de elaborar produtos de melhor qualidade. Os dados a seguir fornecem uma certa idéia sobre este último aspecto. Nas fábricas pesquisadas 63,6% dos filatórios produziam fios de baixa estiragem. Apenas 34,4% eram de alta estiragem, sendo que 31,1% eram filatórios modernos para a época.

---

(43) Idem. p.p. 7-8.

DISTRIBUIÇÃO DOS FUSOS SEGUNDO AS CARACTERÍSTICAS  
DA ESTIRAGEM DOS RESPECTIVOS FILATÓRIOS E O TAMA  
NHO DA ALÇA, NA INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE.

ANO: 1959

CARACTERÍSTICAS DOS FILATÓRIOS	QUANTIDADE DE FUSOS	
	números absolutos	% do total
1. Baixa Estiragem		
Alça grande	22 988	3,6
Alça pequena	398 376	62,0
2. Alta Estiragem		
Alça grande	200 842	31,3
Alça pequena	20 100	3,1
TOTAL	642 306	100,0

Extraído de: SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento...".

Estes filatórios de alta estiragem, sobretudo os mais modernos, de alça grande, permitem produzir fios de melhor qualidade, mais uniformes, reduzem tarefas de preparação, apresentam maior velocidade e maior produção por hora, e, ainda, dada sua maior uniformidade e melhor qualidade concorrem para um menor número de paradas na tecelagem. O percentual reduzido deste equipamento denota as dificuldades de parte significativa das unidades produtivas que operavam quase exclusivamente com o equipamento inferior. Neste sentido, pode-se afirmar que esse estágio obsoleto condicionava a produtividade e o tipo de mercado a que a grande maioria das têxteis nortestinas poderia atender. (44)

(44) O documento "A indústria têxtil do Brasil" do CNI, lembra na página 100 que os filatórios de alta estiragem são vantajosos, inclusive, porque barateiam a produção na medida em que dispensam máquinas intermediárias. Por isto, recomendam a implantação deste reequipamento no plano de modernização da indústria nacional.

A situação na tecelagem era ainda mais grave. Cerca de 81% dos teares existentes eram de fabricação anterior a 1930. Em torno de 90% dos que estavam em atividade em 1959 eram teares mecânicos e apenas 10% automáticos. Para avaliar a magnitude desta defasagem e seus efeitos sobre a produtividade é suficiente lembrar que um operário, em média, assistia 4 teares mecânicos ou 16 teares automáticos.<sup>(45)</sup>

Ademais do atraso tecnológico na fiação e tecelagem, a precariedade dos fusos, dos teares e problemas na operação faziam com que a produção efetiva destes equipamentos alcançasse apenas 65% da "produção teórica" estabelecida pelo fabricante. O estado dos equipamentos na tecelagem era mais grave tanto pela idade média mais elevada como por se traduzir em maiores repercussões sobre os custos em razão do excesso de mão-de-obra em que implicavam. O fato de ter em funcionamento maquinaria que exigia quatro vezes mais mão de obra demonstra como era prejudicial a permanência deste nível técnico sobre os custos das empresas. Não haveria mão de obra relativamente barata que justificasse a manutenção destes equipamentos, sobretudo em um momento em que a competição se acirrava.

A vantagem apresentada pelos teares automáticos era elevada.<sup>(46)</sup> Como este equipamento tornou-se disponível por volta de 1930, pode-se verificar que a quase totalidade dos teares adquiridos pelas fábricas nordestinas a partir de então eram automáticos. Contudo, poucas foram as tecelagens instaladas no Nordeste entre 1930 e 1959, no da pesquisa. A razão apontada é de que o alto custo deste equipamento mais a depreciação da máquina velha não seriam compensados pela redução do custo com a mão-de-obra. Acredito que a estes fatores deve-se somar a incapacidade financeira das empresas para efetuar o reequipamento e mesmo para disputar as melhores faixas do mercado. Não se pode converter a questão ao simples cálculo pois mu

(45) Cf. SUDENE. "Sumário do Programa de Reequipamento...", p. 9.

(46) Os teares automáticos, segundo o documento da CNI, apesar da elevada produtividade, exige fios de boa qualidade, e só serviram para produzir tecidos finos. As empresas, no entanto, teriam que efetuar investimento considerável, por se tratar de equipamento caro. P. 102.

to menos econômica teria sido a "opção" de não se modernizar e pagar caro por esta decisão. Deve-se assinalar ainda que, se existiu uma possibilidade de escolha, esta foi certamente condicionada pelos efeitos de inibição decorrentes da competição com a indústria do Sudeste. Assim, a opção existiria para algumas empresas habilitadas financeiramente para efetuar o reequipamento, porém, diante da perspectiva das dificuldades que teriam em atuar nas melhores faixas de mercado, muitas empresas transferem recursos para outras atividades.

#### Problemas de Financiamento -

O terceiro tópico apresentado como concorrente para a perda da posição relativa da indústria têxtil da região refere-se aos problemas de financiamento que este setor encontrava para a modernização de sua maquinaria. Os documentos da SUDENE alertam para uma suspeita do pequeno interesse por parte dos empresários em investir no reequipamento das fábricas. A razão não é suficientemente discutida. Poder-se-ia, ao meu ver, atribuí-lo ao fato de que, diante da dificuldade de competir nas melhores faixas de mercado e do surgimento de oportunidade de inversão em áreas tradicionais ou não para as empresas mais atraentes em termos de rentabilidade e de posição no mercado, teriam canalizados os excedentes para outros setores. Reforça esta hipótese a evolução mais lenta de setor têxtil em relação ao crescimento da produção em outros setores industriais, comerciais ou de serviços.

No que tange aos problemas de financiamentos deve-se assinalar inicialmente que os recursos para efetuar a modernização em questão inexistiam ou não estavam disponíveis. Os fundos internos de acumulação das empresas, na maioria dos casos, eram insuficientes em razão da queda na rentabilidade das fábricas.<sup>(47)</sup> A desca

---

(47) Documento do COMITEX concluiu que os fundos de financiamento na indústria têxtil brasileira, não acompanhava a inflação. O plano de amortização simplesmente não permitia o reequipamento. Por outro lado, os terrenos nos centros urbanos, particularmente no Rio de Janeiro valorizam-se rapidamente de modo que algumas vezes os proprietários julgavam mais lucrativos vender as fábricas.

pitalização das empresas era ainda agravada pelo processo inflacionário, acompanhado pela incapacidade de repassar integralmente os aumentos dos custos. Restaria a estas empresas recorrerem aos mercados de empréstimo ou de ações. Porém a incipiência destes na região e mesmo no país é apontada como causa de não viabilização desta alternativa. Em outros casos, apesar de contar com os recursos, estes eram canalizados para atividades mais atraentes.

Ao final dos anos 50, outras dificuldades como a necessidade crescente de capital de giro, em vista do processo inflacionário, e os elevados custos de distribuição representam mais um ponto de estrangulamento na evolução do setor têxtil nordestino.

Todos esses fatores, a incapacidade de auto-acumulação do setor, o desvio de recursos para outras atividades, a baixa produtividade condicionada por equipamentos obsoletos, a administração sem maiores controles, excesso na utilização de mão de obra, perda na vantagem relativa do custo da mão de obra, desajuste entre a estrutura da oferta e da demanda são aspectos que marcam a trajetória da indústria têxtil ao longo dos anos 50. São problemas existentes há muito e que foram agravados pelo aumento da competição no pós-guerra, no bojo do processo de integração dos mercados. Manifestavam-se os efeitos de destruição e de inibição, caracterizados pelo fechamento de fábricas, pelo desemprego e pelo deslocamento para as faixas de mercado menos dinâmicas.

Com base na situação de setores como a indústria têxtil e outros que sofriam problemas semelhantes, na crença da eficácia do planejamento e da possibilidade de mudanças de posição do estado e da sociedade brasileira em relação aos problemas do Nordeste e, ainda, com perspectivas de transformações de maior relêvo na economia brasileira, viriam a ser elaborados estudos para a redução das disparidades regionais, nos quais o setor têxtil seria uma das preocupações dos planejadores.

O Nordeste crescera durante a década de 50, mas a necessidade de ajuste de sua estrutura produtiva aos estímulos gerados pe

lo crescimento industrial paulista e nacional, conformando a "ARTICULAÇÃO COMERCIAL", havia provocado destruição de unidades produtivas, notadamente, no setor têxtil. Outros fatores como as graves secas, de 51/52 e 58/59, o desemprego, os movimentos sociais e migratórios e o crescimento diferenciado das regiões alertavam para a gravidade do quadro gestado. Estes fatores e mudanças de base na economia brasileira na segunda metade dos anos 50 conduzem a efetivação de uma nova política do Governo Federal em relação à região a partir de 1960.

## CAPÍTULO II

## TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO TÊXTIL NACIONAL NO LIMAR DOS ANOS 60

A fim de tratar da questão da integração econômica do nordeste ao pólo dinâmico da economia brasileira e suas repercussões sobre a indústria têxtil nordestina, é necessário discutir alguns aspectos a respeito de transformações que estavam sucedendo no mercado têxtil nacional.

Um dos aspectos refere-se ao desenvolvimento tecnológico para o setor têxtil que abria perspectivas para grandes avanços deste setor no país. Este desenvolvimento tecnológico aliado a mudanças estruturais da economia brasileira em fins da década de 50 e a entrada maciça de capital produtivo nos diversos setores industriais do Nordeste no início dos anos 60 são fundamentais para a evolução da indústria têxtil nordestina, em particular, e a dos demais espaços regionais brasileiros. Os avanços que estavam ocorrendo no conhecimento técnico para o setor têxtil mais o estágio de amadurecimento industrial pelo qual o país passava com a "Industrialização Pesada" e, ainda, a transferência de capital das regiões Sul e Sudeste para a região Nordeste são elementos determinantes do modo pelo qual evoluiu a indústria têxtil nacional.

## I. DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO PARA O SETOR TÊXTIL

No que se refere ao desenvolvimento tecnológico do setor, um primeiro aspecto a ser assinalado diz respeito à acumulação do conhecimento técnico na indústria têxtil.

Spreafico, no início dos anos 70 lembrava que "a indústria caracterizava-se até bem pouco tempo como uma das atividades manufatureiras que, em termos relativos, menos conhecimento técnico requere

riam".<sup>(1)</sup> Assim, dada alguma acumulação de capital e um certo mercado interno estariam criadas condições para implantação de fábricas têxteis nas mais diversas regiões e países. Foi exatamente esta característica "que permitiu a todos os países subdesenvolvidos que, nas primeiras décadas do século, dessem início, através da manufatura têxtil, ao seu processo de industrialização".<sup>(2)</sup>

Assim dada a inexistência de barreiras à entrada significativa, as economias nacionais e regionais não se defrontariam com dificuldades para instalar unidades produtivas têxteis, desde que tivessem a capacidade de propiciar alguma formação de capital e que contassem com mercado interno. De fato, conforme assinala aquele autor, o conhecimento técnico para a indústria têxtil era relativamente limitado e estava facilmente disponível no mercado.

"até bem pouco tempo, o conhecimento técnico que se exigia a implantação de uma fábrica têxtil restringia-se à definição do produto, ao "engineering" e a construção da fábrica. O primeiro era apontado pelo próprio empreendedor de um modo tanto arbitrário, geralmente baseado em informações obtidas junto aos comerciantes do ramo. O segundo era proporcionado pelo fabricante de equipamentos sem atentar muito para as condições locais e sob influência direta do interesse econômico envolvido no negócio. Uma vez instalada a fábrica e realizados os testes pré-operacionais ainda por parte dos fornecedores de equipamentos, o empreendedor passava a conduzir a sua indústria sem menor amparo técnico..."<sup>(3)</sup>

No entanto as mudanças que então ocorriam no campo tecno

---

(1) SPREAFICO, Luigi. "Transferência de Tecnologia na Indústria Têxtil e do Vestuário". p. 1.

(2) Ídem. p. 1.

(3) Ibídem. p. 1.

lógico para a indústria têxtil recolocam as questões da transmissão e da utilização do conhecimento técnico pelas fábricas, de forma distinta.

"... na indústria têxtil atual não se pode mais pensar em conhecimento técnico restrito ao campo da montagem, operação e manutenção das máquinas. O aparecimento de novas fibras, o interesse do consumidor por novos produtos, a automação das máquinas e outros fatores fazem que a indústria têxtil moderna exija conhecimentos técnicos que cobre uma vasta gama de especialidades."<sup>(4)</sup>

O impacto que o desenvolvimento do conhecimento técnico no setor gerou sobre o mercado têxtil após 1950 foi muito profundo, notadamente a partir do lançamento das fibras químicas.

O marco da evolução técnica para o setor têxtil fora a feira de Hannover em 1963. A partir daí, diversas descobertas tecnológicas tornaram-se mais conhecidas e disponíveis para o setor. Com isto o conhecimento técnico na têxtil evoluiu rapidamente, abrindo largas perspectivas para o aumento da produtividade, melhoria da qualidade e diversificação dos produtos. A contrapartida destas evoluções foi o surgimento de novas barreiras à entradas para as empresas menos aptas e flexíveis para adoção das novas técnicas.

Os principais avanços consolidados na feira de Hannover foram os seguintes:

#### OS AVANÇOS

- "a) A consolidação dos sistemas semi-contínuos na fiação do algodão;
- b) A introdução das primeiras máquinas de fiar no sistema "open-end";
- c) A afirmação do tear sem lançadeira como economicamente

(4) Ibidem. p. 2, grifos nossos.

- viável;
- d) A automação dos sistemas contínuos de acabamento;
  - e) O aparecimento de novas fibras sintéticas, a sua notável redução de preço e novas técnicas de mistura com as fibras naturais;
  - f) O aparecimento mecânico e a automação das máquinas de malharia para utilização de fios sintéticos dando a este ramo da indústria têxtil uma expansão inesperada;
  - g) O aparecimento das técnicas de fabricação dos tecidos aglomerados ("non-Woven");
  - h) A automação dos controles de produtividade das máquinas, e da programação da produção através de computadores;
  - i) O aparecimento de novas técnicas de texturização dos fios sintéticos.<sup>(5)</sup>

Em termos de diversificação e sofisticação do mercado de ve-se sublinharas profundas alterações no hábito de vestir em grande parte decorrentes do surgimento das fibras sintéticas. Estas, de um lado, apresentam custo cada vez mais reduzidos e, de outro, abriam oportunidade para lançamento de novos produtos e para a melhoria de fios e tecidos.<sup>(6)</sup> Ademais, as mudanças no hábito de vestir, derivadas tanto da própria diversificação produtiva como do crescimento urbano na passagem da década de 50 para a de 60, fez despertar com grande capacidade de crescimento o setor de malharia que até o aparecimento das fibras sintéticas não conseguia obter avanços significativos.

O advento das fibras sintéticas na década de 50 também estimulou o setor têxtil a incorporar novas técnicas que elevaram substancialmente a produtividade das máquinas e dos equipamentos. Neste sentido Spreafico assinala que

---

(5) Ibidem. p. 10.

(6) Ibidem. p. 11.

"acelerou-se a simplificação do processo de fios e automatizou-se as operações subsequentes para sua transformação em tecidos. Introduziram-se controles nas máquinas que permitiam elevar a velocidade de operação a ponto de, em alguns casos, triplicar ou quadruplicar a produção."<sup>(7)</sup>

O avanço no conhecimento técnico e sua repercussão em termos de sofisticação do mercado e diversificação produtiva ergueram barreiras à entrada na medida em que a incorporação das novas técnicas produtivas tinha custo elevado e que se criavam conhecimentos técnicos que eram repassados tão somente em acordos especiais. A título de exemplo, eram diversas e complexas as formas de transferência do conhecimento técnico na utilização de processos especiais em matérias primas sintéticas. Assinale-se que estes tipos de conhecimento técnico eram fundamentais na diferenciação do produto das fábricas modernas em relação as fábricas tradicionais que não tinham acesso a tais inovações. Neste sentido estes conhecimentos passavam a ser de grande importância na competição entre as empresas, e na segmentação dos mercados.

Os diversos acordos entre empresas para transferência de conhecimento técnico refletem a complexidade que foi incorporada ao mercado têxtil nacional, resultante do progresso técnico recém-adquirido. Outros elementos relacionados ao progresso técnico concorreram para as transformações no mercado têxtil brasileiro, como por exemplo, a rápida expansão da indústria de confecções. Esta, já em 1970, respondia por cerca de 75% da demanda por tecidos na América Latina. Seu crescimento trouxe impactos positivos para o setor têxtil viabilizando inclusive alterações no processo produtivo, como é o caso da incorporação de tear sem lançadeira.<sup>(8)</sup> Outro exemplo foi a expansão da demanda por tecidos industriais.

(7) Ibidem. p. 10.

(8) Ibidem. p. 14.

As inovações tecnológicas para o setor têxtil, como vimos, foram capazes de alterar as condições produtivas e a competição no mercado, e puderam seguir dois caminhos básicos:

- a) inovação dos materiais pelo avanço na tecnologia de fabricação e na utilização de fibras sintéticas;
- b) inovação no processo através do aperfeiçoamento da tecnologia tradicional de produção e o desenvolvimento de métodos alternativos de fabricação.<sup>(9)</sup>

A incorporação destas inovações requeria, frequentemente, um investimento muito elevado, para o qual nem sempre a empresa tinha recursos ou mesmo estava disposta a dispensar quantias tão altas.

A decisão de adotar uma parcela considerável dos novos avanços pode alterar os dados básicos da estrutura econômica e técnica das fábricas. Para exemplificar este aspecto Spreafico lançou mão do que seria uma fábrica típica em diferentes épocas, capacitadas para produzir um fio cardado NE 30.

O Quadro a seguir é a representação gráfica dos resultados obtidos.<sup>(10)</sup> Pode-se observar que para elaborar o mesmo volume de produção, o tamanho da fábrica em termos de área e do número de fusos caiu entre 1930 e 1970, respectivamente, de 100 para 44 e de 100 para 50. No decorrer da década de 60, o tamanho da fábrica em termos de área caiu de 77 para 44 e em termos de números de fusos, de 72 para 50.

No entanto os dados que chamam mais atenção são os que se referem ao pessoal ocupado. Entre 1960 e 1970 este índice se reduziu a menos da metade, e, analisando todo o período pesquisado (1930 a 1970), o índice de pessoal ocupado se reduz 6,6 vezes. É um resultado impressionante e confirmaria a hipótese de que uma das prin

(9) Ver CNI-"CETIQT Dã Show de Moda". Reportagem com Edgar Arp, Presidente do Centro de Tecnologia de Indústria Química e Têxtil, do SENAI.

(10) O Gráfico foi extraído de Spreafico, op. cit. p. 12.

PRODUTIVIDADE E INVESTIDOS DE INVESTIÇÃO PARA UMA FÁBRICA DESTINADA A PRODUZIR 100 CADAQUO DE ALGODÃO EM 30 EM DIFERENTES ÉPOCAS

(Índices diferentes)

PRODUÇÃO DE FIO

TAMANHO DA FÁBRICA EM NÚMERO DE FUSOS

ÁREA DA FÁBRICA

PESSOAL OCUPADO

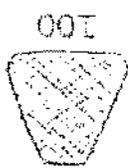
INVESTIMENTO POR OPERÁRIO OCUPADO



1930



1950



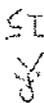
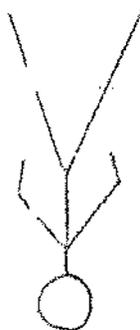
1960



1965



1970



cipais motivações para o progresso técnico no setor têxtil dos países mais avançados é a redução da força de trabalho empregada. Neste sentido, a tendência de desenvolver processos contínuos, preocupação sempre presente no setor têxtil, é capaz de reduzir e até eliminar o trabalho humano em certas fases de produção.<sup>(11)</sup> O índice de inversão por pessoal ocupado cresceu a taxas mais elevadas do que o de redução do emprego, representando crescimento da relação capital/produto.

Os índices encontrados referem-se a fábricas modernas para cada época, considerando-se apenas equipamentos de eficiência comprovada. Trata-se contudo de "fábricas-modelo". A incorporação dos progressos técnicos que permitiram estes resultados foi, no caso brasileiro, efetuada em ritmo lento e irregular e a maioria restritos a unidades produtivas mais capitalizadas e localizadas nos principais centros urbanos.

A introdução de uma série destes avanços técnicos nem sempre permitia visualizar uma viabilidade econômica para as fábricas têxteis brasileiras. A este respeito documento da CEPAL de 1962 chegava a algumas conclusões interessantes.<sup>(12)</sup>

Depois de reconhecer que para a modernização pretendida à época para o setor têxtil nacional existia um leque de opções tecnológicas, afirmava não se poder, a partir de critérios estritamente econômicos — certamente análise de custo-benefício —, apontar qual a orientação mais adequada. Ainda assim, após a efetuação de diversas estimativas julgava que diante do elevado volume de recursos requeridos para o reequipamento total do setor têxtil nacional, a solução mais viável em termos financeiros e econômicos seria a adoção de tecnologia intermediária com o aproveitamento parcial das máquinas

(11) Alcir Silva recolhe depoimento de antigo funcionário da Fábrica de Tecidos Paulista informando que em 1940 a fábrica empregava 10.000 trabalhadores. Em 1960 o número é de 4.500 funcionários e na segunda metade dos anos 70, cerca de 1.800. A razão apontada seria a modernização em termos de utilização de equipamentos automáticos e de métodos de racionalização do trabalho. "Algodão e ...". P. 286.

(12) CEPAL. Op. Cit. p. 12 da Introdução.

nas existentes.

A própria política do governo federal viria incentivar uma velocidade moderada na introdução do progresso técnico.

De acordo com as entidades empresariais, um fator explicativo fundamental para o lento ritmo da incorporação do progresso técnico que viria ocorrer no setor têxtil nacional derivaria de que, em diversos casos, os custos de investimentos para aquisição de novas máquinas seriam proporcionalmente muito superiores ao aumento da capacidade produtiva.<sup>(13)</sup>

Ainda assim, uma parcela das inovações foi assimilada pelas fábricas na década de 60, notadamente por aquelas de maior porte e rentabilidade. Este movimento tendia a elevar o diferencial de produtividade e, o que é fundamental, através da diversificação produtiva de algumas fábricas, concorria para acentuar a segmentação do mercado têxtil. Erguiam-se barreiras à entrada. Enquanto as fábricas capitalizadas tinham acesso a novas faixas de mercado que estavam em expansão por conta da sofisticação do consumo, as fábricas obsoletas permaneciam atendendo a demanda de produtos de menor rentabilidade.<sup>(14)</sup> Isto provocava, dada a distribuição espacial das fábricas capitalizadas e aptas a introduzir inovações, um distanciamento em termos de produtividade e de qualidade do produto, entre os parques fabris regionais.<sup>(15)</sup>

De outra parte, para as fábricas menos capitalizadas e com maquinaria obsoleta situadas nas diversas regiões do país interessava o fato de que a introdução de inovações de forma diferenciada no parque têxtil nacional não inviabilizava necessariamente a convivência no mercado de fábricas com estruturas técnicas diversas com equipamentos de diferentes gerações. Se é verdade que as mais mo

(13) O presidente do CETIQT diz da dificuldade de sucateamento das máquinas antigas em razão de que os ganhos de produtividade proporcionados pelos novos equipamentos nem sempre compensam o investimento requerido.

(14) Ver CNI "CETIQT Dá Um Show De Moda" p. 43.

(15) Ver CNI "Tecnologia Têxtil em Questão". Pronunciamento do Presidente da CNI, Albano Franco, No I Encontro de Moda e Tecnologia.

deras apresentavam custos operacionais bem inferiores, as fábricas com equipamentos antigos, tinham máquinas diversas vezes depreciadas e amortizadas, contando portanto com custo fixo por unidade de produto muito mais reduzido. Assim, "os custos médios desses dois tipos de empresa de perfil tecnológico diferente poderiam ser bastante próximos". (16)

Cabe observar, ao parágrafo anterior, que, cada vez mais, a competição no mercado era permeada por outras características afora o custo médio: diferenciação dos produtos, transferência do conhecimento técnico e requisitos de capital para aquisição dos novos equipamentos, apontando diretamente para a oligopolização do setor têxtil nacional.

Assim, a disputa nos diversos segmentos de mercado que estavam se ampliando passa a se orientar por outras bases.

A diversificação do mercado possibilitada pelos novos conhecimentos e associada ao crescimento urbano e da renda interna e a expansão da indústria de confecções tendia a intensificar a competição por outros meios. Entre as novas bases de competição Rattner e Thorstensen assinalam. (17)

- "a) modernização das técnicas e canais de marketing, pela criação de um departamento de vendas, lançamento de novos desenhos e coleções, etc.
- b) desenvolvimento e consolidação de canais de exportação, mantendo representantes ou pontos de vendas no exterior, abastecendo-os com produtos especiais, de melhor qualidade;
- c) a regionalização de certas fases ou processos de produção procurando aproveitar de vantagens comparativas;

---

(16) Rattner e Thorstensen. "Inovação tecnológica e as PME têxteis", p. 229

(17) Ídem. p. 228.

- d) utilização, mesmo com pagamentos de royalties, de certas marcas de grande aceitação junto a determinadas categorias de consumidores de alto poder aquisitivo;
- e) integração vertical, especialmente com a indústria de confecções."

A competição no setor têxtil com base nos elementos citados era direcionada para vários aspectos como a obtenção de vantagens no custo de produção, através da regionalização de produção (c), mas tem por objetivo sobretudo auferir margens diferenciadas de lucro a partir da conquista de novos mercados seja através da diferenciação (de fato ou ilusória) dos produtos (a e d) ou de canais alternativos de escoamento da produção (b). A integração vertical atuaria no duplo sentido de elevar a margem e facilitar o escoamento da produção.

No entanto estes instrumentos de competição eram limitados às fábricas mais capacitadas em termos tecnológicos e financeiros e que podem dispor de uma estrutura administrativa mais moderna.

Em resumo, a partir do final da década de 50, uma série de inovações tecnológicas estavam à disposição da indústria têxtil nacional. Particularmente a utilização de novas matérias significaria uma verdadeira revolução no mercado têxtil e tais inovações demandariam algum tempo para serem assimilados pelo conjunto par que têxtil brasileiro. No entanto, a assimilação em ritmo diferenciado elevava consideravelmente a heterogeneidade do setor, onde conviviam fábricas pequenas e grandes, modernas e obsoletas. (18) Cabe lembrar que o processo de incorporação do progresso técnico e seus reflexos sobre o mercado têxtil apenas se iniciava nos anos 60,

---

(18) Para exemplificar, a produtividade dos equipamentos na tecelagem das fábricas novas, em implantação, do Nordeste em 1969 eram, segundo estimativas, quase sete vezes superiores à média brasileira de 1961 enquanto as fábricas tradicionais do Nordeste, em 1969, apresentaram índice de produtividade de próxima à média brasileira de 1961.

prossequindo na década seguinte, porém em ritmo lento e irregular, dependendo dos programas de financiamento do Governo Federal e das decisões empresarias.

## 2. A INDUSTRIALIZAÇÃO PESADA

Além dos avanços no conhecimento técnico a partir do final dos anos 50 foi de fundamental importância para a evolução do setor têxtil no país as mudanças que estavam ocorrendo na economia brasileira na segunda metade dos anos 50. As profundas transformações por que passavam a estrutura e a dinâmica da economia do país entre 1956-61 significavam, na afirmativa de João Manuel Cardoso de Melo, a passagem para um novo padrão de acumulação de capital. (19) Estas transformações foram fundamentais para a evolução da indústria têxtil no que diz respeito à crescente oligopolização, ao salto tecnológico no setor, como também em termos de impacto sobre sua estrutura nos espaços regionais.

Inicia-se na economia brasileira com a implantação "de um bloco de investimento altamente complementares, entre 1956-61" "uma nova etapa do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas a partir do Sudeste, notadamente, de São Paulo. A estrutura produtiva sofre radical transformação com a implantação de segmentos pesados dos departamentos de bens de produção e de bens de consumo duráveis. Com isto rompem-se as primeiras barreiras técnicas e econômicas ao processo de desenvolvimento dado que estão sendo implantados na economia brasileira parcela significativa dos três departamentos de produção. (20) Supera-se o período denominado de "Industrialização restringida", passando-se a "um novo padrão de acumulação que demarca uma nova fase, e as características delinearão um processo de industrialização pesada, por que este tipo de desenvol

(19) MELLO, J.M. C. de. "O Capitalismo Tardio". p. 117.

(20) Ídem. p. 117.

vimento implicou o crescimento acelerado da capacidade produtiva do setor de bens de produção e do setor de bens duráveis de consumo antes de qualquer expansão previsível de seus mercados." (21)

Este novo padrão, por um lado, criava as bases materiais para uma nova modalidade de relacionamento da economia do Sudeste com as demais regiões do país. De outro lado, causaria amplas repercussões sobre o setor têxtil nacional, sua estrutura e seu mercado.

Como foi assinalado, o bloco de investimentos efetuado resultou em profundas alterações da estrutura produtiva da economia, sobretudo dos setores de bens de produção e de bens de consumo durável, cuja própria implantação tem fortes efeitos de retroalimentação. O setor de bens de consumo para assalariados, neste processo, seria "levado literalmente a reboque do crescimento rápido" dos outros dois setores. (22) O crescimento da renda interna e o processo de rápida expansão industrial e urbana geraram estímulos sobre o departamento de bens de consumo para assalariados, impondo sua modernização e diversificação. No caso do setor têxtil, estes fatores, mais a competição nos mercados interno e externo, deixam clara a necessidade de incorporação de inovações tecnológicas com vistas à sua modernização.

No momento da passagem para esta nova etapa de desenvolvimento capitalista no país, a indústria têxtil se encontrava bastante defasada em relação a outros setores industriais. O documento da CEPAL de 1962 constata o obsoletismo do equipamento, a baixa produtividade e a má qualidade dos tecidos produzidos por parcela considerável das fábricas nacionais.

O quadro resumo a seguir ilustra a situação do parque têx

---

(21) Ibidem. p. 117.

(22) Ibidem. p. 117-118.

til algodoeiro nacional, em termos de obsolescência dos equipamentos. (23)

INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL (REGIÃO CENTRO-SUL)

EQUIPAMENTO	Atualizados	Reformáveis	Obsoletos	Total
	<u>Em números absolutos</u>			
Filatórios contínuos	602 868	1 208 014	1 081 410	2 892 292
Filatórios intermitentes	-	840	1 650	2 490
Total teares	22 373	12 437	36 203	71 013
Teares mecânicos	3 268	12 337	33 912	49 517
Teares automáticos	19 105	100	2.291	21 496
	<u>Em percentagem do total</u>			
Filatórios contínuos	20.8	41.8	37.4	100.0
Filatórios intermitentes	-	33.7	66.3	100.0
Total teares	31.5	17.5	51.0	100.0
Teares mecânicos	6.6	24.9	66.5	100.0
Teares automáticos	88.9	0.5	10.6	100.0

Fonte: CEPAL 1962

O setor de algodão, o mais importante, era também no ano da pesquisa o mais obsoleto.

"Na fiação de algodão dos 2,9 milhões de fusos pesquisados dos mais de 1 milhão foram classificados de obsoletos e só uns 600 fusos são considerados como atualizados. O restante, algo mais de 1,2 milhões de fusos, são reformáveis e poderiam trabalhar nas condições estabelecidas pelos critérios de modernismo uma vez que fossem e

(23) CEPAL. Op. cit. p. 248.

fetivadas as reformas necessárias."(24)

Entre os teares era também muito elevada a participação daqueles considerados obsoletos.

"Com respeito aos teares depreende-se... que dos 49517 teares automáticos abrangidos pela pesquisa 34000 são obsoletos, enquanto que 19000 dos 21 mil teares automáticos são atualizados. Em conjunto só 31,5%, do total de teares podem ser considerados atualizados".(25)

O movimento seguinte seria o da modernização de parcela das fábricas, seja do Nordeste, seja do Sul ou do Sudeste. No caso do Nordeste, a SUDENE, com base em diagnóstico do setor elaborara um programa de reequipamento que pretendia abranger toda indústria têxtil algodoeira da região, com a restrição, até 1965, de apenas modernizar as fábricas existentes, não permitindo implantação de novas unidades.

As inovações no processo produtivo e na utilização dos novos materiais então disponíveis para a modernização do setor têxtil do país. A partir de então a introdução de novos materiais é significativa com a rápida expansão do uso de fibras sintéticas (nylon, poliéster, acrílico, etc).<sup>(26)</sup> Esta apresenta uma elevação de 469% entre 1963 e 1970 no consumo industrial brasileiro, enquanto o algodão, no mesmo período, limita-se a um crescimento de 6,1%. No final da década de 60 as fibras sintéticas já representavam mais de 10% do consumo de fibras têxteis no Brasil. A importância desta crescente participação deve ser ponderada ainda pelas amplas possibilidades de diversificação produtiva e elevação da produtividade que a fibra sintética viabiliza, e seus reflexos sobre a competição no mercado têxtil.

(24) Idem. p. 247.

(25) Ibidem. p. 248.

(26) Cf. SCHOUERI R. "Aspectos da Indústria Têxtil Brasileira". Pronunciamento em 03.05.79 no Sindicato de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado de São Paulo. Fonte de Dados: Sindicato da Fiação e Tecelagem em Geral do Estado de São Paulo.

QUADRO

BRASIL — CONSUMO INDUSTRIAL DE FIBRAS TÊXTEIS (1)

(em 1.000 toneladas)

ANO	NATURAIS						ARTIFICIAIS			SINTÉTICOS					TOTAL
	Algodão	Lã Lavada	Linho/Ranni(2)	Seda (fio)	Juta (2)	TOTAL	Acetato	Viscose (3) (4)	TOTAL	Nylon (3) (4)	Poliéster (3)	Acrílico	Outras (5)	TOTAL	
1.963	271,8	12,4	7,8	0,1	56,0	351,1	5,4	33,7	39,1	8,6	2,1	0,1	-	10,8	401,0
1.964	267,7	8,7	9,2	0,1	63,3	349,0	6,0	34,8	40,8	9,6	3,2	0,1	-	12,9	402,7
1.965	270,3	7,9	10,5	0,1	74,6	363,4	5,9	32,4	38,3	10,6	3,9	0,1	-	14,6	416,3
1.966	265,0	6,3	14,8	0,1	58,8	343,0	7,0	38,9	45,9	15,4	6,1	0,4	-	19,9	408,8
1.967	270,0	9,1	14,0	0,1	63,5	356,7	8,1	37,6	45,7	13,8	6,3	4,2	-	24,3	426,7
1.968	283,5	10,8	19,0	0,1	76,7	377,4	8,9	46,3	35,2	20,3	11,4	4,9	0,1	36,7	449,3
1.969	288,6	11,0	20,0	0,1	51,5	371,2	8,4	40,7	49,1	18,7	14,5	4,9	0,7	38,8	459,1
1.970	291,3	13,8	23,0	0,1	76,7	404,9	8,6	42,0	50,6	28,7	22,5	8,7	1,6	61,5	517,0
1.971	296,1	15,6	24,0	0,1	62,7	398,5	8,7	49,2	57,9	30,9	37,2	10,1	2,7	82,1	538,5
1.972	325,0	15,2	25,7	0,1	79,4	445,4	8,7	43,8	52,5	39,1	48,6	14,7	4,0	106,4	604,3
1.973	379,3	10,0	21,1	0,1	106,0	519,5	9,5	51,3	60,8	46,8	63,8	18,2	13,1	141,9	722,2
1.974	397,0	11,0	20,0	0,1	94,8	522,9	8,9	52,4	61,3	57,6	74,4	21,0	14,8	167,9	752,1
1.975	420,0	8,9	18,5	0,1	107,7	555,2	6,6	42,3	48,9	60,6	67,6	15,9	20,2	163,9	768,0
1.976	445,0	14,5	15,5	0,12	96,1	571,2	6,6	47,1	53,7	68,7	85,3	20,3	23,3	195,6	620,5
1.977	445,0	11,1	13,5	0,26	85,3	555,2	6,3	43,2	49,5	75,9	87,2	18,8	33,0	214,9	819,6
1.978	510,0	13,7	8,9	0,3	75,0	607,9	4,3	41,1	45,4	74,0	91,9	18,4	40,5	224,8	968,1

FONTE: Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, no Estado de São Paulo.

- OBSERVAÇÕES: - (1) - Fibras não consideradas por indisponibilidade de dados - Guaxima, Sisal, Tucum e Caroã.  
 (2) - Inclusive consumo das indústrias de sacaria e cordoalha.  
 (3) - Inclusive consumo do filamentos industriais.  
 (4) - Inclusive cordonei e tecido para fábrica de pneumáticos.  
 (5) - Oliclinicas e Elastomeros (LYCRA).

CONSUMO INDUSTRIAL DE FIBRAS TÊXTEIS  
 EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS FIBRAS NATURAIS,  
 ARTIFICIAIS E SINTÉTICAS - 1963-1978.

ANO	NATURAIS		ARTIFICIAIS	SINTÉTICAS	TOTAL
	ALGODÃO	TOTAL			
1963	68,5	87,6	9,8	2,6	100
1964	66,5	86,7	10,1	3,2	100
1965	65,0	87,3	9,2	3,5	100
1966	64,3	83,9	11,2	4,9	100
1967	63,3	83,6	16,7	5,7	100
1968	63,1	84,0	7,8	8,2	100
1969	63,1	80,8	10,7	8,5	100
1970	56,3	78,3	9,8	11,9	100
1971	55,0	74,0	10,8	15,2	100
1972	53,7	73,7	8,7	17,6	100
1973	52,5	71,8	8,4	19,6	100
1974	52,7	69,5	8,2	22,3	100
1975	54,7	72,3	6,4	21,3	100
1976	54,2	69,6	6,6	23,8	100
1977	54,3	67,4	6,0	26,2	100
1978	58,0	69,2	5,2	25,6	100

FONTE: Sindicato de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado de São Paulo.

## EVOLUÇÃO DO CONSUMO INDUSTRIAL DE FIBRAS TÊXTEIS - 1963-1978

ÍNDICES DE EVOLUÇÃO DO CONSUMO DE  
FIBRAS NATURAIS, ARTIFICIAIS E SINTÉTICAS

ANO	NATURAIS		ARTIFICIAIS	SINTÉTICAS	TOTAL
	ALGODÃO	TOTAL			
1963	100	100	100	100	100
1964	97,4	99,4	104,3	119,4	100,2
1965	98,4	103,5	98,0	135,2	103,7
1966	95,7	97,7	117,4	184,3	101,5
1967	98,3	101,6	116,9	225,0	106,2
1968	103,2	107,5	90,0	339,8	112,0
1969	105,4	105,7	125,6	359,3	114,5
1970	106,1	115,3	129,4	569,4	128,9
1971	107,8	113,5	148,1	760,2	134,2
1972	118,3	126,9	134,3	985,2	150,6
1973	138,2	148,0	155,5	1313,9	180,0
1974	144,5	148,9	156,8	1554,6	187,5
1975	152,8	158,1	125,1	1517,6	191,5
1976	161,9	162,3	137,3	1811,1	204,5
1977	162,9	158,1	126,6	1989,8	204,2
1978	185,6	173,1	116,1	2081,5	215,0

FONTE: Sindicato de Fiação e Tecelagem em Geral do Estado de São Paulo.

Em 1978 as fibras sintéticas já representavam mais de 1/4 do total consumido no país; entre 1963 e 1978 o consumo crescera mais de 20 vezes, um resultado realmente espetacular. O aumento na utilização de fibras sintéticas ocorreu a taxas anuais de 20% entre 1963 e 1969 e de 15,9% entre 1970 e 1978. A evolução do consumo de algodão foi bastante distinta. No início dos anos 60, durante o período recessivo, há um recuo, seguido de lenta recuperação no período 1967-71. A partir daí passa a crescer rapidamente. Entre 63-66 o consumo industrial de fibra de algodão caiu 4,3%. No período 69-71 cresceu a taxa anual de 1,8%. No período 71-78, cresceu à 7,0% aa, crescimento em que a disseminação no uso de "jeans" certamente terá sido de grande importância.

A partir desse rápido crescimento do consumo de fibras sintéticas, bem diferenciado do consumo de algodão, a participação das primeiras no total do consumo industrial de fibras no país se eleva e passa a representar parcela considerável. Assim, em 1963 as fibras sintéticas significava apenas 2,6% do consumo industrial de fibras têxteis contra 11,9% em 1970 e 26,2% em 1977. Enquanto isso, o consumo de algodão caiu de 68,5%, em 1963, para 52,5%, a menor participação no período, em 1973. Após este ano apresentou certa recuperação atingindo 58% em 1978. O total de fibras naturais consumidas apresentou redução ainda mais rápida no período.

### 3. MUDANÇA NO RELACIONAMENTO DO ESPAÇO ECONÔMICO NORDESTINO COM O CENTRO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Ao lado das inovações tecnológicas e da nova etapa do desenvolvimento capitalista no país, um terceiro movimento, naturalmente interrelacionado aos outros, foi fundamental na evolução da indústria têxtil do Nordeste e da brasileira como um todo. Este movimento seria a progressiva transformação do relacionamento do espaço econômico nordestino com o centro dinâmico da economia brasileira.

A partir de 1960, com a criação da SUDENE e com base nos incentivos criados para o investimento industrial no Nordeste processar-se-ã intensa transferência de capital das áreas mais desenvolvidas, notadamente de São Paulo, para o Nordeste redefinindo a forma de relacionamento entre o Nordeste e o pólo econômico brasileiro.

Neste sentido pode-se perceber duas etapas bastante distintas de interação econômica do Nordeste com a economia brasileira. Na primeira, chamada de "articulação comercial", iniciada na segunda metade do século XIX e se estendendo até fins dos anos 50 do século atual, as barreiras que isolavam a economia regional começam a ser removidas através das relações de compra e venda de excedentes exportáveis e da expansão da competição inter-regional. <sup>(27)</sup> Do início desta articulação, relacionada à exportação de produtos primários (sobretudo açúcar e algodão) do Nordeste como alternativa à perda dos mercados internacionais, progressivamente se aprofunda com o vigoroso crescimento industrial do Sudeste na década de 20 e ganha novos contornos com o processo de industrialização restringida (1930-55) quando a expansão industrial de São Paulo conduz a necessidade de integrar o mercado nacional.

Neste intercâmbio comercial o Nordeste se especializaria na exportação de matérias primas e bens primários, como açúcar e algodão, enquanto o Sudeste buscava mercado para suprir as vendas de uma indústria de porte nacional que lança suas bases na década de 20 e ganha fôlego após a Grande Depressão.

A segunda fase, denominada "Integração Econômica" tem início nos primeiros anos da década de 60, portanto, logo em seguida ao período de "Industrialização Pesada" e terá implicações diretas com a etapa declinante do ciclo da economia brasileira, a par

(27) A respeito da periodização da história recente do Nordeste ver Guimarães, Leonardo & Souza, Aldemir. "A Dinâmica do Mercado de Trabalho no Nordeste" e Guimarães, L. "Nordeste: Da Articulação...".

tir de 1962. Na "Integração Econômica" as relações inter-regionais se caracterizam pelo traslado de capital produtivo das regiões Sul e Sudeste para o Nordeste. Era de fundamental importância na migração de capitais para a região a atuação do Estado, via incentivos fiscais - dispositivos 34/18.

De uma a outra fase ocorreram mudanças qualitativas nas relações que significam para o Nordeste, na afirmativa de Leonardo Guimaraes, uma "redefinição de "região", uma nova dinâmica de economia e uma nova estrutura produtiva". (28)

As duas fases refletem relações distintas entre as regiões e o impacto sobre a economia nordestina é assimilado de forma bastante diferenciada. Na articulação comercial, lembra aquele autor.

"O que prevalece é a troca de mercadorias entre espaços diferenciados. Neste sentido, ocorre a propagação de relações mercantis sem que o aprofundamento das relações capitalistas se dê, necessariamente, de modo a transformar os processos de trabalho e as relações sociais. O ajustamento ocorrido, no momento da articulação, tende a ser realizado, a partir da difusão de relações mercantis, bem como a partir de uma acumulação endôgena, e é função da capacidade da região em financiar a sua própria formação de capital.... É com a integração que pode ocorrer a transformação radical dos processos de trabalho. Neste caso a acumulação independe de acumulação interna do sub-sistema. Tal acumulação pode ocorrer num ritmo que tem pouco a ver com os interesses imediatos e os limites estreitos do potencial de acumulação da região que se constitui destino das transferências de capital

---

(28) GUIMARAES, L. "Nordeste: Da Articulação ..." p. 05.

produtivo. Este capital, como relação de produção que é, traz consigo uma teia de vínculos e exigências que tende a se generalizar no contexto onde se dá sua reprodução ampliada." (29)

Ademais, no período de Articulação comercial ocorrem mudanças na economia nordestina apenas como forma de se ajustar, via efeitos de estímulos, de bloqueio e de destruição, ao maior intercâmbio regional dos produtos entre o Nordeste e o resto do país.

De outra parte, na primeira fase, dados os problemas de formação de excedente e, de incapacidade de disputar o mercado nacional e de manter o regional, a economia do Nordeste, nos setores agrícolas e industriais, encontrava-se extremamente defasada em relação ao pólo econômico e apresentava taxa de crescimento bem inferior. Sua indústria, basicamente um apêndice do setor agropecuário, não possuía a menor condição de se constituir em força motriz capaz de gerar um crescimento auto-sustentado na região. (30)

Assim, a economia da região, de acordo com a capacidade de acumulação interna, respondia àquele maior intercâmbio comercial. No período de integração, na medida em que o ajuste da estrutura econômica regional, independeu da capacidade regional de acumulação, as transformações são qualitativa e quantitativamente superiores. Nesta fase, o aparelho produtivo sofre intensa remodelação com o surgimento de novos setores e a modernização dos tradicionais (como no caso do setor têxtil) ameaçadas de capitular ante a competição com a indústria sulista.

No período de Integração dado que a parcela fundamental do capital a ser investido, particularmente no setor industrial, era de fora da região, o processo de acumulação se dava em outro patamar

(29) *Ibidem*, p. 12.

(30) Antonio de Barros Castro em "Sete Ensaios Sobre a Economia Brasileira" foi um dos primeiros autores a perceberem o papel dinâmico que passa a ter a indústria incentivada do Nordeste em contraste com o papel secundário que apresentava anteriormente.

mar em termos de volume de capital, estágio tecnológico e grau de oligopolização. Com isto o Nordeste recebeu uma enxurrada de investimentos, quase todos subsidiados, provocando elevação anual da renda de 7% (1960-75) e taxa média de inversão anual de 14% (1966-76).<sup>(31)</sup> Agora vê-se uma indústria dinâmica em termos de capacidade de acumulação, tecnologicamente moderna, diversificada e baseada na grande empresa. Contudo esta nova indústria, por conta de reduzidos vínculos com a economia da região, em termos de utilização de insumos e destino da produção amortece os efeitos propulsores sobre os demais setores da região. Vale dizer, não provoca um forte fluxo de renda indireta e direta, via efeitos industriais para trás e para frente sobre a economia regional. No entanto, deve-se analisar, no contexto de integração econômica em curso, que este fluxo de renda e estes efeitos inter-industriais tendem a se efetuar cada vez mais a nível nacional.

Tudo isto significa, sem sombra de dúvida, um novo período na história econômica do Nordeste. A economia da região, que desde meados do século XIX elevou sistematicamente o intercâmbio com o resto do país, aprofunda esta relação e, neste processo, perde o caráter essencialmente regional, no bojo de um processo em curso de homogeneização do espaço econômico brasileiro, dado que o processo de acumulação de capital se dá a escala nacional.

Com base nos três movimentos discutidos acima, a incorporação do progresso técnico e suas repercussões sobre o mercado têxtil, a mudança no padrão de acumulação na economia brasileira e a "Integração Econômica" do Nordeste à dinâmica econômica nacional que, convém assinalar, estão estreitamente relacionados, a indústria têxtil do Nordeste sofreu radical transformação na sua estrutura e dinâmica nos anos 60 e 70.

---

(31) Os dados, extraídos do texto de Guimarães & Souza são originariamente publicados em "Produtos e Formação Bruta de Capital: Nordeste do Brasil". SUDENE. Vários Anos.

## CAPÍTULO III

## POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E INDUSTRIALIZAÇÃO:

## O SETOR TÊXTIL (1962-1980)

Um complexo de condicionamentos políticos, econômicos e sociais foram decisivos para a adoção, por parte do Governo Federal de uma nova política para o Nordeste, que propiciaria a transferência maciça de capital industrial para a região, abrindo nova etapa em sua evolução econômica.

O atraso econômico do Nordeste é, sem dúvida, um dos principais fatores que trazem a questão de disparidades regionais no Brasil ao "centro do debate nacional" em fins da década de 50 e início de 60. Cabe lembrar que a abertura das economias regionais se dá, sobretudo, no pós guerra, de forma a que algumas regiões sofrem de ajustes e apresentam dificuldades de adaptar-se ao padrão de crescimento ditado pela industrialização de São Paulo, com problemas para expandir atividades no mercado nacional e manter suas fatias nos mercados regionais. Resulta deste processo um desenvolvimento de forças produtivas e de capacidade de acumulação bastante diferenciadas no território brasileiro. Não se trataria como alguns pensaram, de estagnação econômica das regiões mais pobres. Pelo contrário, as diversas regiões apresentaram taxas de crescimento positivas, porém, com ritmos diferenciados de expansão do produto, de emprego e da diversificação econômica.

A participação do Estado neste processo foi a de instrumentalizar e criar condições para a industrialização brasileira, recorrendo a diversos tipos de incentivos, controles e investimentos

diretos.<sup>(1)</sup> Ao eleger a industrialização como prioridade de política econômica o governo federal utilizou todo um arsenal de instrumentos que indubitavelmente proporcionariam o reforço à acumulação de capital, resultando, inevitavelmente, a concentração na região com maior potencial de acumulação e de base industrial mais ampla, que era São Paulo.<sup>(2)</sup>

Como elemento "compensatório", principalmente aos grupos dominantes da região assumiria uma política em grande parte assistencialista, baseada na transferência de recursos federais para o Nordeste — que lhe dava sustentação política necessária, dado que os recursos eram inteiramente manipulados por grupos políticos regionais. O caráter assistencialista desta política, de outra parte, reforçava as estruturas políticas e econômicas vigentes que a cada dia contrastavam mais com o rápido desenvolvimento do Centro-Sul.

Outros fatores como as grandes secas (51-52 e 58-59) e o intenso movimento migratório que delas derivam contribuíram para alertar a opinião pública brasileira a respeito das disparidades regionais. Também os movimentos sociais, como as Ligas Camponesas em Pernambuco chamaram a atenção das classes dominantes nacionais e mesmo de organismos internacionais para o quadro explosivo em gestação do Nordeste.<sup>(3)</sup> Nesse contexto a questão de disparidades regionais teria que ser enfrentada diretamente pelo governo federal.

Assinale-se que conta para o redirecionamento da política econômica para a região Nordeste, o enfoque de caráter cepalino dado pelos diagnósticos à respeito do atraso nordestino. O Grupo de

---

(1) Diversos autores discutem a respeito das causas que levaram o governo federal adotar uma política industrializante para o Nordeste. Podemos destacar Cano, Wilson. "Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil: 1930-1970", Cap. I; Coln, Amélia. "Crise Regional e Planejamento", Guimarães, Leonardo. "Nordeste: Da Articulação Comercial à Integração Econômica", Cap. III; Moreira, Raimundo. "O Nordeste Brasileiro: Uma Política Regional de Industrialização"; Oliveira, Francisco. "Elegia para uma Região".

(2) A este respeito ver Guimarães, Leonardo. "Nordeste: Da articulação..." p. 122.

(3) Na década de 50 a "questão Nordeste" chama atenção da sociedade brasileira e mesmo de organismos internacionais. Na época muitos acreditavam que o clima de agitação social poderia vir a ter caráter pré-revolucionário.

Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste - GTDN, no celebre documento "Uma política para o desenvolvimento econômico do Nordeste" transpõe para o espaço interno brasileiro a questão que até então se colocava a nível de intercâmbio entre as nações.<sup>(4)</sup> As limitações do modelo primário exportador em virtude da deterioração dos termos de troca e de restrições à expansão do mercado interno, que impedia o pleno desenvolvimento nacional "também eram responsáveis pelo atraso relativo do Nordeste". Esta região, como primária exportadora, não teria, assim pensando, como reverter a tendência de agravamento das disparidades regionais.

"Aumentar a expansão de produto primário é seguramente a forma mais "barata" de uma economia crescer. Ocorre, entretanto, que nem sempre essa linha de desenvolvimento está aberta ou apresenta as dimensões requeridas. Se a população aumenta com intensidade e a constelação de recursos naturais não é muito favorável tal possibilidade torna-se difícil e até mesmo impraticável. Sendo assim restou desenvolvimento mediante a diversificação da própria produção interna, ou seja, pela industrialização."<sup>(5)</sup>

A causa das disparidades regionais estaria associada ao fato de que conviviam no território brasileiro modelos de desenvolvimento tão distintos que inevitavelmente o futuro das economias regionais seria bem diverso:

"Mas as economias do Nordeste e do Centro-Sul se bem que articuladas, não constituem, propriamente, um sistema econômico, pois as condições prevalentes não são de molde a permitir uma adequada mobilidade de mão de obra. A economia do centro-sul, dado o nível de renda já alcançado, o ritmo de crescimento nos últimos decênios, e, principal

(4) Cf. Cano, Wilson. "Desequilíbrios..." p.25-28

(5) GTDN. "Uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste". p. 296.

mente o grau de diversificação de seu parque industrial, onde já tem relativamente grande expressão a produção de bens de capital encontra-se em condições de poder apoiar-se em si mesma para crescer (grifo nosso). Por maior que sejam as dificuldades com que ainda se depara o desenvolvimento do centro-sul, pode-se admitir como certo que esse desenvolvimento prosseguirá e que, no fim do próximo decênio, a economia da região terá atingido um grau de autonomia no seu abastecimento de bens de capital que a habilitará a superar os sérios problemas de Balanço de Pagamento que atualmente enfrenta. O panorama da economia nordestina... ao término do próximo decênio, se permanecerem as tendências atuais, sua população será de 20 milhões, a pressão sobre a terra aumentará, a vulnerabilidade à seca será maior e nenhuma modificação de importância terá ocorrido em sua estrutura econômica."<sup>(6)</sup>

Percebia o GTDN, de acordo com o trecho acima citado, as transformações que se processavam no chamado Centro-Sul. Contudo não lhe era possível visualizar os condicionamentos de tais transformações sobre a evolução do Nordeste. A solução para o Nordeste proposta pelo GTDN tem como ponto básico a criação de um "centro autônomo de expansão manufatureira" articulando a outras transformações, notadamente no setor rural da região. Propunha uma política de "substituição de importações para o Nordeste", com base na intensificação dos investimentos industriais. No entanto o que se verificaria no Nordeste após 1960, seria uma política de industrialização comandada pela SUDENE que implantaria uma indústria moderna na região, porém complementar e dependente da industrialização nacional, em termos de mercado, de insumos, de origem do capital, enfim, em termos do próprio processo de acumulação de capital.<sup>(7)</sup>

(6) GTDN. Ídem. p

(7) Cf. Bacelar, Tânia. "Crescimento Industrial No Nordeste: Para Quê e Para Quem!"

A modernização da indústria têxtil faz parte do Plano de Ação do documento do GTDN. Em sua primeira diretriz básica este plano propõe "a intensificação dos investimentos industriais visando do criar no Nordeste um centro autônomo de expansão manufatureira" onde se determinam quatro frentes industriais, a última é modernização das indústrias tradicionais que apresentavam uma participação decrescente no total de produção nacional destas indústrias.<sup>(8)</sup>

"Dentre essas indústrias sobressai a têxtil algodoeira, que constitui importante fonte de emprego para a população local. A experiência do último decênio indica a clara tendência à decadência relativa de indústria têxtil do Nordeste. Comparativamente à região sul do país, o Nordeste vem perdendo terreno de maneira alarmante, no que respeita à indústria têxtil"<sup>(9)</sup>

Este setor, conforme o GTDN, até então vinha sendo penalizado pela política econômica e caberia, a partir de agora, dá-lhe o devido tratamento.

A este respeito concluiu recomendando a constituição de grupo de trabalho ao qual competiria elaborar um plano de reorganização de setor.

Seguindo esta orientação seria formado o Grupo Misto BNB-SUDENE cujos esforços resultariam na elaboração do "Sumário do Programa de Reequipamento da Indústria Têxtil Regional" e do Capítulo referente a esta indústria que constaria no 1º plano diretor da SUDENE.<sup>(10)</sup>

Em seguida apresentaremos alguns pontos levantados por estes documentos a respeito da decadência da têxtil nordestina no

(8) As outras três frentes industriais eram: indústria de caráter germinativo (essencialmente siderúrgicas); indústria metal-mecânica e; industriais de base de matéria-prima regional, onde se destacavam os setores de bens intermediários.

(9) GTDN. "Uma Política..." p.

(10) Análise mais sistematizada dos problemas enfrentados pela indústria têxtil do Nordeste no período que antecede a Sudene encontra-se no Cap. I.

pós-guerra e as principais propostas para sua recuperação.

Na pesquisa realizada em 1959, publicada em 1962, apresentava-se uma indústria têxtil decadente e eram apontados os principais tipos de problemas enfrentados:

1. Problemas de Mercado. Onde se ressalta a perda da proteção devida à redução dos custos de transportes e, por outro lado, as desvantagens crescentes da indústria regional em decorrência da mudança de perfil da demanda por tecidos em favor dos médios e finos, sem que a oferta local possuísse flexibilidade suficiente para atender às novas exigências - advindas do crescimento da renda na Região e do processo de urbanização.
2. Obsolescência do Equipamento. Os maiores custos e a rigidez da oferta se explicam pelo obsolescência do equipamento. A necessidade de atender faixas de mercado mais rentáveis e de obter reduções de custos para poder competir com a indústria do Centro-Sul exigia a modernização do equipamento. Este se encontrava em estado precário, quase todo com mais de 30 anos de uso.
3. Perda de Vantagens Relativas no Custo da Mão-de-Obra. O encarecimento relativo dos salários e o crescente distanciamento de produtividade em relação ao Centro-Sul, significava a perda na vantagem comparativa no custo da força de trabalho. Diante de tal realidade as indústrias locais disputavam luta desfavorável pela preservação do mercado nordestino.
4. Utilização de Mão-de-Obra Excessiva.
5. Dificuldades Administrativas.
6. Problemas de Financiamento para Inversões Fixas. Aqui se anotava a incapacidade dos empresários locais de reequipar suas indústrias, em razão da progressiva descapitalização.

Tendo em vista tais problemas que levaram várias tradicionais fábricas têxteis do Nordeste a encerrar atividades, ameaçando com o mesmo destino a tantas outras, a SUDENE reconhecia as incapazes de vencer sozinhas as dificuldades. Considerando ainda que haveriam vantagens comparativas "naturais" à indústria têxtil no Nordeste, traçou uma política de recuperação do setor delimitada em três grandes itens:

1. Treinamento de Administradores
2. Treinamento de Mestres e Contramestres
3. Programa de Reequipamento

É bom ressaltar, mais uma vez, que o programa de modernização da indústria têxtil local fazia parte de uma política maior de industrialização do Nordeste, inserido portanto, na política de criação do "Centro Autônomo Manufatureiro", tal qual concebido pelo GTDN. Entretanto, como vimos, o processo de industrialização do Nordeste e, em particular, o Programa de Modernização do Setor Têxtil, foi condicionado a se subordinar às exigências do novo padrão de acumulação capitalista brasileiro. Isso significou que, progressivamente foram abandonados os planos de constituir uma indústria "autônoma" na região diante da evidência do processo de integração nacional.

A política de recuperação teria duas linhas básicas de atuação: fornecer assistência técnica e assistência financeira as empresas têxteis do Nordeste. No que se refere à primeira, deveria vir no sentido de:

- i) ampliar o grau de familiarização dos administradores com as modernas técnicas de comando e controle; ii) treinar mestres e contramestres de forma a dotá-los de conhecimentos indispensáveis à racional operação do equipamento atual e futuro e, iii) elaborar projetos de reorganização e reequipamentos, daquelas fábricas que

possuim condições mínimas para tanto. (11)

A parte de assistência financeira objetivava apoiar as empresas para que elas pudessem contar com recursos para constituição de capital de giro e para financiar o reequipamento.

Inicialmente, dada a impossibilidade de dispor de incentivos fiscais para transferência de capital para a região, esperava-se contar com recursos externos (BID) e internos, particularmente do Banco do Brasil e do BNB, para custear os dispêndios necessários à implementação da política.

O programa de reequipamento, terceiro item da política, era a peça principal para a recuperação do setor têxtil regional. No início deveria levar em consideração os seguintes critérios: a) manutenção da capacidade produtiva das fábricas posto que o reequipamento objetivava, sobretudo, rebaixar custos e dar flexibilidade à produção, sem provocar alterações significativas na capacidade instalada do parque têxtil da região, revelando preocupação com problemas de excesso de capacidade ou de superprodução; b) aquisição de equipamento novo, tão somente quando não fosse possível a reforma. Os equipamentos com mais de 30 anos de uso deveriam ser substituídos; c) 30% do custeio do projeto seriam cobertos pelas fábricas; d) far-se-ia importação de equipamento tão somente no caso de inexistência de similar nacional; e) não seria permitida a utilização dos equipamentos substituídos; f) far-se-ia limitação ao reequipamento das seções de estamaria e beneficiamento. Apenas empresas que comprovassem a viabilidade econômica nestas seções poderiam reequipá-las.

A formulação destes critérios expressam o tipo de política de modernização pretendida. Almejava-se uma modernização abrangente porém moderada, recuperando sempre que possível o equipamen

---

(11) SUDENE. "O PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE 1961-63". p.186.

to existente, nos mesmos moldes da proposição da CEPAL para a têx  
til do Centro-Sul, buscando-se, de maneira geral, tecnologia inter  
mediária para a época.

O programa não cogitou da implantação de novas fábricas, o  
que na prática impedia a criação de filiais de grupos do resto do  
país no Nordeste, deixando patente que a proposta era a de recupe  
rar a indústria tradicional existente e não de estimular o surgimento  
de uma nova indústria têxtil no Nordeste com base em um parque  
fabril novo, de nível tecnológico elevado e com base no grande capita  
l oligopolizado instalado no Centro-Sul. Pensava-se, pois, em pot  
encializar os recursos internos, inclusive contando essencialmente  
com o empresariado local, para tornar a tradicional indústria têx  
til do Nordeste capaz de competir com as demais fábricas brasilei  
ras.

## 1. A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA NORDESTINA.

A implantação da industrialização pesada provocaria importantes transformações na estrutura industrial brasileira nos três departamentos produtivos, com aumento de sua oligopolização e internacionalização, bem como com significativo salto de seu patamar tecnológico. Tais transformações ocorreram de forma extremamente concentrada em São Paulo em praticamente todos setores industriais, reforçando a concentração industrial nesse estado. O processo de concentração econômica permaneceu na etapa recessiva que se seguiu à industrialização pesada. (12)

Considerando que o Plano de Metas teve como pontos básicos a ampliação e modernização da malha viária nacional e implantação da indústria automobilística, ocorreu acentuada queda da proteção das barreiras regionais por conta da melhoria das comunicações e da redução dos custos de transporte. (13)

A combinação da recessão econômica com a maior abertura da economia do Nordeste provocaria danos na estrutura industrial. Com isto, a economia industrial da região, que durante todo o período recessivo se encontrava em fase de transição se defronta com fortes efeitos de destruição sobre seus setores tradicionais, derivado da penetração mais intensa sobre o mercado regional. As transformações recentes na economia do Sudeste e a queda de barreiras regionais decorrentes da expansão do sistema viário agravam a situação durante a fase recessiva e de toda a década de 60. Assim, a concentração econômica se agrava, agora também na crise, com o desaparecimento das empresas mais frágeis que se localizam na periferia nacional. (14)

---

(12) Cf. Guimarães, Leonardo. "Nordeste: da articulação..." p.128.

(13) Ver Lessa, Carlos. "Quinze Anos de Política Econômica"

(14) Na década de 60, lembra Guimarães "a economia nordestina, a do-se cada vez mais para o comércio por vias internas, vê-se geralmente inundado por produtos de outras regiões, particularmente de São paulo onde se concentravam os ramos mais importantes do setor". Isto provoca efeitos de destruição entre quais é possível registrar o fechamento de 11 fábricas têxteis. Ver Guimarães: "Nordeste: da articulação...", p. 129

Nos anos 60 aumenta a concentração industrial em São Paulo que passa a responder em 1970 por 58,1% do valor de Transformação Industrial do país contra 55,5% em 1959, elevando a participação em 14 setores e perdendo em outros 7. Aumenta a participação de São Paulo nas indústrias Mecânica; Material Elétrico e de Comunicação; Material de Transporte; Mobiliário; Papel e Papelão; Borracha; Produtos Farmacêuticos; Produtos de Perfumaria, Sabões e Velas; Têxtil; Vestuário e Calçados; Produtos Alimentares; Bebidas; Editorial e Gráfica e Diversos. São Paulo perde participação em Minerais não Metálicos; Metalúrgica; Madeira; Química; Produtos de Matérias Primas; Couros e Peles, e Fumo. (15)

É esse um período de transição da economia nordestina, porque, enquanto os efeitos negativos da maior articulação comercial se acentuam na fase recessiva, os efeitos positivos em termos de geração de renda e do produto industrial decorrentes das transferências de capital produtivo para a região ainda não se verificaram. No caso do setor têxtil, a grande maioria dos novos empreendimentos estava em fase de implantação durante os anos 60. (16) De maneira geral, os efeitos de transferência de capital ainda não podiam ser melhor percebidos nesta fase de transição.

A indústria do nordeste no período 1957-67 apresentou uma performance inferior à do período 1949-59, com taxas anuais de crescimento industrial em torno de 5% no primeiro período e estimado em 3,7% no último. Não se pode afirmar que se tratava de um crescimento muito reduzido, para os padrões mundiais, notadamente por incluir anos recessivos da economia nacional. Bem mais grave foi a situação da indústria têxtil Nordestina, que, nos dois períodos teve evolução mais lenta do que os demais setores industriais da região. A Indústria têxtil, juntamente com a de vestuário e calçados cresceu

(15) Conforme Cano, Wilson. "Desequilíbrios Regionais..." op. cit. p.111.

(16) Cf. Goodman & Albuquerque. "Incentivos à industrialização e desenvolvimento do Nordeste".

a uma taxa anual de 1,5% entre 1959 e 67.<sup>(17)</sup> As fábricas tradicionais não conseguiram manter a posição diante da elevação da competição no mercado nacional. Neste, como vimos, se processaram diversas transformações na década de 60. Assim, a indústria têxtil da região continuou sua trajetória de decadência durante o período 59-67 e mesmo durante o restante da década de 60. Em termos de sua participação no total de indústria têxtil do Brasil, apresentou uma redução em todos os índices.

INDÚSTRIA TÊXTEL DO NORDESTE  
PARTICIPAÇÃO NA TÊXTEL BRASILEIRA

	1959	1966	1969
PESSOAL OCUPADO	17,5	15,3	13,8
SALÁRIOS	11,2	9,1	8,3
V.B.P.	16,3	12,5	10,9
V.A.B.	13,9	10,8	9,8

Fonte: SUDENE. Pesquisa sobre Indústria Têxtil. 1971.

Deve-se assinalar que até 1966 nenhuma fábrica nova, com base nos incentivos fiscais, havia entrado em funcionamento e a maioria delas só estaria funcionando normalmente a partir da década de 70. As fábricas antigas, até 1965, não podiam elevar sua capacidade instalada.

De outra parte a década de 60 seria marcada por volume so fluxo de recursos para o Nordeste, sobretudo no período recessivo, durante o qual ocorre um maior fluxo de incentivos ao investimento privado, via artigos 34/18.<sup>(18)</sup> A etapa declinante do ciclo econômico teria concorrido para o acréscimo de depósitos e mesmo da

(17) Cf. Guimaraes, Leonardo. "Nordeste: Da Articulação..." p. 135.

(18) Cf. Moreira, Raimundo. "O Nordeste Brasileiro: Uma Política Regional de Industrialização".

utilização dos incentivos dispostos nestes artigos. Isto teria uma razão de ser, segundo Raimundo Moreira: o Nordeste surge como área de inversão no desenvolvimento econômico brasileiro em virtude do centro da economia brasileira, já oligopolizado e internacionalizado, estar em crise no início dos anos 60 impedindo que o processo de acumulação mantivesse o ritmo de até então. Com a criação da SUDENE e sobretudo dos incentivos fiscais a partir de 1961, abertos às multinacionais a partir de 1963, parcela do excedente da economia do Centro-Sul fluiria em forma de investimentos para o Nordeste. A inversão destes recursos na região viria modificar significativamente sua estrutura industrial e inauguraria nova etapa da história econômica da região.

A economia nordestina na década de 60 poria em marcha grande avanço em seu setor industrial. O Estado teria participação decisiva nesta nova etapa de desenvolvimento da região na medida em que: a) criava infraestrutura social básica; b) criava incentivos ao investimento privado e c) participava com investimentos diretos.

Seria o capital transferido para a região, a base do processo de industrialização do Nordeste, não atingindo o capital local uma participação de 10% no total dos investimentos incentivados no período de 68-72. (19)

Deve-se observar que:

"Em termos de crescimento real dos investimentos, enquanto nos anos compreendidos entre 1965 e 1979, o Nordeste expandiu-se a 13,8% ao ano, o país o fez a taxa também significativa, no entanto menor que a nordestina: 10,4% ao ano". (20)

O notável esforço de acumulação ocorrido na região, decor

(19) Cf. Cano, Wilson. "Desequilíbrios..." p. 27

(20) Cf. Guimarães, Leonardo. "Nordeste: Da Articulação..." p. 215.

rente dos investimentos privados e públicos resultou na implantação de novos setores industriais e do terciário moderno, e, ainda na modernização das unidades produtivas tradicionais, onde se destaca o reequipamento têxtil.

Com a recuperação da economia brasileira a partir de 1967, o intenso processo de acumulação na economia nordestina permaneceria apesar da redução relativa e absoluta dos incentivos fiscais. Ou seja, mesmo com a queda dos incentivos fiscais um volume substancial de recursos continuou a migrar para a região. Isto decorre de que com a intensa transferência de capital, no período recessivo da economia nacional, houve grande esforço na integração econômica das regiões, criando laços mais estreitos entre o Nordeste e as áreas mais desenvolvidas, de origem do capital. Assim, mesmo com a redução dos incentivos, o processo de acumulação e a migração de capital tendeu a permanecer no período do "milagre" 67-73, posto que "o Nordeste agora atrelado economicamente as áreas industrializadas do país passa a acompanhar o dinamismo do restante da economia brasileira." (21)

Assim, a década de 60, notadamente os anos de recessão da economia brasileira tem para a economia do nordeste um caráter de transição, de ligação à dinâmica da acumulação da economia nacional. Foram criadas condições para que ocorresse uma intensa transferência de capital para a região, e várias das maiores empresas existentes no país, nacionais e multinacionais, aí instalam novas unidades produtivas. (22) Em um momento em que as oportunidades de investimento nos estados industrializados estão limitadas dada a crise econômica, criam-se fortes incentivos ao investimento privado no Nordeste. Para o grande capital que vem para região, era uma oportunidade de se expandir, de procurar manter o processo de acumulação e

(21) Ídem. p. 213.

(22) A este respeito ver Oliveira, F. & Reichstul, H.P. "Mudanças na divisão inter-regional do trabalho no Brasil".

de conquistar novos mercados.

Neste período de intensas transformações a indústria têxtil da região também se encontra em fase de mudanças. Enquanto os efeitos de destruição e de inibição se acentuam, pelos motivos já discutidos, parcela das fábricas tradicionais, as de melhores condições financeiras e econômicas, se encontra em processo de modernização e já está sendo iniciada a instalação de novas unidades fabris, em número de 26 até o final de 1969. Com estas últimas, sobretudo, será iniciada a diversificação produtiva no setor.

De uma parte, as fábricas tradicionais, apesar de todo o esforço de modernização, permanecerão com padrões produtivos arcaicos, rigidez de oferta e impossibilidade de participarem nas faixas de mercado de melhor qualidade que diante de todas as inovações tecnológicas e elevação da renda urbana interna estão em franca expansão. De outra, as fábricas novas, muito particularmente as de capital de fora da região, deverão apresentar padrões tecnológicos e administrativos modernos, produção diversificada e elevada produtividade.

Ao final da década de 60 e início dos anos 70 a economia do Nordeste, notadamente no seu setor industrial, começa a se transformar refletindo os investimentos incentivados pela política de industrialização. Com isto, entre 1965, quando de fato se iniciam os investimentos estimulados pelos incentivos fiscais, e 1970, a formação bruta de capital fixo nas indústrias de transformação e extrativa mineral cresce à taxa espetacular de 25% a.a., atingindo seu ponto máximo em 1969, com 33,3%.<sup>(23)</sup> (Vide quadro)

Assinale-se que parcela considerável destes investimentos se localiza nos chamados setores dinâmicos da estrutura industrial como os ramos químico, metalúrgico, borracha, minerais não metálicos, material elétrico e de comunicações etc. No período 1965 a 1970 o produto industrial real nordestino cresceu a uma taxa anual de 9,6%, bastante superior ao do período anterior, da primeira metade dos anos 60, quando ficou em torno de 7%.

---

(23) Cf. Guimarães, Leonardo. "O Programa de Desenvolvimento Industrial do Nordeste".

NORDESTE: FORMAÇÃO DE CAPITAL DA INDÚSTRIA, INVESTIMENTOS INDUZIDOS PELA POLÍTICA DE INDUSTRIALIZAÇÃO E

DESEMBOLSO 34/18 - FINOR - 1965/75

(CR\$ milhões de 1974)

A N O S	FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO - INDÚSTRIAS EXTRATIVA MINERAL E DE TRANSFORMAÇÃO (A)		ESTIMATIVA DE INVESTIMENTO - REALIZADO, INDUZIDO PELA POLÍTICA DE INDUSTRIALIZAÇÃO (B)		DESEMBOLSO DO 34/18 (2) FINOR (C)		RELAÇÃO PERCENTUAL	
	Cr\$ milhões *	TAXA ANUAL	Cr\$ milhões *	TAXA ANUAL	Cr\$ milhões*	TAXA ANUAL	B/A	C/A
1965	1.025	-	776	-	59	-	64,4	5,0
1966	1.377	14,3	860	10,8	215	264,4	62,5	15,6
1967	1.763	28,0	1.374	59,8	707	228,8	77,9	40,1
1968	2.203	25,0	2.227	62,1	1.039	47,0	101,1	47,2
1969	2.937	35,3	2.304	3,5	1.298	24,9	78,4	44,2
1970	3.253	10,8	2.181	- 5,3	1.617	24,6	67,0	49,7
1971	3.220	- 1,0	2.496	14,4	1.563	- 3,3	77,5	48,5
1972	4.329	34,4	2.433	- 2,5	1.428	- 8,6	56,2	33,0
1973	4.776	10,3	2.421	- 0,5	1.093	- 23,5	50,7	22,9
1974	5.368	12,4	4.095	69,1	1.442	31,9	76,3	26,9
TOTAL	30.431	-	21.167	-	10.461	-	69,6	34,4
TAXA MÉDIA ANUAL 66/69 (1)	25,2					141,3		
TAXA MÉDIA ANUAL 70/74 (1)	13,4					4,2		

FONTE: 1) SUDENE/CPR/Contas Regionais - para informações sobre formação bruta de capital no setor industrial.  
2) BNB/DEFIN - Para informações sobre desembolsos.  
3) Roberto C. de Albuquerque e Clóvis de V. Cavalcante - "Desenvolvimento Regional no Brasil" IPEA/IPLAN - Brasília 1976 - para estimativa sobre investimentos induzidos pela política de industrialização.

NOTA: (1) a taxa média anual foi calculada dividindo-se a soma das taxas anuais pelos números de anos considerados;  
(2) os desembolsos referem-se aos projetos industriais e agropecuários mais significativos.

(\* A preços de 1974.

Extraído de Guimarães, Leonardo. "O Programa de Desenvolvimento Industrial do Nordeste" in PIMES - 1981.

NORDESTE: ÍNDICE REAL DO PRODUTO INDUSTRIAL NO PERÍODO ANTERIOR E NO PERÍODO DE VIGÊNCIA DA POLÍTICA  
DE INDUSTRIALIZAÇÃO - 1952/1964 - 1965/1977

A N O S	PERÍODO ANTERIOR		A N O S	PERÍODO DE VIGÊNCIA		RELACÃO $\frac{A}{B} \times 100$
	ÍNDICE (A)	TAXA ANUAL		ÍNDICE (B)	TAXA ANUAL	
1952	100,0	4,8	1965	100,0	6,5	100,0
1953	101,4	1,4	1966	111,3	11,3	91,1
1954	110,3	8,8	1967	117,2	5,3	94,1
1955	123,2	11,7	1968	136,3	16,3	90,4
1956	143,2	16,2	1969	147,8	8,4	96,9
1957	151,9	6,1	1970	163,8	10,8	92,7
1958	161,0	6,0	1971	171,5	4,7	93,9
1959	186,3	15,7	1972	191,7	11,8	97,2
1960	200,1	7,4	1973	215,1	12,2	95,0
1961	214,3	7,1	1974	248,5	15,5	86,2
1962	228,4	6,6	1975	267,9	7,8	85,3
1963	232,3	1,7	1976	302,9	13,1	76,7
1964	244,4	5,2	1977	320,8	5,9	76,2

FONTES: (1) 1952/60 - SUDENE - Plano de Desenvolvimento Regional, com base em dados da FGV.

(2) 1960/77 - SUDENE - CPR - Contas Regionais.

OBSERVAÇÕES: os dados para 1970/74 são provisórios e as informações para 1975/77 são previsões realizadas com base em dados parciais mensais e anuais de indicadores.

Extraído de Guimarães, Leonardo - "O Programa de Desenvolvimento Industrial do Nordeste" in PIMES, 1982.

Este resultado é extremamente próximo do obtido pela indústria brasileira no mesmo período. Entre 1965 a 1970 o produto industrial nordestino cresceu 63,8% contra 63,3% da indústria brasileira. Por outro lado o produto total nordestino cresce 37,8% no período, e o brasileiro 43,7%.

O setor têxtil recebe parcela considerável dos incentivos e apresenta uma participação de 13,8% nos totais de investimentos.<sup>(24)</sup> Como já vimos, entretanto, a grande maioria dos projetos de instalação de fábricas novas ainda estavam em fase de implantação até o final da década de 60. Segundo dados do BNB-SUDENE, até 1969 apenas 3 fábricas com projeto de implantação estavam em funcionamento normal, sendo duas de grande e uma de médio porte. Em 1977 existirão 19 fábricas, com projeto de implantação funcionando normalmente e 13 em instalação.<sup>(25)</sup> Afora as fábricas novas, as tradicionais receberam afluxo de recursos para promoverem modernização em seu parque de máquinas.

Na década de 70, entretanto, a política de industrialização para o Nordeste sofreu uma alteração, que viria modificar a evolução do setor secundário na região.

Cabe lembrar que durante toda a década de 60, a expansão industrial do Nordeste teve por base a transferência de capital privado, notadamente do grande capital oligopolizado, atraído pelos incentivos fiscais dispostos nos artigos 34 e 18. A partir de 1970, a política regional para o Nordeste, sobretudo a política industrial, é bastante esvaziada pelo governo federal na medida em que vai ocorrer uma dispersão dos incentivos fiscais, com a criação ou reforço de outras opções que não a dos artigos 34/18. A SUDENE que em 1962 era a única opção para os incentivos fiscais, recebendo portanto a totalidade dos recursos deduzidos do imposto de renda de pessoa

(24) Cf. Moreira, Raimundo. op. cit. p. 129.

(25) BNB-SUDENE. Análise dos projetos Incentivados até o ano de 1978. "Relatório Preliminar."

jurídica, rapidamente passaria a sofrer a concorrência de outras opções, como a SUDAM, sobretudo a partir de 1966, da SUDEPE a partir de 1967, EMBRATUR e IBDE em 1968 e programas especiais como PIS, PROTERRA, MOBRAL e PIN a partir de 1971, além da EMBRAER e do programa para o desenvolvimento do Espírito Santo (1969). Isto fez com que, em 1970, apenas 53% dos incentivos fiscais fossem destinados à SUDENE e, em 1974, este percentual atingiu o nível de 20,9%. Por outro lado, os chamados programas especiais e o IBDF ganharam participação rapidamente. (Vide quadro)

Com a redução verificada no aporte de recursos, a função da SUDENE como órgão de planejamento regional foi esvaziada e o processo de industrialização do Nordeste, amortecido. A respeito do esvaziamento da SUDENE, assinala-se que em outubro de 1969 é institucionalizado o Sistema Nacional de Planejamento e a partir daí o planejamento regional passaria a fazer parte dos planos de desenvolvimento nacional. Com isto, o IV Plano Diretor seria o último em que a política para o Nordeste é coordenada pela SUDENE. O planejamento para o período seguinte 72-74, consubstanciado pelo PDN (Plano de Desenvolvimento do Nordeste) já faria parte do PND.

A redução nos depósitos e nas liberações dos incentivos fiscais para o Nordeste desaceleraram a formação bruta de capital na região ao mesmo tempo em que são criadas outras linhas de programas de desenvolvimento, como PIN e PROTERRA que sobrepõem a atuação da SUDENE.

Raimundo Moreira atribui este "arrefecimento na industrialização do Nordeste, à redução de interesse por parte dos capitais privados, nacionais e multinacionais, sediados no Sudeste, em continuar transferindo na mesma magnitude capitais para a região, na medida em que se processava a retomada do crescimento econômico no centro da economia brasileira. Seria este interesse reduzido que levaria o governo federal a abrir o leque de opções dos incentivos fiscais. A partir de 1970, a política do governo federal para o Nordeste, volta-se primordialmente, para os programas de desenvolvimento rural, como o PROTERRA e o Programa de Irrigação, e para o Programa de Integração Nacional. Tratava-se de, diante do refluxo da transferência de capital e da ineficácia social

DISTRIBUIÇÃO DOS INCENTIVOS FISCAIS SEGUNDO OPÇÕES - 1962-75

A N O S	SUDENE		SUDAM		SUDEPE		EMBRATUR		I B D F		PROGRAMAS ESPECIAIS (1)		OUTROS (2)		TOTAL	
	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%	Cr\$ milhões (*)	%
1962	6	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	100,0
1963	7	87,5	1	12,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	100,0
1964	36	92,3	3	7,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	39	100,0	
1965	172	93,0	13	7,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	185	100,0	
1966	252	84,3	47	15,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	299	100,0	
1967	352	76,0	102	22,0	9	2,0	-	-	-	-	-	-	-	463	100,0	
1968	466	64,4	165	22,8	44	6,1	36	5,0	12	1,7	-	-	-	723	100,0	
1969	627	56,4	260	23,4	139	12,5	45	4,0	41	3,7	-	-	-	1.112	100,0	
1970(3)	940	53,7	384	21,9	234	13,4	68	3,9	115	6,6	-	-	9	0,5	1.750	100,0
1971	1.064	43,5	475	19,5	227	9,3	94	3,9	416	17,1	124	5,1	39	1,6	2.439	100,0
1972	794	22,1	298	8,3	109	3,0	77	2,1	396	11,0	1.870	51,9	57	1,6	3.601	100,0
1973	1.108	21,7	381	7,6	104	2,0	119	2,3	558	10,9	1.746	53,9	81	1,6	5.097	100,0
1974	1.697	20,9	664	8,2	90	1,1	157	1,9	904	11,2	4.456	55,0	138	1,7	8.106	100,0
1975	2.647	23,0	833	7,2	102	0,9	124	1,1	1.358	11,8	6.240	54,1	219	1,9	11.523	100,0

FONTES: - F.IBGE - Anuários Estatísticos de 1970 a 1976.  
 Ministério da Fazenda - Anuário Econômico - Fiscal.  
 Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco - CONDEPE (Política de Incentivos Fiscais para o Nordeste: FINOR x FISET - Reflorestamento, de Hélio de Oliveira Silva Júnior e José Correia de Araújo), com base em dados das fontes anteriores da SUDENE.

NOTAS: (1) Incluem PIS, PROTERRA, MOBILAL e PIN; (2) EMBRAER e desenvolvimento do Espírito Santo;  
 (3) as informações para a SUDENE e SUDAM incluem recursos de turismo e pesca para as respectivas áreas de atuação.

(\*) preços correntes.

Extraído de Guimarães, Leonardo "O Programa de Desenvolvimento Industrial do Nordeste", in PIMES, 1982.

da política industrial, de apoiar o setor rural da região. (26)

A afirmação de Moreira de que foi a redução no interesse e não a queda dos incentivos que teria provocado uma certa redução dos investimentos no Nordeste é contestada por outros autores, com base em alguns indicadores. Assinala-se que a partir de 1971, ocorre um constante déficit entre os recursos pleiteados através dos projetos e a disponibilidade destes recursos no BNB. Assim a queda na taxa de investimento que se verifica dever-se-ia não a uma menor decisão ou intenção de investimento e sim a escassez de recursos. (27)

(Vide quatro)

Com isto reduz-se a taxa de acumulação da indústria nordestina na década de 70. Em 1969, a taxa de crescimento da formação bruta de capital fixo na indústria extrativas minerais e de transformação é de 33,3%. Em 1970, cai para 10,8% e em 1971, apresenta uma taxa negativa -1,0%. No período 66/69 a taxa de crescimento da FBKF é de 25% a.a. e no período 70/74, de 13,4% a.a.. Ainda assim o produto industrial da região cresce a taxa média anual em torno de 10%.

Apesar da redução dos recursos dos incentivos fiscais destinados a estimular os investimentos industriais no Nordeste, a formação bruta de capital fixo ainda se mantém em níveis elevados. A explicação para isto residiria no fato de que o intenso fluxo de

(26) A respeito da evolução da política econômica do Governo Federal para o Nordeste ver Moreira, op.cit. e Guimarães. "Introdução" ao volume 3 da pesquisa do PIMES "Desigualdades Regionais no Desenvolvimento brasileiro", e Jatobá, Jorge "Desenvolvimento Regional no Brasil: Políticas e Controvérsias".

(27) Sobre as causas da desaceleração do investimento industrial do Nordeste na década de 70 Guimarães e Moreira apresentam divergências. Para Guimarães, existe demanda de recursos para investimento no Nordeste, porém mudança na política do governo federal para a região faz com que os recursos disponíveis sejam insuficientes.

NORDESTE: COMPORTAMENTO, DISPONIBILIDADE E DESEMBOLSO DOS RECURSOS 34/18 - FINOR:

1962/76

VALOR (CR\$ 1.000.000,00)

ANOS	RECURSOS DO MECANISMO 34/18 E FINOR						DIFERENÇA ENTRE RECURSOS DISPONÍVEIS NO BNB E COMPROMETIDOS COM PROJETOS.	RELAÇÃO ENTRE RECURSOS DESEMBOLSADOS E DISPONÍVEIS (%)	
	COMPROMETIDOS COM PROJETOS APROVADOS		DISPONÍVEIS NO BNB		DESEMBOLSOS			ANO A ANO	ACUMULADOS
	ANO A ANO	ACUMULADOS	ANO A ANO	ACUMULADOS	ANO A ANO	ACUMULADOS			
1962			370	370	1	1	370	0,2	0,2
1963	247	247	292	662	8	9	415	3,0	1,4
1964	468	715	746	1.408	101	110	693	13,6	7,8
1965	385	1.100	1.890	3.298	107	217	2.198	5,7	6,6
1966	1.363	2.463	2.078	5.376	388	605	2.913	19,1	11,5
1967	3.495	5.958	2.507	7.883	1.276	1.881	1.925	50,9	23,9
1968	3.198	9.147	2.625	10.508	1.875	3.756	1.561	71,4	55,7
1969	3.207	12.354	3.249	13.757	2.341	6.097	1.403	72,0	44,3
1970	3.612	15.966	3.412	17.169	2.917	9.014	1.203	85,2	52,5
1971	4.051	20.017	2.566	19.735	2.819	11.833	- 282	109,8	60,0
1972	3.156	23.153	2.318	22.053	2.577	14.410	-1.100	111,2	65,3
1973	3.355	26.650	2.747	24.800	1.972	16.382	-1.850	71,8	66,1
1974	4.301	31.009	3.206	28.006	2.602	18.984	-3.003	81,2	67,8
1975	3.344	34.353	3.727	31.703	4.111	23.095	-2.620	110,3	72,8
1976(1)	2.734	37.087	1.731	33.464	2.180	25.275	-3.623	125,0	75,5

FONTE: BNB/DEFIN e SUDENE. Ass. Indústria e Comércio.

NOTA: (1) Primeiro semestre de 1976.

RESERVAÇÕES: Os recursos estão a preços de agosto de 1976 (Índice geral de preços nº 2 da F.G.V.).

As informações referentes a desembolso e disponibilidade dos recursos em 1976, referem-se ao 1º semestre. Para melhor estabelecer a comparação entre os dados de disponibilidade e desembolso de 1976, referentes ao 1º semestre, as informações sobre comportamento de recursos em 1976, referentes ao 1º semestre, foram atualizadas para o total registrado naquele ano. Extraído de Guimarães, L. "O Programa..."

capitais para a região no período anterior, por razões já discutidas, delineia o processo de integração econômica do Nordeste. Assim quando se dá a recuperação do centro dinâmico da economia brasileira, ensejando o período de grande prosperidade conhecido por "Milagre Brasileiro", a economia nordestina já está suficientemente acoplada ao movimento de acumulação de capital a nível nacional.

Todas estas considerações, apontam no sentido de que a evolução industrial do nordeste, na década de 70, depende muito mais do movimento de acumulação a nível nacional e mesmo de programas setoriais/nacionais de que da política industrial da SUDENE. Nos anos 70, a própria evolução econômica e social da região passa a ser menos condicionada pela atuação da SUDENE que, quando muito, está vinculada a programas regionais de caráter compensatório. A política regional perde substância enquanto os programas setoriais-nacionais, movimentam expressivos recursos. (28)

A nível de discurso do Governo Federal em relação ao desenvolvimento do Nordeste, percebe-se, também, um redirecionamento. A solução dos problemas das regiões estaria associada a incorporação do Nordeste ao projeto do Brasil-Potência. Para isto sua economia deveria apresentar eficiência e elevada produtividade. Ademais, a redenção dos problemas sociais passaria pelo deslocamento massivo do excesso de população para a fronteira agrícola amazônica em que o Governo Federal apostava firmemente, contando inclusive com recursos dos incentivos fiscais, artigos 34 e 18. Este programa reduziu em grande fracasso pois a abertura da "fronteira amazônica" não foi capaz de receber o excedente populacional nordestino. Ao longo dos anos 70, informa o Censo Demográfico-80, migraram do Nordeste para a região Norte 232.892 pessoas. No mesmo período, cerca de 1 milhão e 600 mil pessoas haviam deixado o Nordeste para residir no

---

(28) Ver Jatobá, Jorge. "Desenvolvimento Regional no Brasil: Políticas e controvérsias". Op. cit.

Sudeste do país. O programa de integração nacional constava de I e II PND. A idéia no I PND é de que se deve potencializar os recursos existentes na região para promover o crescimento máximo do país. Surgem os diversos programas de apoio ao desenvolvimento rural cujo objetivo é incorporar os produtores agrícolas ao mercado, e que teriam ainda o caráter de programas supra-regionais, como o PIN e o PROTERRA, voltados para a solução de problemas espaciais. Estes programas, porém, participaram de 20% no caso do PROTERRA, e 30%, PIN, dos recursos de 34/18 arrefecendo a política industrial coordenado pela SUDENE. O II PND seguiria as mesmas linhas do primeiro, criando no entanto, novos programas.

Em suma a política industrial e de desenvolvimento das regiões passam a ser centralizadas e as Superintendências Regionais ficariam marginalizadas neste processo. Esta questão é resumida da seguinte forma por Guimarães:

"O instrumento principal de desenvolvimento regional e da amazônia foi parcialmente removido das superintendências regionais. Isso foi essencialmente em decorrência da insatisfação crescente do executivo federal com a atuação da SUDENE no final da década de 60 e no ano de 1970, quando incidia novamente uma grande seca no Nordeste.... com os programas especiais associados ao I PND, em síntese, as estratégias de Intervenção nas diversas regiões passaram a ser definidas e elaboradas diretamente pelo executivo federal (Min. do Planejamento) e sua execução passou a ser controlada diretamente pelo governo federal a revelia dos planos e programas definidos pelas superintendências regionais que, como resultado, ficaram progressivamente marginalizadas dos processos de formulação e implementação da política espacial."(29)

(29) Guimarães, Leonardo. "Introdução" no Volume 1. "Desigualdades Regionais no desenvolvimento Brasileiro", do PIMES.

Sobre o setor têxtil regional o II PND estabelece ex tremamente otimista para o período 1975-79 em funcionamento para indústria têxtil do Nordeste 2 milhões de fusos. A previsão não se confirma havendo 935 mil em operação ao final daquele período. A avaliação era de que o Nordeste possuía condições que favoreciam uma ampla expansão deste setor, devendo dar continuidade a re novação no seu parque têxtil.

"O Nordeste brasileiro reúne todas as condições favoráveis para expansão e consolidação de um pólo têxtil. Dispõe das melhores matérias primas naturais e sintéticas, possui lar ga tradição no ramo, com oferta de mão de obra abundante e qualificada através do Centro de Treinamento da indús tria têxtil. Além disso, tem-se beneficiado da orienta ção definida do governo, relativamente a atualização tec nológica e administrativa dos empreendimentos. Ao mesmo tempo, vem a região conseguindo uma integração vertical en tre os ramos manufatureiros processando-se a introdução de modernas técnicas administrativas e de produção, ele vando-se os índices de eficiência e de qualidade, que têm permitido a conquista de novos mercados in clusive intern cionais." (30)

Em termos de processo real, nos anos 70, os investimentos efetuados no Nordeste começam a entrar em estágio de maturação modi ficando o perfil de sua estrutura industrial e mesmo redefinindo a posi ção da região na divisão interregional do trabalho. De uma si tuação anterior a 1960 em que predominavam os setores ditos tradi cionais que respondiam por cerca de 70% do valor agregado bruto e 77,6 % do emprego industrial, passa a outra em que as indústrias di nâmicas, particularmente aquelas produtoras de bens intermediários (minerais não metálicos, borracha, química e plásticos) assumem im

(30) Extraído de SUDENE. "A indústria têxtil do Nordeste", p. 29.

portância crescente no total de investimentos efetuados e na geração de emprego e renda. Em 1970 os setores dinâmicos respondem por cerca de 45% do emprego e cerca de 70% dos investimentos no período 1960/70. Entre as indústrias tradicionais, a têxtil se destaca como aquela que recebe mais incentivos. (31)

### 1.1. A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NORDESTINA

O Programa de Reequipamento da indústria têxtil nordestina teve sua execução iniciada ainda em 1961. Como vimos, teve por objetivo amparar o parque têxtil existente, tornando-o competitivo nos mercados regional e nacional. A idéia era recuperar o parque existente promovendo o reequipamento necessário, aproveitando sempre que possível o equipamento em operação. Tratava-se, pois, de programa que não visaria adotar tecnologia de ponta, nem a criação de novas unidades fabris. Pelo contrário, havia preocupação de não e levar o nível existente de produção. (32) O novo equipamento, a ser instalado, tinha por objetivo produzir de forma mais econômica e dar maior flexibilidade à produção, permitindo elaborar fios e tecidos de melhor qualidade. Por outro lado, estava implícita no programa a noção de substituição regional de importação, dado que um dos seus objetivos era corrigir a "falta de correspondência entre a estrutura de oferta e de demanda regional de tecidos". (33)

Estes critérios permaneceram até 1965 quando as modificações introduzidas apontaram para uma mudança radical, abandonando-se, na prática, a idéia de "centro autônomo de produção manufatureira"; perderia, em termos de objetivos, a "substituição regional

(31) Cf. Moreira, Raimundo. Op. cit. p.129.

(32) A adoção de critério que impedia a ampliação da capacidade produtiva impossibilitou a instalação de novas fábricas na região durante a primeira fase do programa.

(33) Cf. Suelene "Sumário do Programa de Reequipamento da Indústria têxtil Regional". p. 7.

de importações" para ganhar concretamente em termos de complementaridade ao mercado nacional e ao processo de acumulação de capital e escaia nacional.

Em relação aos critérios, a principal modificação foi o relaxamento da exigência de manutenção da capacidade produtiva, abrindo a possibilidade de construção de novas plantas, bem como da vinda de empresas têxteis de fora da região. A partir daí ocorre radical alteração nos caminhos do programa. Surgirão novas unidades fabris, de capital nacional ou multinacional, com modernos padrões tecnológicos e administrativos, atuando em outras faixas de mercado e que, na grande maioria dos casos, não tinha interesse específico no mercado regional. Neste sentido, a distância entre o inicialmente planejado e o que viria a ser executado - o que perde de "caráter autônomo" e ganha de caráter "dependente" e "complementar" - retrata e antecipa o que seria a industrialização do Nordeste.

Cabe registrar que apesar de poder se diferenciar com facilidade as duas fases do programa têxtil, até 65 e após essa data, não há solução de continuidade no programa. No entanto a mudança é bastante acentuada. Ocorre inclusive, em 1965, o desmembramento da equipe BNB-SUDENE que até então coordenava o programa. Deve-se salientar ainda que o programa têxtil é anterior a outras transformações na indústria da região e sobre certo sentido cumpria um papel pioneiro e experimental na execução da "estratégia de desenvolvimento" da SUDENE, até em aspectos operacionais como o projeto-padrão para solicitação de incentivos, que foi criado para o programa têxtil e mais adiante serviria de orientação para a elaboração de projetos-padrão para outros setores.

A base da primeira fase do programa era o reequipamento das fábricas tradicionais que apresentavam problemas administrativos, de obsolescência no equipamento e sobretudo de incapacidade de autofinanciamento; o programa visava dar assistência técnica e financeira a estas empresas, no sentido de contornar as principais di

ficuldades e criar capacidade competitiva. (34)

Em termos de assistência técnica foram ministrados cursos para treinamento de mão de obra (mestre e contra mestres) e para elaboração do projeto-padrão. Até o primeiro semestre de 1964 foram realizados 13 cursos em vários estados da região. Em setembro de 1963 firmou-se convênio com o governo japonês para implantação do CERTEX - Centro Regional de Treinamento Têxtil. Entretanto, era a assistência financeira para o reequipamento das fábricas a principal peça do programa de modernização, nesta primeira fase. Inicialmente os empresários contavam com recursos de origem externa, notadamente do BID, além de outros estímulos como a isenção de impostos e taxas na importação de maquinaria do exterior. A partir de 1963, a assistência financeira passaria a contar com apoio dos incentivos fiscais (artigos 34 e 18).

Nesta primeira fase em que permanecia o critério da manutenção da capacidade produtiva - que na prática impedia a vinda de grupos forâneos, o programa não obteve a resposta esperada pelos seus coordenadores. Das 61 fábricas do programa apenas 53 apresentaram projetos, dos quais 27 foram aprovados, até 1965. Vide quadro

Os motivos assinalados para o relativo fracasso foram diversos. Entre eles, além da restrição à elevação da capacidade produtiva e sua consequência imediata acima discutida, são destacados o desestímulo à utilização de empréstimos externos por causa das violentas variações cambiais do período 1960-64, taxas de juros consideradas elevadas nos empréstimos externos e a baixa rentabilidade têxtil em comparação com outros setores incentivados. Ademais, muitas empresas simplesmente não tinham recursos nem capacidade administrativa para promover a modernização em questão.

A mobilização de divisas para a importação de equipamentos constituía fator de elevado risco para o empresário têxtil, que deveria arcar com o prejuízo proveniente da desvalorização do cru

(34) As informações sobre a evolução da indústria têxtil do Nordeste na década de 60 foram extraídas basicamente da "Pesquisa Sobre a Indústria Têxtil do Nordeste" realizada pela SUBINE em 1969.

## QUADRO

PROJETOS DE REEQUIPAMENTO EXAMINADOS PELA SUDENE ATÉ NOV. 1964

ESTADOS	Números de Fábricas incluídas no Programa	PROJETOS APRESENTADOS			
		TOTAL	Aprovados	Em Análise	Devolvi- dos p/re formação
Ceará.....	8	5	5	-	-
Maranhão .....	5	2	2	-	-
Rio Grande do Norte.....	2	1	1	-	-
Paraíba .....	6	6	4	-	-
Bahia .....	6	5	3	-	2
Alagoas .....	8	3	2	-	1
Sergipe .....	12	7	2	2	3
Pernambuco .....	14	6	1	5	-
NORDESTE .....	61	33	20	7	6

Extraído de: SUDENE "Pesquisa sobre..."

zeiro. Entre junho de 1960 e junho de 1964 ocorreriam desvalorizações que somaram 566%, do cruzeiro em relação ao dólar. Ademais, a política de desvalorização em "degrau", significava variações bruscas na cotação do cruzeiro, podendo levar as empresas endividadas em moeda estrangeira a uma crise de liquidez. (35)

A questão, apontada pela pesquisa, da baixa rentabilidade do setor têxtil comparativamente a outros também teria poder explicativo para a pequena resposta ao programa têxtil em sua primeira etapa. Afirma-se na pesquisa que os empresários têxteis geralmente atuavam em vários ramos e não tinham interesse em permanecer investindo naquele setor, preferindo apostar no desenvolvimento de outras atividades. Esta questão já foi discutida em capítulo anterior, contudo, vale a pena retomá-la. Parece-nos que parecia dos empresários perceberem a dificuldade de concorrer no setor, (que inclusive crescia a taxas menores que a média da indústria brasileira), porque atuavam em faixas de mercado menos rentáveis e não possuíam capacidade financeira, e, em alguns casos, nem administrativa, para incorporar os progressos tecnológicos já consagrados. Preferiam diversificar os investimentos para outros setores industriais bem como no terciário moderno, em grande expansão a partir do crescimento urbano verificado na região.

Os casos da Companhia Paulista de Tecidos e a Fábrica da Torre em Pernambuco são exemplares. Tratavam-se de fábricas tradicionais que apesar de pertencer a grupos empresariais de porte, não conseguiam acompanhar o progresso técnico do setor e "perdiam" o interesse de promover investimentos pesados necessários a manter a competitividade. A segunda delas foi desmobilizada no início dos anos 80. Os dois grupos empresariais diversificaram a área de atuação expandindo-se nos setores financeiro, industriais, agroindustriais, etc.

No caso da Companhia Paulista, pertencente a família Land

---

(35) SUDINE. "Pesquisa sobre...". p. 35.

gren, Alcir Veras Silva lembra que com a industrialização em curso no Brasil, sobretudo no pós-guerra, e em face do processo de industrialização do Nordeste pós-60, "Inicia-se uma fase de gradual perda do domínio sobre o município (Paulista), que se prolonga nas décadas seguintes, até sua quase extinção nos dias atuais".<sup>(36)</sup> A partir daí, com a perda do controle do município, do mercado de trabalho, e do mercado consumidor, reduz seu interesse pela fábrica, até deixá-la em estado de quase abandono e passa a procurar outras oportunidades de investimentos como os negócios imobiliários, em grande expansão por conta do crescimento urbano da região metropolitana do Recife, e amplia sua atuação no comércio varejista.

A respeito do abandono em que se encontrava a fábrica a quele autor afirma

"o desapareço atual dos Lundgrens por Paulista chega a ser quase perceptível à primeira vista, a julgar pela aparência das fábricas, o estado de suas instalações e o clima de funcionamento interno... outra impressão que se tem é de que os métodos de trabalho têm evoluído muito lentamente refletidos não só pela ultrapassada forma de disposição de suas secções e departamentos, deixando inclusive transparecer uma espécie de insensibilidade ao bom gosto e à estética, aliada a existência de um ponderável número de equipamentos obsoletos, como também pela predominância de relações informais no ambiente de trabalho, chegando os empregados a assumirem atitudes de apatia e de pouca inspiração, onde o controle parece negligenciado, longe, portanto, dos modernos padrões organizacionais".<sup>(37)</sup>

O trecho mostra o desinteresse do grupo pela fábrica, que se inicia desde o pós-guerra e permanece ao final da década de 70 apesar do programa de modernização ter criado diversos incentivos ao

(36) Silva, Alcir. Op. cit. p. 186.

(37) Ídem. p. 188

investimento e a modernização dos padrões administrativos. Um aspecto fundamental é que o desinteresse é associado a dois fatores. Por um lado a perda do controle sobre o mercado de trabalho, e também do avanço das fábricas de outras regiões sobre o mercado Nordestino no pós-guerra; por outro, pelas possibilidades de diversificação mais atrativas ao grupo. É inquestionável que a perda de posição sobre o mercado regional foi fator determinante para a decadência do setor têxtil, não só por descapitalizar as empresas, como por afugentar os grupos de maior porte para outras atividades.

A partir de 1965 uma série de modificações no programa têxtil estimularam a modernização de fábricas antigas e a implantação de novas. Entre as modificações destacam-se a maior utilização dos recursos do 34/18, bem mais atraentes que os empréstimos externos e o aumento de parcela do investimento que seria financiada com estes recursos. Isto permitia substancial redução da parcela de recursos próprios que o empresário teria que aplicar nos investimentos. O limite superior da parcela de investimento oriunda do 34/18 subiu de 50 para 75%; além disso foi possível amortizar até 50% do financiamento das inversões fixas com recursos provenientes do 34/18. Assim o empresário têxtil que até então teria de participar com 30% nos investimentos pode reduzir isso para 12,5%. Com isto modifica-se inteiramente o grau de incentivo à modernização. A partir daí

"muitas empresas que haviam desistido de levar a frente seus planos de modernização, voltaram à SUDENE, a fim de beneficiar-se dos incentivos, agora em novas bases". (38)

No entanto, diante da permanência da restrição de implantação de novas unidades, (impedindo a transferência de capitais de fora da região para o setor e sobretudo a instalação de fábricas de grupos empresariais líderes do setor no país), limitou-se a renovação do parque têxtil no Nordeste. As fábricas tradicionais, apesar

---

(38) SUDENE. "Pesquisa Sobre..." p. 32.

do esforço de modernização realizado, não mudariam substancialmente o perfil produtivo da indústria têxtil do Nordeste; não fariam grande incorporação de progresso tecnológico e não obteriam melhorias na titulação dos fios, limitando a diversificação e a capacidade de expansão.

Ainda assim, uma análise comparativa da situação entre os anos de 1959 e 1969 mostra melhorias consideráveis no estado de obsolescência do equipamento. Renovou-se parte deles, elevando a produtividade, ainda que isto não representasse nenhum salto tecnológico mais elevado. Na maioria dos casos a utilização das máquinas novas apresentou ganhos na produtividade sem alterar substancialmente o processo produtivo. Em termos de qualidade dos produtos pouco se obteve. A titulação média do fio, por exemplo, continuava em torno de 17 NE, enquanto nas fábricas novas deviam atingir algo próximo a 40 NE. Em termos de idade média dos equipamentos a melhora foi incontestável.

A avaliação que se pode fazer, apesar do número não muito elevado de projetos de modernização apresentados, é que a grande maioria das empresas utilizou-se dos diversos incentivos para a modernização parcial ou para substituição isolada de peças e máquinas em aiantado estágio de obsolescência. Em 1969 os fusos e teares com mais de 30 anos de fabricação haviam se reduzido de 54,4%, no início do programa, para 19,1% e de 81,2% para 31,9%, respectivamente.

Um aspecto interessante que podia ser encontrado nessas fábricas modernizadas era a coexistência de um parque de máquinas novas, de produtividade mais elevada, elaborando produtos com algumas melhorias técnicas, como tecidos de maior largura, ao lado de um parque obsoleto, com mais de 30 anos de uso. A redução obtida na idade dos equipamentos era considerada surpreendente pelos técnicos da SUDENE, sobretudo quando se levava em conta os fusos e teares que iriam atingir mais de 30 anos de fabricação ao longo da década. Foram instalados 168.333 novos fusos e 4.027 teares. Um número maior saiu de operação sem que isto implicasse em queda de produção, dian

te da maior produtividade dos novos equipamentos. (39)

Quando se passa a observar as fábricas novas, instaladas durante a vigência do programa, referente à segunda etapa, a situação era completamente diversa. (40) Os ganhos de produtividade foram enormes na fiação e na tecelagem, tanto se considerando o produto por trabalhador quanto o produto por equipamento, tendo a medição da produtividade por base o padrão latino-americano utilizado pela CEPAL em 1962. No setor de fiação a produtividade da maquinaria e dos equipamentos era, em média para as fábricas tradicionais, 70,9% do padrão de 1962 para a têxtil da América Latina. No que se refere à produtividade da mão-de-obra na fiação, esta atingia 79,9% do padrão. No caso das fábricas que estavam em implantação em 1969 os números eram ainda mais elevados. O índice de produtividade dos equipamentos era de 112,9% e na mão-de-obra de 118,8%. A conclusão era de que, apesar dos avanços, tratava-se ainda de um estágio tecnológico atrasado para a época. (vide quadros a seguir)

No setor de tecelagem, as fábricas antigas apresentavam situação inferior. Na maquinaria, o índice de produtividade era de 66,1% do padrão bruto americano de 1962, e na mão-de-obra tão somente de 36,2%. Em termos comparativos, as fábricas antigas estavam mais atrasadas na tecelagem do que na fiação. A explicação se deve a que a substituição dos equipamentos, no programa de modernização, por razões técnicas, teria de se iniciar pela fiação.

As fábricas em implantação, segundo estimativas, apresentaram eficiência e rendimentos consideráveis no que tange a tecelagem. 350% do padrão latino-americano de 1962, na produtividade da maquinaria e 126% na produtividade da mão-de-obra.

Os índices encontrados para as fábricas antigas, ainda que bem abaixo do padrão adotado, revelaram ganhos importantes ao longo

(39) Ídem. p. 46.

(40) Ídem. pp 51 a 58.

## QUADRO

## COMPARAÇÃO DOS ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE DA FIAÇÃO E TECELAGEM

## NÚMEROS ÍNDICES

DISCRIMINAÇÃO	Produtividade na Fiação		Produtividade na Tecelagem	
	dos equipamentos	da mão de obra	dos equipamentos	da mão de obra
- Padrão — Latinoamericano	100	100	100	100
- Nordeste — Fábricas tradicionais .....	71	80	66	36
- Nordeste - Fábricas novas	113	112	350	127
- Brasil - média - 1961....	64	46	54	30
- Colômbia - 1962 .....	86	127	95	107
- Europa Ocidental - 1965..	103	195	-	-
- Estados Unidos - 1962....	-	288	-	-

Fonte: — CEPAL — La Indústria Têxtil en America Latina, Volume XII  
 Extraído de: SUDENE "Pesquisa sobre a Indústria Têxtil do Nordeste".

## QUADRO

## PRODUTIVIDADE NO BRASIL E NO NORDESTE EM RELAÇÃO AO PADRÃO

## LATINOAMERICANO

## NÚMEROS ÍNDICES

Discriminação	1961 Brasil	NORDESTE - 1969	
		Fábricas tradicionais	Fábricas novas
Fiação			
Equipamentos.....	64	71	113
Mão-de-obra.....	46	80	112
Tecelagem			
Equipamentos .....	54	66	350
Mão-de-obra .....	30	36	127

Fonte: Quadro 5-6.

(\*) Média de oito países selecionados: Alemanha, Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Itália, Países Baixos e Suécia.

Extraído de: SUDENE. "Pesquisa sobre a Indústria Têxtil do Nordeste", 1971, p. 51.

da década. Assim, em 1969 tomando-se o padrão brasileiro de 1961, que certamente as fábricas do Nordeste não atingiam, os índices en con trados para a têxtil nordestina eram superiores na fi ação e na te ce l a g e m, seja na produtividade da mão-de-obra, seja na produtivi d a d a d a de ma q u i n a r i a.

Ainda em relação às fábricas antigas, percebe-se uma si t u a ç ã o generalizada de atraso na produtividade mesmo quando entre elas, são analisadas apenas as 12 melhores. A conclusão é de que os índices são muito baixos em qualquer caso, raramente atingindo o padrão latino americano. Nem mesmo as melhores fábricas tinham condições de competir com aquelas do centro da economia brasileira ou com aquelas em instalação na região, caso fossem disputar o mes mo mercado. Neste sentido, a falta de competitividade apontada no i n í c i o da década de 60 permaneceria para as fábricas tradicionais.

A implantação de novas fábricas têxteis no Nordeste, so b r e t u d o com capital originário de fora da região—algumas delas fi l i a i s dos grandes grupos que já atuavam no setor, é que viria, de fato, modificar a estrutura do parque têxtil nordestino. Até 1969 poucas delas estavam funcionando plenamente, porém já haviam con d i ç õ es para se avaliar as principais transformações em termos de d i v e r s i f i c a ç ã o produtiva, produtividade, utilização de matéria prima e, na forma de vinculação com a economia regional e nacional.

Essa modernização setorial incompleta teria efeitos d i s t i n t os conforme se tratasse de fábricas novas ou de antigas. O pr ó p r i o Programa Têxtil teve caráter inteiramente distinto em um ou em outro agrupamento de unidades. Para as antigas, realizava-se um esforço de modernização sem que se alterassem profundamente os dados tecnológicos e econômicos básicos. Perdurariam sobre este segmento, os efeitos de destruição decorrentes do maior grau de art i c u l a ç ã o comercial entre as regiões, provocando o fechamento de f á b r i c a s entre 1959 e 1969, sobretudo nos estados mais frágeis, co m o Maranhão, Sergipe e Alagoas, cuja indústria têxtil apresentava

piores condições. Por outro lado, surgiriam novas fábricas, articuladas a economia nacional que se beneficiariam do Programa Têxtil, e do processo de integração econômica.

Já em 1963 a equipe BNB-SUDENE iniciou a alteração do programa têxtil, passando a examinar os pleitos para instalação de novas fábricas, sendo o primeiro projeto de outubro daquele ano. Entre 1963 e 1969, ano em que é efetuada uma pesquisa minuciosa sobre a indústria e o programa têxtil, foram aprovados 26 projetos de implantação, concentrados no Ceará (8), Pernambuco (6), Paraíba (5) e Rio Grande do Norte (4). Para os estados de Maranhão, Piauí, Sergipe e Alagoas não havia nenhum projeto. Destas novas fábricas 15 tinham como matéria-prima básica o algodão, outras 7 os fios mistos, 2 os fios sintéticos e 2 o sisal. Portanto, cerca de 35% delas utilizariam novos tipos de matéria-prima, concorrendo para a diversificação produtiva. Vide quadros.

A produtividade das fábricas novas, era extraordinariamente superior à das fábricas antigas, nos equipamentos ou na mão-de-obra, fosse na fiação ou na tecelagem. Os índices encontrados eram bem mais elevados que a média brasileira de 1961, e estavam acima do padrão latino-americano de 1962. Considera-se, entretanto, que em relação à têxtil latino-americana os ganhos não eram tão acentuados, com exceção da produtividade dos equipamentos na tecelagem. A conclusão era de que:

"a tecnologia que está sendo escolhida para as fábricas nordestinas pode ser considerada moderna em termos de capacidade produtiva das máquinas. Porém não tem ainda o grau de automação aplicada a substituição do trabalho que a possa colocar ao nível dos países mais avançados da produtividade da mão-de-obra."<sup>(41)</sup>

Surgiram modificações fundamentais na indústria têxtil da

(41) Ídem. p. 57.

## QUADRO

## DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS FÁBRICAS EM IMPLANTAÇÃO NO NORDESTE

ATÉ 1969

ESTADOS	Nº de Fábricas	Inversão Total (1)		Empregos Criados	
		NCr\$	%	Quantidade	%
- Ceará .....	8	83.291.505	34,2	1.260	27,5
- Rio Grande do Norte...	4	15.641.040	6,4	366	7,9
- Paraíba .....	5	34.542.854	14,2	944	20,5
- Pernambuco .....	6	56.898.021	23,4	1.271	27,6
- Bahia .....	1	10.209.729	4,2	330	7,2
- Minas Gerais .....	2	42.826.839	17,6	440	9,5
NORDESTE .....	26	243.409.988	100,0	4.611	100,0

(1) - A preços correntes

Fonte: SUDENE. "Pesquisa sobre a Indústria Têxtil do Nordeste". p. 65.

## QUADRO

## FÁBRICAS EM IMPLANTAÇÃO NO NORDESTE SEGUNDO OS TIPOS DE MATÉRIA-PRIMA EMPREGADOS E PRODUTOS A FABRICAR

Matéria-Prima Utilizada	Número de Fábricas	PRODUTOS
- Mistura de algodão com sintético	3	Tecidos mistos
- Algodão em pluma	1	Tecidos de algodão
- Mistura de Algodão com sintético	1	Fios mistos
- Fios de algodão	1	Gase cirúrgico
- Algodão em pluma	4	Fios finos penteados
- Fios de algodão	2	Toalha de feipa
- Fios de algodão e fios artificiais	1	Etiquetas tecidas
- Fios de algodão e tecido de juta	2	Tapetes feipados
- Fios de algodão penteado e fios sintéticos	4	Tecidos de malha
- Fios texturizados	2	Meias
- Algodão em pluma	2	Algodão hidrófilo
- Fibra de sisal	1	Cordas e fios de sisal
- Fios de algodão penteado	1	Lenços
- Fibras de sisal	1	Sacos de sisal
TOTAL	26	

Fonte: SUDENE. "Pesquisa sobre a Indústria Têxtil do Nordeste". p.65.

região com a implantação das novas fábricas, pela elevação da produtividade e pela diversificação produtiva, assegurando que, através destas novas unidades seriam de fato incorporadas parcelas crescentes de progresso técnico no setor. A produtividade mais elevada, a diversificação no uso de matérias primas e dos bens elaborados mostra que é através destas fábricas que surgiria uma indústria têxtil moderna na região, apresentando outro nível tecnológico, outra estrutura administrativa, faixa de mercado distinta das fábricas tradicionais e produzindo fios, tecidos e artefatos de qualidade bastante superior. O fio médio, por exemplo, subira de 17 Ne das fábricas tradicionais para 40 Ne das fábricas novas.

Um aspecto importante a ser assinalado sobre estes anos de transição para a têxtil nordestina é de que parte das dificuldades apontadas no SUMÁRIO DO PROGRAMA DE REEQUIPAMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL REGIONAL (em 1962) se agravariam. Alertava-se naquele documento que um dos principais problemas do setor no Nordeste seria "a falta de correspondência entre a estrutura da oferta e da demanda regional". Caberia ao programa corrigir esta situação promovendo certa "substituição regional de importações".

O Nordeste apresentava em 1959 uma produção de 300 milhões de metros de tecidos dos quais 135 eram destinados para fora da região. Em 1968 esta situação estava duplamente agravada. Em primeiro lugar, enquanto as exportações cresceram 58% no período 59-68, as importações subiram 270%. As exportações passaram de 135 milhões para 214 milhões de metros de tecidos e as importações de 100 milhões para 370 milhões. Em segundo lugar, a indústria vinha perdendo rapidamente o mercado regional para as empresas de fora da região. Os dados são surpreendentes: em 1959 cerca de 62% da demanda (em termos físicos) era atendida pela produção local; em 1968 tão somente cerca de 20,5%.<sup>(42)</sup> Isto significa que nos anos 60 a indústria têx

(42) Ídem, p. 69.

til do Nordeste perde o controle do mercado regional, e não conseguiu compensar isto com o crescimento das exportações. As importações subiram 270% e o consumo tão somente 76%, demonstrando perda do mercado regional. Com isto os efeitos de destruição e de inibição ganham notável intensidade. (Vide quadro a seguir)

Com a entrada em funcionamento das fábricas novas esperava-se aumentar a participação no mercado regional. No entanto, segundo os cálculos da época, isto no máximo representaria 13 pontos percentuais no nível de consumo de 1968. É interessante constatar nos diversos documentos da SUDENE, que permanece a proposição da substituição regional de importação têxtil.

Cabe efetuar algumas considerações a respeito destes resultados. Um primeiro aspecto refere-se ao fato de que a indústria têxtil regional durante parte do período estava em processo de modernização em um programa que uma das exigências era a manutenção do quantum da produção. Um segundo aspecto é o de que mesmo que apresentasse uma expansão na capacidade produtiva, não havendo melhoria na qualidade do produto, se defrontaria com dificuldades de vender a produção em um mercado no qual as faixas de maiores crescimentos era a de tecidos médios e finos. Um terceiro aspecto diz respeito ao fato de que mesmo com a entrada em funcionamento das novas fábricas o crescimento do consumo regional continuaria à taxas superiores ao crescimento da produção, de modo que não teriam condições de atender a expansão do mercado, caso estas fábricas tivessem este objetivo.

No entanto, como veremos, a quase totalidade das novas fábricas não tem interesse específico no mercado regional que, quando muito se apresenta como complementar ao mercado nacional. Os documentos da época, entretanto, perseverantemente, ainda colocavam como um dos objetivos primordiais do programa têxtil, a substituição regional de importações, que as novas fábricas têxteis nunca tiveram como seu objetivo. Estas novas fábricas de fato, transformaram a estrutura produtiva da têxtil da região. Porém terão como destino principal de sua produção o mercado extra-regional. No setor têxtil, as idéias de industrialização autônoma e de

substituição regional de importações não eram certamente dos empresários, muito menos dos novos grupos que no Nordeste vieram instalar fábricas atraídos primordialmente pelos incentivos federais e pela oferta de matéria-prima.

Para estimular estes novos empreendimentos foram ampliados os incentivos fiscais e financeiros. As empresas contavam, além dos incentivos dispostos nos artigos 34 e 18, com o financiamento de fontes bancárias nacionais e internacionais bem como de crédito direto dos fornecedores. A isenção ou a redução de imposto de importação e imposto sobre produtos industrializados para a aquisição de equipamentos seriam largamente utilizados (Vide quadro): Com isto na década de 1970 seria implantado novo parque têxtil do Nordeste, articulado nacionalmente, derivado da migração de capital para região.

O setor ao longo dos anos 70, através do Programa Têxtil coordenado pela SUDENE e pelo BNB, evoluiu à medida em que foram instaladas novas fábricas e parcela das antigas efetuaram modernização nos seus equipamentos e no padrão administrativo.

Apesar dos avanços obtidos, a avaliação dos técnicos da SUDENE era a de que a indústria permanecia bastante atrasada, sobretudo nos setores de acabamento e padronagem de tecidos. A defasagem nessas seções restringia fortemente a competição nas melhores faixas de mercado e fazia com que o Nordeste se constituísse em grande importador de tecidos. (43)

Em termos de perfil da produção, a indústria têxtil regional apresentava-se relativamente diversificada, para o que, sem dúvida, foi fundamental a utilização de fibras sintéticas.

---

(43) SUDENE. "A Indústria Têxtil No Nordeste". p. 11

## QUADRO

CONSUMO APARENTE DE TECIDOS NO NORDESTE - 1959-1968 - MILHARES  
DE METROS

Discriminação	1959	1968
PRODUÇÃO .....	300.000	309.512
Exportação .....	135.000	214.083
Sub-Total .....	165.000	95.429
Importação .....	109.000	370.078
CONSUMO APARENTE.....	265.000	465.507

FONTE: SUDENE. "Pesquisa sobre a indústria têxtil do Nordeste".

## QUADRO

## INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE

## INCENTIVOS FISCAIS DO IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO E IPI - 1960-78 (1)

ESTADO	VALOR DO EQUIPAMENTO (US\$ 1.000,00)	ISENÇÃO DO IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO E IPI (Cr\$ 1.000,00)	%
Maranhão .....	1.527	229	0,04
Piauí .....	11.336	24.399	4,62
Ceará .....	(3) 53.698	88.513	16,75
Rio Grande do Norte..	32.843	88.800	16,80
Paraíba .....	13.147	23.963	4,53
Pernambuco .....	93.238	223.397	42,26
Alagoas .....	5.035	8.324	1,57
Sergipe .....	14.338	30.052	5,68
Bahia .....	4.759	1.610	0,30
Norte de Minas .....	19.217	39.335	7,45
TOTAL .....	249.138	528.628.	100,00

FONTE: SUDENE. DIN. "Pesquisa sobre a Indústria Têxtil do Nordeste".

(1) Posição em agosto de 1978.

(2) Redução dos impostos a partir de 1976.

(3) Deste total US\$ 48.536.000,00 obtiveram redução dos impostos.

Também na década de 70 desenvolveu-se na região a indústria de fibras sintéticas, composta por seis fábricas, uma na Paraíba, uma em Pernambuco, 3 na Bahia e uma em Minas Gerais.

A diversificação na estrutura produtiva se acentuou consideravelmente ainda que a produção de fios e tecidos de algodão representasse em 1975 mais de 50% do valor da produção. De outra parte a manufatura de fios e tecidos mistos já representava 18,5% revelando a rápida incorporação de novas matéria prima. (Vide quadro).

Os quadros retratam a capacidade produtiva das fábricas em funcionamento e em instalação em 1979. Um aspecto que chama a atenção é o de que, com a entrada em funcionamento dos novos filatórios, a quantidade de fusos em operação passaria de 955 mil para 1.358 mil, uma elevação da ordem de 45%. Expansão de tal magnitude reflete, sem dúvida, as metas ambiciosas, estabelecidas no II PND. O número de teares teria uma elevação mais modesta, cresceria em 17%, passando de 12.666 para 14.799.

O crescimento da fiação estava associado sobretudo à expansão dos parques têxteis de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Alguns estados, beneficiados por programas de desenvolvimento de pólos têxteis, elevariam consideravelmente a capacidade instalada. O Ceará, onde foi instalado o maior número de fusos (250.216), aumentaria em 82% sua disponibilidade nesse equipamento. O Rio Grande do Norte, terceiro estado em número de fusos aprovados, atrás de Pernambuco, teria aumento de 93%.

Com isto, esses estados apresentariam maior participação no total de fusos da indústria têxtil nordestina. Outros, como Alagoas, Paraíba e mesmo Pernambuco, reduziriam sua participação na capacidade instalada na região, no que se refere à fiação. Os teares estão sendo instalados sobretudo no Ceará e em Minas Gerais (respectivamente com 55% e 21% dos teares com instalação já aprovada pela SUDENE) e em menor quantidade na Bahia, no Piauí, em Sergipe e

## QUADRO

## ESTRUTURA PERCENTUAL DE PRODUÇÃO - JULHO DE 1975

PRODUTOS	% SOBRE O VALOR DA PRODUÇÃO
Tecido de Algodão .....	31,5
Tecidos mistos (Poliéster/Algodão)..	6,5
Fios de Algodão .....	21,4
Fios mistos (Poliéster/Algodão).....	11,8
Fios de Sisal .....	2,5
Cobertores de Algodão .....	2,0
Linhas para Coser .....	1,6
Sacos de Algodão .....	1,9
Coordalhos .....	1,0
Tapetes .....	2,4
Toalhas de banho e rosto .....	2,1
Colchas de cama .....	2,5
Outros .....	12,8
TOTAL .....	100,0

Extraído de: SUDENE "INDÚSTRIA TÊXTIL NO NORDESTE".

na Paraíba.

É surpreendente a elevação no número de fusos da têxtil nordestina ao longo dos anos 70. Em 1969 haviam em operação 433.184 fusos contra 935.512 em 1979. Assim o número de fusos mais do que duplicou. O número de teares, contudo, cresceu apenas 14,2%, não considerando aqueles instalados em Minas Gerais.

A indústria têxtil da região na década de 70, conhece um período de rápida expansão apresentando crescimento substancial na sua capacidade e diversificação produtiva. Com isto consegue expandir sua produção mais rapidamente do que a média nacional do setor. Recupera em 1980, assim, parte do terreno perdido na fase mais difícil, dos anos 50 e 60, quando o efeito de destruição se intensificou. A participação do Nordeste no total da indústria têxtil nacional se eleva no que se refere ao pessoal ocupado, salários pagos, valor bruto da produção e valor da transformação industrial. A produtividade apresenta um grande salto, de modo que o VTI/PO é em 1980 cerca de cinco vezes superior ao resultado obtido em 1970. (44)

Esse desempenho reflete os investimentos realizados no setor, particularmente com a implantação de novas unidades. Contudo, essa recuperação do setor têxtil nordestino ao longo dos anos 70 é insuficiente para compensar a perda de participação ocorrida na década de 60. Assim, o Nordeste apresenta no início dos anos 80 uma participação inferior àquela que há vinte anos atrás motivara o programa de modernização. Na década de 80, entretanto, essa indústria apresenta um parque fabril bastante distinto daquele dos primeiros anos da SUDENE e mantém uma relação também diversa com a economia nacional.

---

(44) Guimarães, Leonardo. "Nordeste: Da Articulação..." p. 246.

## NORDESTE: TEARES EXISTENTES E APROVADOS EM 1979

ESTADOS	EXISTENTES		EXISTENTES + APROVADOS		APROVADOS		EXISTENTES+APRO- VADOS x 100/EXTS TENTES
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
PI	132	1,04	268	1,81	136	6,36	203
CE	1.240	9,80	2.429	16,41	1.189	55,59	196
RN	552	4,36	552	3,37	0	0	100
PB	1.028	8,12	1.028	6,99	0	0	100
PE	4.840	38,23	4.940	33,38	100	4,67	102
AL	1.313	10,37	1.313	8,87	0	0	100
SE	1.778	14,04	1.892	12,75	114	5,33	106
BA	1.699	13,42	1.843	12,45	144	6,73	108
MG	78	0,62	534	3,61	456	21,32	685
NE	12.660	100	14.799	100	2.139	100	117

FONTE: SUDENE. "A Indústria Têxtil do Nordeste".

## NORDESTE: FUSOS EXISTENTES E APROVADOS EM 1979

ESTADOS	EXISTENTES		EXISTENTES + APROVADOS		APROVADOS		EXISTENTES+APRO- VADOS x 100/EXTS TENTES
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
PI	17.600	1,88	61.000	4,49	43.400	10,27	547
CE	137.238	14,67	250.216	18,42	112.978	26,72	182
RN	109.678	11,72	211.446	15,57	101.768	24,07	193
PB	59.916	6,40	66.828	4,92	6.912	1,63	112
PE	393.826	42,10	503.052	37,04	109.226	25,84	128
AL	58.828	6,29	58.828	4,33	0	0	100
SE	73.784	7,89	95.688	7,04	21.904	5,19	150
BA	68.406	7,31	76.406	5,63	8.000	1,89	112
MG	16.236	1,74	34.812	2,56	18.576	4,59	214
NE	935.512	100	358.276	100	422.764	100	145

FONTE: SUDENE. "A Indústria Têxtil do Nordeste".

## NORDESTE: FUSOS E TEARES EM OPERAÇÃO EM 1969

ESTADOS	FUSOS		TEARES	
	Nº	%	Nº	%
MA	15.248	3,52	230	2,1
CE	62.838	14,51	1.240	11,3
RN	6.256	1,4	78	0,6
PB	32.480	7,5	1.004	9,1
PE	169.612	39,2	4.148	37,6
AL	47.180	10,9	1.109	9,2
SE	53.544	12,4	1.508	13,4
BA	45.986	10,6	1.699	15,4
NE	433.184	100	11.016	100

FONTE: SUDENE "Pesquisa sobre a Indústria...".

## 2. A VINCULAÇÃO COM A ECONOMIA NACIONAL: INTEGRAÇÃO E ORIGEM DO CAPITAL

A indústria hoje instalada no Nordeste é moderna e diversificada. Moderna, pois apresenta parque fabril novo, de tecnologia muito superior a até então existente. Ademais até novembro de 1979 era expressamente proibida às empresas incentivadas a aquisição ou transferência de maquinaria usada. Isto resulta do fato de que os subsídios aos investimentos fixos eram acentuados, tendendo-se a instalar uma indústria de padrão tecnológico de elevada composição técnica do capital.

Um aspecto fundamental deste novo parque industrial nordestino é seu caráter complementar à indústria brasileira, mantendo fortes vínculos de compra e venda com setores localizados fora da região. Trata-se de questão relevante pois o principal fato que marca o período pós-60 para a industrialização do Nordeste é a transferência de capital produtivo para a região, fazendo avançar o processo de integração econômica nacional, no qual o movimento de acumulação de capital progressivamente se dá em escala nacional. Por outro lado, esta nova indústria fortaleceu o intercâmbio comercial entre as regiões. Da etapa da "articulação comercial", anterior à SUDENE, à etapa da integração econômica ocorreram mudanças quantitativas e qualitativas no relacionamento econômico entre as regiões, porém o avanço da integração estreitou os laços comerciais entre o Nordeste e o resto do país, na medida em que se estabeleceu nova divisão do trabalho, inclusive dentro da própria indústria.

Contudo, não é este aspecto complementar comercial a principal característica da indústria aqui implantada. O fundamental é o caráter complementar a nível do processo de valorização do capital, independentemente de que a unidade fabril montada na região venha a produzir bens finais ou intermediários, para o mercado de den

tro ou de fora da região. A complementaridade comercial e da matriz industrial, depende de outras questões como o tamanho do mercado nordestino, a disponibilidade de matérias-primas e a estratégia de competição em cada mercado e em cada grupo econômico. Entretanto, a marca da industrialização regional é seu caráter complementar ao processo de acumulação de capital a nível nacional. Deve-se considerar, contudo, que a ampla maioria das empresas com fábricas novas na região, está inteiramente voltada para o mercado nacional, em razão da articulação com o crescimento da economia brasileira.

No movimento de integração econômica nacional, no qual as barreiras regionais praticamente deixam de existir, emerge uma estrutura industrial no Nordeste que mantém distintas formas de vinculação com a economia nacional. Em linhas gerais poderemos apontar alguns tipos básicos de empresas industriais, com o intuito de analisar como se situam no processo de integração econômica.

- 1 - Empresa de capital de fora da região, de grande porte, que atua no mercado nacional e utiliza matéria prima local ou não.
- 2 - Empresa de capital de fora da região, de grande ou médio porte, que atua no mercado regional, utilizando matéria prima local ou não.
- 3 - Empresa de capital regional que atua no mercado nacional, utilizando matéria prima local ou não.
- 4 - Empresa de capital regional que atua basicamente no mercado da região ou tão somente em alguns mercados localizados da região.

No caso específico do setor têxtil é de grande utilidade, dada a clara diferenciação existente, agrupar de um lado as fábricas modernizadas pelo programa BNB-SUDENE e de outro as fábricas que apresentaram projetos de implantação.

De maneira geral, as empresas têxteis nordestinas, no final da década de 70 se localizaram no primeiro e terceiro grupos de empresas. Ou seja, empresas de capital regional ou extra-regional que atuam basicamente no mercado nacional, na sua maioria utilizando matéria prima regional. O segundo grupo praticamente inexistente e o quarto é limitado a algumas fábricas antigas.

Em seguida discutiremos mais detidamente esta questão, com base em informações obtidas na pesquisa BNB-SUDENE, em 763 empresas industriais incentivadas, das quais 85 pertencentes ao setor têxtil.

Do total das empresas pesquisadas 57,4% estavam funcionando normalmente, 11,5% encontravam-se em instalação, 13,6% funcionando com problemas e 17,5% paralisadas. As empresas em instalação localizavam-se sobretudo na Bahia, Pernambuco e Paraíba nos setores de química, produtos alimentares e metalurgia.

No que se refere ao setor têxtil, as empresas incentivadas apresentavam a seguinte situação de funcionamento: 57 empresas (67,1%) estavam funcionando normalmente, 13 empresas (15,3%) em instalação, 7 (8,2%) funcionando com problemas e 8 (9,4%) paralisadas. Das fábricas em funcionamento normal 38 recorreram à SUDENE para ampliação da capacidade instalada, modernização das máquinas e equipamentos, redução do imposto de renda, realocização e outros motivos que não a implantação de unidades produtivas. As outras 19 apresentaram projeto de implantação. Este último grupo constituía o núcleo da nova indústria têxtil do Nordeste, juntamente com as fábricas em instalação. A estas 19 unidades chamamos de fábricas novas em funcionamento, àquelas 38 denominamos de fábricas antigas ou modernizadas.

## NORDESTE 1978

INDÚSTRIA TÊXTIL INCENTIVADA:  
SITUAÇÃO DE FUNCIONAMENTO EM 1978

	FUNCIONANDO NORMAL- MENTE			FUNCIONANDO COM PROBLE- MAS	EM INS- TALAÇÃO	PARALISADAS	TOTAL
	TOTAL	ANTIGAS	NOVAS				
Nº de fábricas	57	38	19	7	13	8	85
Percentual	67,1	44,7	22,4	8,2	15,3	9,4	100

FONTE: BNB-SUDENE. "Relatório..."

A transferência de capital para a região, sobretudo na segunda etapa do programa (1965 em diante), suscitou a implantação de unidades produtivas filiais de grandes empresas nacionais e multinacionais como também significou fonte de recursos para que empresários da região promovessem a modernização, ampliação e instalação de fábricas no Nordeste. A este respeito observe-se na tabela a seguir a importância de capitais de fora da região na composição da nova indústria têxtil do Nordeste: 39,5% do capital integralizado é originário do Nordeste. 21,6% é proveniente de São Paulo, 6,8% do resto do país, 0,5% do Governo federal e 2,4% diretamente do exterior. 22,2% dos recursos são originários do Finor. Cabe destacar a participação dos recursos originários de São Paulo, um único estado que supera amplamente a participação de todo o restante do país.

Em termos espaciais a indústria têxtil incentivada do Nordeste tem unidades fabris em todos os estados, porém se distribui de forma bastante concentrada em alguns deles, como é possível constatar na tabela (pág. 132). No Maranhão e Piauí praticamente não mais existe indústria têxtil, registrando-se apenas uma fábrica em cada estado, ambas funcionando com problemas. Cabe lembrar que o estado do Maranhão possuía no século passado um dos maiores parques têxteis

INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE: DISTRIBUIÇÃO DA ORIGEM  
DO CAPITAL INTEGRALIZADO, DA ORIGEM DO EQUIPAMENTO;  
DA ORIGEM DOS INSUMOS E DO DESTINO DAS VENDAS

	NORDESTE	SÃO PAULO	RESTO DO PAÍS	FINOR	GOVERNO	EXTERIOR
. ORIGEM DO CAPITAL INTEGRALIZADO	39,5	21,6	6,8	22,2	0,5	2,4
. ORIGEM DO EQUIPA- MENTO	5,8	-	40,7*	-	-	53,5
. ORIGEM DOS INSUMOS (1977)	75,7	15,9	6,0	-	-	2,4
. DESTINO DAS VENDAS (1977)	20,6	41,8	26,0	-	-	11,6

FONTE: Pesquisa BNB-SUDENE. 1980. "Relatório ...".

\* Inclui São Paulo.

nacionais e, no período imediatamente anterior ao Programa de Reequipamento, contava ainda com 5 fábricas em funcionamento, empregando 1400 operários.

Os estados que apresentam maior número de fábricas são, em ordem decrescente, Pernambuco, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Deve-se assinalar, entretanto, que enquanto alguns estados como o Rio Grande do Norte e Ceará possuem um parque têxtil moderno, em outros, como Alagoas e Sergipe a indústria é constituída basicamente de fábricas antigas, tendo estes dois estados perdido participação na indústria têxtil regional.

Nos Estados do Rio Grande do Norte e Ceará o setor é constituído por um parque essencialmente novo de tal modo que as fábricas com projetos de implantação (funcionando normalmente e em instalação) representam a totalidade da indústria incentivada no RN e no estado do Ceará estas fábricas são em mesmo número ao das antigas em funcionamento normal. Porém, em termos absolutos, Pernambuco é o estado onde mais foram implantadas fábricas, além de ter, inquestionavelmente, a maior indústria têxtil do Nordeste.

Para as fábricas novas a localização por estado não define diferença significativa quanto à parcela da produção que se destina para o mercado da região, independentemente da distância em relação ao Sudeste e do tamanho do centro urbano onde está situado. Percebe-se apenas que o estado do Ceará tem maior número de empresas mais direcionadas ao mercado regional do que a média dos outros estados. Nos estados com um parque têxtil tradicional de maior peso, como Pernambuco, existe relativamente um maior número de fábricas que vendem parcela significativa de sua produção para o nordeste, deixando entrever resquícios de lidença sobre este mercado.

A respeito da vinculação desta indústria à economia nacional cabe fazer algumas anotações. A transferência de capital para a região promovendo a "integração econômica" do Nordeste ao centro da economia nacional impôs um ajuste do parque industrial

NORDESTE: INDÚSTRIA TÊXTIL - 1978

SITUAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DAS FÁBRICAS INCENTIVADAS, POR ESTADO

ESTADOS	FUNCIONANDO NORMALMENTE								EM INSTALAÇÃO		FUNCIONANDO COM PROBLEMAS		PARALISADAS		TOTAL	
	ANTIGAS		NOVAS		NÃO RESPONDERAM		TOTAL		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%								
MARANHÃO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
PIAUI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
CEARÁ	7	41,2	3	17,6	1	5,9	11	64,7	4	23,5	1	5,9	1	5,9	17	100
RIO GRANDE DO NORTE	-	-	3	33,3	-	-	3	33,3	4	44,4	-	-	2	22,3	9	100
PARAÍBA	9	64,3	2	14,4	-	-	11	78,7	1	7,1	1	7,1	1	7,1	14	100
PERNAMBUCO	10	47,6	8	38,1	-	-	18	85,7	1	4,8	1	4,8	1	4,8	21	100
ALAGOAS	3	75,0	-	-	-	-	3	75,0	-	-	-	-	1	25,0	4	100
SERGIPE	5	55,6	-	-	-	-	5	55,6	1	11,1	2	22,2	1	11,1	9	100
BAHIA	2	33,3	3	50	-	-	5	83,3	-	-	-	-	1	16,7	6	100
MINAS GERAIS *	-	-	-	-	1	33,3	1	33,3	2	66,7	-	-	-	-	3	100
TOTAL	36		19		2		57		13		7		8		85	

NORDESTE: INDÚSTRIA TÊXTIL - 1978

PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS NO TOTAL DE FÁBRICAS EM FUNCIONAMENTO NORMAL,  
EM INSTALAÇÃO, FUNCIONANDO COM PROBLEMAS E PARALISADAS

	MARANHÃO	PIAUI	CEARÁ	RIO GRAN DE DO NORTE	PARAÍBA	PERNAM BUCO	ALAGOAS	SERGIPE	BAHIA	MINAS GERAIS	TOTAL
FUNCIONANDO NORMALMENTE	-	-	28,9	7,9	28,9	47,4	7,9	13,2	13,2	2,6	100
. Antigas	-	-	19,4	-	25,0	27,8	8,4	13,8	5,6	-	100
. Novas	-	-	15,8	* 15,8	10,5	42,1	-	-	15,8	-	100
. Não Responderam	-	-	50,0	-	-	-	-	-	-	50,0	100
EM INSTALAÇÃO	-	-	30,8	30,8	7,7	7,7	-	7,7	-	15,3	100
FUNCIONANDO COM PROBLEMAS	14,3	14,3	14,3	-	14,3	14,3	-	28,5	-	-	100
PARALISADAS	-	-	12,5	25,0	12,5	12,5	12,5	12,5	12,5	-	100

ao movimento de acumulação a escala nacional. De um lado, reforçou os laços comerciais que já eram acentuados desde a etapa anterior, da "articulação comercial". Neste sentido a "integração econômica" supera a etapa precedente na medida em que engloba a anterior e apresenta novos aspectos qualitativos. A indústria têxtil surgida com a política de industrialização do Nordeste pós-60 acentua os laços comerciais com o restante da economia nacional. De outro lado apresenta menor interrelação com a economia regional o que, inclusive, tem sido motivo de críticas contundentes à política industrial da SUDENE. Em termos de aquisição de equipamentos pelo setor, desde o início do programa têxtil até 1978, apenas 5,8% foi produzido na região, enquanto 44,7% é originário do resto do país e 53,5% do exterior. Isto significa que quase a totalidade do efeito interindustrial "para trás" derivado da modernização do setor não repercute, ao menos diretamente, na região. A explicação para tal resultado é fácil de entender. Inexiste no Nordeste departamento de bens de produção que pudesse atender a demanda de equipamentos, não havendo porque responsabilizara SUDENE. Entretanto é incontestável que isto significa um vazamento de renda da região.

Quando se analisa outros setores, como material elétrico ou material de transporte, este vazamento (que é também de demanda efetiva) é enormemente agravado pela aquisição de insumos fora da região. No caso da indústria têxtil, dada a importância da base regional de matéria prima, este problema não se apresenta na mesma magnitude. Do total de insumos adquiridos pelo setor em 1977, 75% era produzido na região. São Paulo era a segunda área em fornecimento com 15,9%, seguida do resto do país com 6,0% e do exterior com 2,4%. Isto ocorria porque a base regional da matéria prima têxtil era ampla e cumpria papel fundamental na evolução do setor. Para as fábricas novas que apresentaram projeto de implantação, a

disponibilidade de matéria prima é o segundo fator em importância na decisão dos empresários de localizarem o projeto na região, ficando atrás apenas dos incentivos federais. Por outro lado foram instaladas na região 6 grandes fábricas de fibras e filamentos sintéticos (3 na Bahia, 1 na Paraíba, 1 Pernambuco e 1 Minas Gerais), que reduzem a necessidade de importar insumos.

Em termos de "efeito para frente" apenas uma pequena parcela repercute diretamente na região. Em 1977 somente cerca de 20% da produção têxtil destinava-se ao mercado regional. Mais de 40% das vendas dirigiam-se para São Paulo, 26% para o resto do país e 11,6% para o exterior.

Este perfil de vendas não traz a princípio, prejuízos em termos de redução do nível de emprego e renda. Pelo contrário, sob certo aspecto, o da "demanda efetiva", estas "exportações" provocam maior geração de emprego e renda. Sob o aspecto de efeito para frente, de economias externas sobre o comércio varejista ou sobre a indústria de confecções, poderia significar um arrefecimento dos impactos positivos, na medida em que a oferta regional não atende a demanda destes setores que então compram fora da região.

Estas observações vêm no sentido de colocar em outros termos as críticas que costumeiramente são direcionadas à política de industrialização do Nordeste. É necessário partir do pressuposto de que está em curso um processo de integração dos mercados e que, a princípio, a venda extra-regional é um importante elemento para a expansão econômica da região. Da mesma forma que a aquisição de equipamentos e insumos fora da região é vazamento de renda, a exportação de bens configura injeção de renda na região. Torna-se inconsistente criticar de forma semelhante os dois fenômenos. (46)

A crítica pode ter sentido sob outros aspectos lembrados

(46) A respeito dos efeitos inter-industriais dos investimentos industriais no Nordeste ver Goodman & Albuquerque. Op. cit. e Bacelar, Tânia. Op. cit.

por alguns autores, que no entanto deixam de assinalar o fato discutido acima. Uma indústria montada em uma região com pequenas ligações com a base de insumos locais e voltada para o mercado de fora da região pode assumir um caráter de "economia de enclave", que pouco contribui para o desenvolvimento das forças produtivas da região ou com a melhoria do padrão de vida da população. Tratar-se-ia de um conjunto de atividades inteiramente integrada a circuito de valorização de fora da região. Não é esse o caso da nova indústria do Nordeste, embora deva-se considerar que isto ocorre em algum grau. Certamente é mais correto afirmar que esta indústria está articulada nacionalmente e aí incluindo a economia do Nordeste, ainda que de forma dependente e complementar. Além disso, se é verdade que parcela considerável da velha indústria regional recebe poucos efeitos de estímulo ou mesmo sofre efeitos de destruição, no bojo do processo de integração econômica, também deve-se considerar que emerge toda uma série de atividades produtivas modernas associadas a este movimento. O saldo em termos sociais e econômicos deste duplo movimento é que deve ser avaliado. No entanto a alternativa à não modernização da indústria têxtil nordestina, seria o aprofundamento de sua destruição. A rápida decadência nos anos 50 mostra o processo de descapitalização e de atraso tecnológico, de forma que sem um amplo programa de modernização haveria mais fechamentos de fábricas e destruição de empregos. Sabe-se entretanto, que a forma como o processo de integração foi conduzido pelo governo federal foi extremamente excludente em termos sociais e relativamente o é em termos econômicos. Incentiva-se uma indústria que gera pouco emprego e por outro lado destrói empregos nos ramos tradicionais. O que é mais grave, vem acompanhada de uma política de arrocho salarial que reduz consideravelmente os efeitos positivos potenciais sobre a condição de vida da população e sobre a ampliação do poder de compra interno.

A respeito da questão da demanda efetiva a crítica deve

ser feita sob outra perspectiva, ou seja, a de que o processo de industrialização do Nordeste agravaria o deficit comercial da Região; ou que a divisão regional do trabalho redefinida pela "integração econômica" seria desfavorável à região em termos de possibilidades de incorporação de progresso técnico, de piora nas relações de troca e de baixa elasticidade-renda dos produtos, para colocar a questão de forma cepalina. A respeito da evolução comercial entre o Nordeste e o resto do país assinala-se que entre 1960 e 1975 o coeficiente de importações do Nordeste por vias internas e por cabotagem aumenta de 14,91 para 24,70 enquanto o de exportações pouco cresceu (9,85 em 1960 e 10,64 em 1975). Na segunda metade dos anos 70 o coeficiente de exportações cresce (para 11,41 em 1979 e 13,17 em 1980) por conta da maturação dos projetos incentivados e o de importações cai para 20,15 em 1980, certamente em razão da desaceleração da economia da região, que acompanha o ritmo mais lento de crescimento econômico do país. Ao longo do período 1960 e 1980 o déficit comercial interno do Nordeste se elevou, tendo coeficiente de exportações crescido cerca de 35% contra cerca de 40% de aumento no de importações.<sup>(47)</sup> Neste ponto é preciso esclarecer que não estamos analisando a questão, embora possa parecer, sob uma ótica dualista, de troca entre dois sistemas econômicos distintos, e, sim discutindo como a riqueza gerada em um sistema econômico é repartida pelos diversos espaços regionais que o compõe.

Apesar dos aspectos negativos supracitados, é inquestionável o maior desenvolvimento econômico que o Nordeste se defronta a partir da "integração econômica". No que tange às condições de vida da população cabe ainda assinalar que a descontinuidade tecnológica ocorrida e o grau de concentração econômica ensejado podem ser elementos que agravam a situação social das camadas de baixa

(47) Ver SUDENE. "Importações e Exportações do Nordeste do Brasil . 1974-80!"

renda do Nordeste. Mais do que estes fatores, entretanto, a situação de miséria em que se encontra a região se deve a outras causas como a política de arrocho salarial imposta pelo governo autoritário e a política fundiária e agrícola para a região, responsáveis pela expulsão de milhões de nordestinos para outras regiões e para a fronteira agrícola.

No caso da indústria têxtil do Nordeste, sua modernização causou considerável redução do pessoal ocupado. Segundo Censos Economicos em 1950 havia um total de mais de 80 mil pessoas ocupadas neste setor. Em 1960 com a perda acentuada do mercado regional este emprego se reduz para 58 mil, e continua a se reduzir na década de 60 por conta da modernização de algumas fábricas e o fechamento de outras. Nos anos 70 começa a recuperação do emprego em razão da entrada em funcionamento das novas fábricas, porém este não atinge o volume de 1960, e, no censo de 1980, constata-se apenas cerca de 55 mil empregos no setor. Além disso, os salários não acompanharam os aumentos de produtividade obtidos, dada a política salarial, a abundância de mão de obra na região e ao desemprego ocorrido.

Um terceiro aspecto negativo decorre de que, o elevado volume de exportação regional de fios e tecidos convive com montante ainda superior de importações. Isto implica, por exemplo, no fato de cerca de 80% dos insumos utilizados pela indústria de confecções do nordeste ser proveniente de fora da região.

A este respeito, evidencia-se uma especialização do Nordeste na divisão regional do trabalho no setor. Esta especialização, longe de ser absoluta, estabelece para o Nordeste alguns segmentos do mercado têxtil nacional. Por outro lado, as empresas menos tecnificadas, com fábricas antigas modernizadas total ou parcialmente, reforçam o caráter de fornecedoras de tecidos grosseiros, para diversas áreas do território brasileiro, e de tecidos que ainda necessitam passar por etapas de acabamento, estamparia e tra

tamentos especiais. Pesquisa sobre a indústria têxtil de Sergipe aponta no final da década de 70, para a venda intermediária de tecidos para fábricas de fora da região:

"Todas empresas (têxteis do Estado de Sergipe), realizam vendas para fábricas. Algumas colocam seus produtos em outras fábricas têxteis, na forma de tecidos crus ou mesmo acabados."(48)

Entre as fábricas implantadas, algumas cumprem uma especialização dentro do próprio grupo empresarial a que pertencem fornecendo produtos intermediários a serem processados pela matriz no Sudeste ou no Sul do país. Pesquisa efetuada no Município de Paulista, na região metropolitana do Recife, é bastante esclarecedora a este respeito. Naquela cidade estão instaladas quatro empresas têxteis de grande porte, das quais três são fábricas novas, implantadas a partir dos incentivos fiscais da SUDENE. Em todas as três o controle acionário pertence a grupos de fora da região. Duas das fábricas novas remetem quase a totalidade de sua produção para outras unidades fabris do grupo do qual fazem parte.

A respeito das fábricas de Paulista, Alcir Veras Silva lembra que:

"O grande mercado consumidor dos produtos dessas indústrias é, efetivamente, o Centro-Sul: A menor parte da produção que é enviada para esta região, é de 50% (Indústria Santista), chegando a ser total, ou seja 100% no caso da Malharia Industrial... A Tecanor ao enviar 92,5% da sua produção para empresas do mesmo grupo, mostra-se como uma autêntica filial de sua matriz, na medida em que os produtos que fabrica (fiôs) não são obedecem às

---

(48) CEAG. "Diagnóstico da Indústria têxtil de Sergipe", p. 126.

especificações da matriz, em Santa Catarina, como são utilizados como insumos intermediários pelas unidades do grupo Hering instaladas no Centro-Sul e em outras regiões do país... A Malharia Industrial também se reveste dessas características, porém em grau de intensidade ligeiramente menor, uma vez que 75% de sua produção é utilizada por empresas do mesmo grupo situadas na região Sul. (grifo nosso) <sup>(49)</sup>

No caso da Santista a situação é distinta. Além de destinar metade da produção para o mercado nordestino vende tão somente 5% para empresas do mesmo grupo.

Estas empresas certamente adotam esta forma de distribuição para reduzir custos para o grupo como um todo, beneficiando-se de vantagens comparativas da região, derivados dos incentivos fiscais e da base de matéria prima regional. A regionalização de certas etapas do processo produtivo é uma forma que alguns grupos encontram para aumentar a competitividade no mercado. Na localização de uma fábrica têxtil a matéria prima pode, em muitos casos, ter maior importância que o mercado consumidor, pois o algodão pode representar algo em torno de 50% dos custos de produção.

Entretanto a especialização, como dissemos, é relativa e a indústria têxtil da região apresenta uma diversificação produtiva considerável. Apesar de predominar a produção de tecidos de algodão e mistos também são produzidos fios mistos, gaze cirúrgico, toalhas, etiquetas, tecidos de malha, meias, cordas, lenços, sacos, telas, cadarços, fraldas, etc, toda uma série de bens que a conjugação dos incentivos e da base da matéria prima regional tornaram extremamente atrativa a produção no Nordeste.

---

(49) Silva, Alcir. "Algodão e Indústria têxtil do Nordeste". p. 178.

## 2.1 - FATORES DE MAIOR INFLUÊNCIA NA DECISÃO DE LOCALIZAÇÃO DE PROJETOS INDUSTRIAIS NO NORDESTE.

A criação de incentivos fiscais para investimentos no Nordeste, particularmente o sistema 34/18, no início dos anos 60, viabiliza a transferência maciça de capitais do Centro-Sul para o Nordeste ensejando, desta forma, o princípio de uma nova etapa econômica para a região nordestina, marcada pelo rápido crescimento industrial. A partir daí este setor apresenta, na região, taxas de expansão próximas às obtidas nacionalmente e em alguns anos atinge maior crescimento do que a indústria nacional. Novos setores industriais são instalados no Nordeste e setores tradicionais são modernizados com repercussões intensas sobre todas as atividades urbanas. É incontestável a capacidade mobilizadora do sistema 34/18. Na medida em que influencia diretamente a rentabilidade dos investimentos na região torna a alternativa muito atrativa, particularmente para o grande capital. Volumosos recursos são transferidos para o Nordeste em razão dos incentivos fiscais em forma de projetos próprios ou de terceiros.

O depositante do sistema 34/18 tem prioridade sobre os recursos bloqueados. Com isto as pequenas e médias empresas não tem acesso a parcela substancial destes recursos dado que a maior parte dos depósitos é efetuado por grandes empresas que os utilizam diretamente ou dão preferência a projetos de terceiros nos quais julguem obter rentabilidade elevada e segurança.

O sistema 34/18 possibilitava as empresas deixar de pagar até 50% do imposto de renda devido para efetuar investimentos no Nordeste, em projetos aprovados pela SUDENE. Recorremos a Raimundo Moreira para uma apresentação sucinta do 34/18:

"Os recursos das deduções que se efetuam sobre o imposto de renda para esta finalidade são depositados no Banco

do Nordeste do Brasil e liberados somente com autoriza  
ção da SUDENE, depois de analisada e aprovada a solicita  
ção ou projeto, para aplicação específica... Os recur  
sos do 34/18 podem ser aplicados sob forma de crédito,  
 ou como ocorre mais comumente, em forma de participação  
societária... Os agentes básicos do processo são, por um  
 lado, os depositantes e, por outro, os beneficiários, que  
 podem ser o mesmo agente. Ou seja a pessoa jurídica que  
 tem recursos bloqueados no BNB pode aplicá-los em proje  
tos de terceiros ou em projetos próprios".

Existia ainda a figura do intermediário que servia como  
 ponte entre os depositantes e os beneficiários, cobrando algumas  
 vezes taxas exorbitantes por esta operação.

Com a redução no aporte de recursos do 34/18 a função da  
 SUDENE, como órgão de planejamento regional, é esvaziada. A par  
tir de 1971 verifica-se, permanentemente, déficit entre os recur  
sos pleiteados através de projetos e a disponibilidade no BNB.

O FINOR foi criado pelo decreto-lei 1.376 de 12 de dezem  
bro de 1974 com a justificativa de que viria corrigir as distorções  
 apresentadas pelo sistema 34/18. Busca, sobretudo, regularizar as  
 taxas de intermediação e compatibilizar a demanda de recursos para  
 a implantação de projetos com as disponibilidades do BNB. A par  
tir daí reduz-se o ritmo de aprovação de novos projetos para equi  
librar os pleitos e as liberações.

Além disso foram criados mecanismos de agilização na trans  
ferência de recursos da Receita Federal para o BNB, que devido aos  
 atrasos bastante comuns prejudicava as liberações. Em 1977, FINOR  
 apresentava patrimônio líquido de Cr\$ 12 bilhões e 250 mil cotis  
tas.

---

50) Raimundo Moreira, "O Nordeste Brasileiro: uma política regional de industrialização" pp. 85/86. Sobre a legislação do FINOR, ver FINOR. "Fundo de Investimento do Nordeste", SUDENE, 78.

O FINOR, como fundo de investimentos, conta com um leque de fontes de recursos onde se destaca a dedução do IRPJ, semelhante a do sistema 34/18. As outras fontes são: subscrições de quotas pela União, subscrições voluntárias, subscrições por outros fundos, resultados das aplicações de recursos já captados (juros, bonificações etc.) e outros recursos previstos em lei.

Os incentivos fiscais, sistema 34/18 (depois FINOR) constituíram o fator decisivo para o surgimento da chamada "nova indústria" nordestina. Outros fatores como a base de matéria prima regional, o baixo custo da mão de obra e a intenção de conquistar parcelas do mercado regional seriam motivações adicionais para as empresas investirem na região que variam de importância de acordo com cada setor.

A esse respeito a pesquisa BNB-SUDENE, efetuou levantamento junto às empresas incentivadas sobre os fatores que mais teriam influenciado na decisão de localização de projetos (modernização, implantação, realocação etc) no Nordeste, colocando seis opções: incentivos federais, matéria prima regional, conquista do mercado, baixo custo da mão de obra, empresário radicado na região, e outros.

Do universo de 67 empresas têxteis (antigas, novas e em instalação) que responderam a esta questão, a maior parte apontou o fato do empresário ser radicado na região como sendo o fator de maior importância na decisão de investirem no Nordeste. (Vide tabelas a seguir). Tal resultado entretanto merece algumas considerações e restrições. O peso dos fatores variou intensamente conforme se tratasse de fábricas antigas, novas ou em instalação. Entre as 36 fábricas antigas 19 (52,8%) apontaram o fato do empresário ser radicado na região como o principal fator. Entre as fábricas novas tão somente 5 representando 26,3% responderam da mesma forma.

Ao resultado obtido cabe restrições por que, o modo como foi formulada a questão levou a que fosse atribuído a fator rela

cionado com a economia regional, o determinante principal dos investimentos do setor têxtil, no Nordeste. Deve-se assinalar por exemplo, que para as fábricas antigas a pré-existência da unidade fabril no Nordeste é certamente condicionante de peso associada ao fato do empresário ser radicado na região, sobretudo porque entre as fábricas antigas é muito grande o número que é controlado por grupos regionais. Observando-se com mais cuidado percebe-se que entre as 27 empresas que informaram ser este fator o de maior relevância 19 são fábricas antigas, das quais 18 de capital predominantemente nordestino; 5 são fábricas novas, todas de capital regional e 3 estavam em instalação, sendo 2 de capital regional.

Para o conjunto de fábricas antigas, novas e em instalação a principal motivação levantada pela pesquisa BNB-SUDENE, para localizar o projeto na região seria a seguinte: Empresário radicado na região, 27 empresas; Incentivos federais, 19 empresas; Matéria prima, 16; outros fatores, 5.

Para as fábricas novas e em instalação, a principal motivação nesta decisão foram os incentivos federais criados para investimentos no setor têxtil da região: 63,3% das fábricas novas apontaram este fator como sendo o de maior importância, e outras 10,5% e 15,8% apresentaram-no como o 2º e 3º em importância. Das fábricas em instalação, 33,3%, também apontaram este fator em primeiro lugar. Já entre as fábricas antigas tão somente 8,3% responderam desta forma. Para a maioria delas os incentivos federais estavam em 2º ou 3º lugar.

O aproveitamento da matéria prima regional é lembrado com algum destaque pelas empresas dos três grupos. Cerca de 24% e 39% delas indicaram, respectivamente, como sendo a 1ª e 2ª motivação. Isto significa que para quase 2/3 delas a matéria prima regional tem um papel de relevo para a manufatura de têxteis na região. Ademais, sejam os incentivos federais seja o fato do empresário ser radicado na região a principal motivação declarada, o aproveitamen

INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE

FATORES QUE MAIS INFLUENCIARAM NA DECISÃO DE LOCALIZAÇÃO DO PROJETO NO NORDESTE.

FATORES	INCENTIVOS FEDERAIS				MATÉRIA PRIMA REGIONAL				CONQUISTA DO MERCADO				BAIXO CUSTO DA MÃO DE OBRA				EMPRESÁRIO RADICADO NA REGIÃO				OUTROS E NÃO RES-PONDERAM				
	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	
SITUAÇÃO DE FUNC. E ORIGEM DO																									
ANTIGAS	3	8	4	3	11	11	-	2	-	4	5	3	-	3	6	8	19	3	5	2	3	7	16	15	
. CAPITAL DO NE	1	7	4	3	9	8	-	2	-	4	4	2	-	2	4	6	18	3	4	2	2	6	14	11	
. CAPITAL DE SP	2	1	-	-	1	2	-	-	-	-	1	1	-	-	1	2	-	-	1	-	1	1	1	2	
. CAPITAL DO RP	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	
NOVAS	12	2	3	-	2	11	4	-	-	-	2	4	-	2	4	3	5	2	1	1	-	2	5	13	
. CAPITAL DO NE	4	2	3	-	1	5	3	-	-	-	-	4	-	1	1	2	5	1	1	1	-	1	2	5	
. CAPITAL DE SP	7	-	-	-	-	5	1	-	-	-	1	-	-	-	2	1	-	1	-	-	-	1	3	6	
. CAPITAL DO RP	1	-	-	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
EM IMPLANTAÇÃO	4	3	2	1	3	4	1	2	-	1	-	6	-	1	4	5	3	2	4	-	1	1	1	4	
. CAPITAL DO NE	3	1	2	1	2	3	1	2	-	1	-	5	-	1	1	5	2	2	4	-	1	-	-	1	
. CAPITAL DE SP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	
. CAPITAL DO RP	1	2	-	-	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	3	-	1	-	-	-	-	-	-	2	
TOTAL	19	13	9	4	16	26	5	4	-	5	7	13	-	6	14	16	27	7	10	3	5	10	22	32	

INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE

FATORES QUE MAIS INFLUENCIARAM NA DECISÃO DE LOCALIZAÇÃO DO PROJETO NO NORDESTE.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL.

FATORES	INCENTIVOS FEDERAIS				MATÉRIA PRIMA REGIONAL				CONQUISTA DO MERCADO				BAIXO CUSTO DA MÃO DE OBRA				EMPRESÁRIO RADICADO NA REGIÃO				OUTROS E NÃO RESPONDERAM			
	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º	1º	2º	3º	4º,5º,6º
ANTIGAS	8,3	22,2	11,1	8,3	30,6	30,6	-	5,6	-	11,1	13,9	8,3	-	8,3	16,7	22,2	52,8	8,3	13,9	5,6	8,3	19,5	44,4	50,0
. CAPITAL DO NE	3,3	23,3	13,3	10,0	30,0	26,7	-	6,7	-	13,3	13,3	6,7	-	6,7	13,3	20,0	60,0	10,0	13,3	6,7	6,7	20,0	46,8	36,7
. CAPITAL DE SP	50,0	25,0	-	-	25,0	50,0	-	-	-	-	25,0	25,0	-	-	25,0	50,0	-	-	25,0	-	25,0	25,0	25,0	50,0
. CAPITAL DO RP	-	-	-	-	50,0	50,0	-	-	-	-	-	-	-	50,0	50,0	-	50,0	-	-	-	-	-	50,0	100
NOVAS	63,2	10,5	15,8	-	10,5	57,9	21,1	-	-	-	10,5	21	-	10,5	21,1	15,8	26,3	10,5	5,3	5,3	-	10,5	26,3	68,4
. CAPITAL DO NE	40,0	20,0	30,0	-	10,0	50,0	30,0	-	-	-	-	40,0	-	10,0	10,0	20,0	50,0	10,0	10,0	10,0	-	10,0	20,0	50,0
. CAPITAL DE SP	100	-	-	-	-	71,4	14,3	-	-	-	14,3	14,3	-	-	28,6	-	-	14,3	-	-	-	14,3	42,8	85,7
. CAPITAL DO RP	50,0	-	-	-	50,0	50,0	-	-	-	-	50,0	-	-	50,0	50,0	-	-	-	-	-	-	-	-	100
EM IMPLANTAÇÃO	33,3	25,0	16,7	8,3	25,0	33,3	8,3	16,7	-	8,3	-	50,0	-	8,3	33,3	41,7	25,0	16,7	33,3	-	16,7	8,4	8,4	33,3
. CAPITAL DO NE	37,5	12,5	25,0	12,5	25,0	37,5	12,5	25,0	-	12,5	-	-	-	-	-	-	25,0	25,0	50,0	-	12,5	-	-	12,5
. CAPITAL DE SP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	100	100	100
. CAPITAL DO RP	33,3	66,7	-	-	33,3	33,3	-	-	-	-	-	33,3	-	-	100	-	33,3	-	-	-	-	-	-	66,7
TOTAL	28,4	19,4	13,4	5,3	23,9	38,8	7,5	5,3	-	7,5	10,4	17,3	-	9,0	20,9	21,3	40,3	10,4	14,9	4,0	7,4	14,9	52,9	46,8

to de matéria prima aparece em segundo lugar.

Se a matéria prima local tem grande importância para os investimentos feitos na indústria têxtil do Nordeste após 1960, o mesmo não se pode afirmar do desejo de conquista do mercado regional ou do custo mais baixo da mão de obra no Nordeste relativamente a outras regiões. Nenhuma empresa apontou-os como sendo fatores decisivos. Geralmente são lembrados em 3º ou 4º lugar. Ainda assim 32,5% e 50,3% apresentaram a conquista do mercado regional e o baixo custo, de mão de obra como sendo de alguma importância. Sublinhe-se que a conquista do mercado regional é o fator menos votado independente de se tratar de fábricas antiga, nova ou em instalação. Este indicador corrobora com o perfil de vendas, a ser visto mais à frente, demonstrando que para a grande maioria das empresas o fundamental é o mercado extra-regional, mesmo porque há muito perderam o controle sobre o mercado da região.

## 2.2 - A ORIGEM DO CAPITAL

A questão da origem do capital integralizado pode ser observada levando-se em consideração o número de empresas onde predominam capitais provenientes do Nordeste, do estado de São Paulo, do resto do país ou do exterior. O resultado obtido é o seguinte. Entre as 85 empresas pesquisadas 59 (69,4%) apresentaram capital integralizado predominantemente originário da região Nordeste; 12 (14,2%) de capital integralizado predominantemente de São Paulo e 7 (8,2%) de capital predominantemente do resto do país e 7, (8,2%)<sup>(51)</sup> não responderam a questão. Nenhuma empresa apresenta predominância de capital vindo diretamente do exterior. Estas empresas se

(51) a) O questionário da pesquisa BNB-SUDENE apresenta a participação de capital por "área" de origem, em cada empresa b) As empresas foram classificadas por tamanho segundo o faturamento em 1977, com base em limites estabelecidos pelo Banco do Brasil para cada setor industrial, conforme esclarece Vera Törtesen em "Estrutura do mercado e pequena e média empresa têxtil" de onde extrai aqueles limites.

rão referidas, daqui por diante, como sendo, respectivamente empresas de capital do Nordeste, empresas de capital de São Paulo, empresas de capital do resto do país e empresas que não responderam a questão. Vide quadro.

Quando analisamos a origem do capital integralizado com base na situação de funcionamento das fábricas o resultado é um pouco distinto e a primeira impressão de que "a indústria têxtil do Nordeste é essencialmente de capital da região" deve ser qualificada. São de capital nordestino 70,2% das empresas que estão funcionando normalmente, 61,5% das empresas em instalação, 71,4% entre as que estão funcionando com problemas e 75% das paralisadas. São empresas de São Paulo 19,3% entre as que estão funcionando normalmente, 7,7% das fábricas em instalação e nenhuma está funcionando com problemas ou paralisada. São empresas do resto do país 7,7% entre as que estão funcionando normalmente, 23,1% das fábricas em instalação e nenhuma entre as que funcionam com problemas ou estão paralisadas.

Caso se observe as fábricas em funcionamento normal de forma mais desagregada pode-se constatar que entre as unidades produtivas novas (com projeto de implantação incentivado pela SUDENE) cresce a participação de empresas de capital de fora da região. Enquanto das fábricas antigas 78,9% são caracterizadas como nordestinas entre as novas a participação cai para 52,6%. Por outro lado as fábricas paulistas participam com 10,5% das antigas e 36,8% das novas. Em termos de número de empreendimentos, das 19 fábricas novas em funcionamento normal, 10 são de capital do Nordeste e nove são de capital de fora, 7 de São Paulo e 2 do resto do país.

Em termos de tamanho a situação é a seguinte. Quando se analisa apenas as empresas novas de grande porte, 72,7% são de capitais de fora da região. Entre 11 grandes unidades novas tão somente 3 são de capital nordestino, enquanto as 9 micro e pequenas empresas são todas de capital regional. As empresas de capital forã

NORDESTE INDÚSTRIA TÊXTIL

SITUAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DAS FÁBRICAS INCENTIVADAS

POR ORIGEM DO CAPITAL PREDOMINANTE. 1978

SITUAÇÃO DE FUNCIONAMENTO ORIGEM DO CAPITAL PREDOMINANTE	FUNCIONANDO NORMALMENTE						FUNCIONAN DO COM PRO BLEMAS		EM INSTA LAÇÃO		PARALISADAS		TOTAL	
	TOTAL		ANTIGAS		NOVAS		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%								
NORDESTE	40	70,2	30	78,9	10	52,6	5	71,4	8	61,5	6	75,0	59	69,4
SÃO PAULO	11	19,3	4	10,5	7	36,8	-	-	1	7,7	-	-	12	14,2
RESTO DO PAÍS	4	7,0	2	5,3	2	10,6	-	-	3	23,1	-	-	7	8,2
NÃO RESPONDERAM	2	3,5	2	5,3	-	-	2	28,6	1	7,7	2	25,0	7	8,2
TOTAL	57	100	38	100	19	100	7	100	13	100	8	100	85	100

NORDESTE INDÚSTRIA TÊXTIL

TAMANHO DAS FÁBRICAS NOVAS E ANTIGAS INCENTIVADAS

(EM FUNCIONAMENTO NORMAL EM 1978)

ORIGEM DO CAPITAL PREDOMINANTE	TAMANHO - MICROS			PEQUENAS			MÉDIAS			GRANDES			TOTAL		
	ANTIGAS	NOVAS	TOTAL	ANTIGAS	NOVAS	TOTAL	ANTIGAS	NOVAS	TOTAL	ANTIGAS	NOVAS	TOTAL	ANTIGAS	NOVAS	TOTAL
NORDESTE	3	-	3	4	2	6	6	3	9	17	3	20	30	8	38
SÃO PAULO	-	-	-	-	-	-	1	1	2	3	6	9	4	7	11
RESTO DO PAÍS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	4	2	2	4
TOTAL	3	-	3	4	2	6	7	4	15	22	11	33	36	17	53

NORDESTE - INDÚSTRIA TÊXTIL - 1978

TAMANHO DAS FÁBRICAS NOVAS E ANTIGAS INCENTIVADAS - DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL.

(EM FUNCIONAMENTO NORMAL)

ORIGEM DO CAPITAL PREDOMINANTE	MICRO			PEQUENA			MÉDIA			GRANDE			TOTAL		
	ANTIGAS	NOVAS	TOTAL												
NORDESTE	100,0	-	100,0	100,0	100,0	100,0	85,7	75,0	81,8	77,3	27,3	60,6	83,3	47,1	71,7
SÃO PAULO	-	-	-	-	-	-	14,3	25,0	18,2	13,6	54,5	27,3	11,1	41,2	20,8
RESTO DO PAÍS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9,1	18,2	12,1	5,6	11,7	7,5
TOTAL	100	-	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

neo que instalam unidades produtivas no nordeste são, quase na totalidade, de grande porte. Com uma única exceção, uma fábrica de porte médio, todas as demais são consideradas grandes, das quais 5 pertencem a grupos empresariais que possuem outra unidade produtiva têxtil. Vide quadro

É possível perceber que cresce a participação das empresas de capital de fora quando se passa de fábricas antigas para novas e de fábricas menores para maiores. Finalmente, as empresas indicadas como de capital predominantemente do Nordeste apresentaram participação geralmente elevada de recursos de outras regiões. Isto faz com que a soma de capitais de São Paulo e do resto do país possa, em alguns poucos casos, supere a parcela de capital originário da região. Ainda há que se considerar os recursos do FINOR que não foram contabilizados para nenhuma das quatro áreas de origem do capital e que têm percentual muito elevado de origem extra regional. Todas essas ponderações são no sentido de esclarecer que não existe incongruência entre os dados apresentados nesta seção e os dados do quadro. Neste quadro consta que 39,5% do capital integralizado da indústria têxtil incentivada do Nordeste é originário da Região contra 21,6% de São Paulo, 6,8% do Resto do País, 22,2% do FINOR, 0,5% do Governo e 2,4%, originário diretamente do exterior.

Deve-se assinalar ainda que a estrutura do capital integralizado da indústria têxtil nordestina apresenta uma participação relativamente maior de capital regional do que outros setores regionais, notadamente os ramos dinâmicos. Contudo, mesmo no setor têxtil, quando se observa as novas fábricas, que efetivamente alteram o padrão produtivo, com novos produtos e produtividade diversas vezes superior, a participação de fábricas de capital extra-regional se eleva e passa a ser majoritária entre as grandes.

### 2.3 - A QUESTÃO DO MERCADO

A tabela seguinte traz novos elementos a respeito da questão do mercado para as empresas têxteis situadas no Nordeste. Mesmo para empresas que apontam ter concorrentes sobretudo na região isto não significa disputar o mercado regional. Pelo contrário, competem no mercado nacional, nas mesmas faixas. 73,1% das empresas afirmam ter efetivamente concorrentes na região embora vendam sobretudo para o mercado nacional. Este fato está relacionado com a especialização relativa do setor em alguns segmentos do mercado. Por outro lado, 79,1% e 43,3% das empresas têm respectivamente concorrentes no resto do país e no exterior. Os dados, no entanto, se apresentam de forma bem distinta conforme se tratem de fábricas novas, antigas ou em instalação, apontando para formas diferenciadas de articulação com o mercado nacional.

Entre as fábricas antigas, com uma única exceção, todas as demais (97,2%) afirmam ter concorrentes na região, enquanto 86,1% tem concorrentes no resto do país e 38,9% no exterior. Das fábricas novas, 57,9% tem concorrentes na região, 89,5% no resto do país e 52,6% no exterior. Para as fábricas em instalação, esta questão é menos tangível pois ainda não estão competindo de fato. A maior parte afirma ter concorrentes no país ou no exterior.

A partir destes dados e do perfil de vendas, pode-se inferir que a indústria têxtil do Nordeste compete no mercado nacional, disputando com empresas situadas em diversos estados e regiões, e em menor grau no mercado internacional.

Há porém uma tendência entre as fábricas antigas, onde predomina o capital regional e se apresenta uma maior rigidez e oferta, de atribuir maior importância aos concorrentes regionais. Isto reflete o fato de perceberem que disputam no mercado nacional e regional com empresas da região, boa parte nos mesmos segmentos

INDÚSTRIA TÊXIL DO NORDESTE 1978

LOCALIZAÇÃO DOS CONCORRENTES EFETIVOS

LOCALIZAÇÃO	REGIÃO NE		RESTO DO PAÍS		EXTERIOR		NÃO SABE		NÃO TEM		NÃO RESPONDERAM	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
FÁBRICAS												
. ANTIGAS	35	97,2	31	86,1	14	33,9	-	-	-	-	-	-
. CAPITAL DO NE	29	96,7	25	83,3	10	33,3	-	-	-	-	-	-
. CAPITAL DE SP	4	100	4	100	2	500	-	-	-	-	-	-
. CAPITAL SO RP	2	100	2	100	2	100	-	-	-	-	-	-
. NOVAS	11	57,9	17	89,5	10	52,6	1	5,3	2	10,5	-	-
. CAPITAL DO NE	8	80,0	9	90,0	5	50,0	1	10,0	1	10,0	-	-
. CAPITAL DE SP	2	28,6	6	85,7	3	42,9	-	-	1	14,3	-	-
. CAPITAL DO RP	1	50,0	2	100	2	100	-	-	-	-	-	-
. EM IMPLANTAÇÃO	3	25,0	5	41,7	5	41,7	-	-	-	-	6	50,0
. CAPITAL DO NE	2	25,0	3	37,5	3	37,5	-	-	-	-	4	50,0
. CAPITAL DE SP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100
. CAPITAL DO RP	1	33,3	2	66,7	2	66,7	-	-	-	-	1	33,3
TOTAL	49	73,1	53	79,1	29	43,3	1	1,5	2	3,0	6	9,0

de mercado.

As fábricas novas, com estrutura produtiva mais diversificada, participam de outra forma no mercado nacional. Competem sobretudo com empresas de fora da região. Parte delas competem não como fábricas isoladas, porém como unidades de um grupo empresarial. Vejamos como fica esta questão quando desagregamos o grupo segundo a origem do capital.

Entre as fábricas antigas, independentemente de serem seus capitais predominante de fora ou de dentro da região, quase a totalidade afirma ter concorrentes no Nordeste. No entanto o percentual das empresas de capital do Nordeste que afirma ter concorrentes no resto do país ou no exterior é inferior ao de empresas de São Paulo ou do resto do país.

Diferente é a situação entre as fábricas novas onde a origem do capital é fundamental na identificação de concorrentes. Das empresas de capital nordestino, 80% assinalam ter concorrentes na região e 90% no resto do país, enquanto apenas 33,3% das fábricas novas de capital extra-regional afirmam ter concorrentes no Nordeste. Este dado parece indicar que as fábricas novas de capital nordestino tendem a apresentar menor diversificação produtiva ou, em outro caso, menor sofisticação tecnológica que as aproxima mais das fábricas antigas, por toda uma série de fatores relacionados a questão da incorporação de tecnologia.

A diferenciação entre fábricas antigas e novas, em termos de segmentos de mercado em que atuam, é indicada pelos estudos da SUDENE já em 1971, quando se afirma que as novas fábricas por conta da diversificação produtiva atenderiam novas faixas de mercado. As antigas, em sua maior parte, não tinham alterado significativamente suas linhas de produção. É possível que as fábricas novas de capital regional, encontrem-se num estágio intermediário no que tange à tecnologia e à diversificação produtiva, admitindo-se contudo a existência de fábricas bastante diferenciadas dentro de cada grupo.

O fato das fábricas novas de capital regional comprarem mais insumos no Nordeste do que as de capital de fora da região pode ser um indicativo de linhas de produção ou de tecnologias distintas.

A questão da inserção no mercado têxtil nacional pode ser analisada a partir de outros elementos. Quando se observa a política de fixação de preços das empresas têxteis incentivadas verifica-se, entre aquelas em funcionamento normal em 1978, que 54,5% levam em consideração o preço dos concorrentes. Destes 54,5%, 73,3% informam que o concorrente relevante nesta decisão encontra-se na própria região, 76,7% no Sudeste, 43,3% no Resto do País e apenas 13,3% no Exterior. ( Vide quadro)

Caso se observe de forma mais desagregada, pode-se chegar a uma constatação semelhante àquela assinalada em relação aos "concorrentes efetivos" das fábricas. Ou seja: para as fábricas antigas, os concorrentes da região têm peso mais significativo do que os localizados no Sudeste enquanto as fábricas novas identificam sobretudo as concorrentes do SUDESTE como relevantes na fixação do preço. Das fábricas antigas que levam em consideração os preços dos concorrentes, 90,9% tomam por base concorrentes na região e 72,7% as do Sudeste. Entre as fábricas novas apenas 25% tomam por base os concorrentes da região enquanto 87,5% indicam empresas do Sudeste. Este resultado mostra que apesar da indústria têxtil do Nordeste como um todo estar bem articulada no mercado nacional, existe uma diferenciação na forma. As fábricas antigas, seja porque destinam parcela razoável de produção para a região, seja porque atuam basicamente nos mesmos segmentos de mercado, tendem a identificar mais claramente seus concorrentes na região. A explicação pode estar fortemente associada ainda aos velhos canais de distribuição, à relação com os intermediários que em muitos casos barganham com diversas fábricas da região. No caso das fábricas novas a concorrência se dá de forma mais direta com empresas de fora da região.

INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE 1978

LOCALIZAÇÃO DOS CONCORRENTES PARA AS EMPRESAS QUE LEVAM  
EM CONSIDERAÇÃO OS CONCORRENTES NA FIXAÇÃO DO PREÇO\*

LOCALIZAÇÃO FÁBRICAS	NORDESTE		SUDESTE		RESTO DO PAÍS		EXTERIOR		NÃO RESPONDERAM		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
ANTIGAS	20	90,9	16	72,7	1	45,5	2	9,1	-	-	22
. CAPITAL DO NE	18	90,0	14	70,0	9	45,0	2	10,0	-	-	20
. CAPITAL DE SP	1	100	1	100	-	-	-	-	-	-	1
. CAPITAL DO RP	1	100	1	100	1	100	-	-	-	-	1
NOVAS	2	25,0	7	87,5	3	37,5	2	25,0	-	-	8
. CAPITAL DO NE	1	25,0	4	100,0	2	50,0	1	25,0	-	-	2
. CAPITAL DE SP	-	-	1	50,0	-	-	-	-	1	50,0	2
. CAPITAL DO RP	1	50,0	2	100,0	1	50,0	1	50,0	-	-	2

\* As fábricas puderam apontar os concorrentes em mais de uma "área".

Avançando ainda na questão da articulação com o mercado nacional iremos tratar em seguida do perfil das vendas da indústria têxtil incentivada do Nordeste, restringindo-nos às fábricas em funcionamento normal, observando o percentual de vendas que destinam para quatro áreas: Nordeste, São Paulo, Resto do País e Exterior. Vide quadro a seguir.

Um primeiro dado, em uma visão conjunta das fábricas, é o de que cerca de 54% delas ou não destinam nenhuma unidade de produto ou destinam no máximo 20%, para o mercado regional. Este percentual sobe para mais de 75% quando se trata de fábricas que não vendem mais de 40% da produção para o mercado nordestino. Isso significa que para cerca de 3/4 das fábricas situadas no Nordeste o mercado extra-regional é mais importante que o regional. No extremo oposto, cerca de 9% vendem mais de 80% da produção para a região. ( Vide quadro )

De maneira geral, as fábricas têxteis incentivadas, em funcionamento normal em 1978, destinavam a maior parcela da produção para fora da região, seja para São Paulo, para o Resto do País ou para o Exterior. Para exemplificar, um maior número delas vendia acima de 40% da produção para São Paulo do que para o Nordeste. Em torno de 47% das fábricas destinam mais do que 40% da produção para aquele estado contra cerca de 18% para o mercado nordestino. 10,9% das fábricas vendem mais de 80% da produção para São Paulo.

Observando separadamente os grupos de fábricas novas e antigas o resultado é o seguinte. Entre as novas mais de 25% nada vendem para a região. Eram cinco unidades novas entre dezenove que estavam funcionando normalmente em 1978 que destinavam toda produção para fora do Nordeste, situação bem diferente das 36 fábricas antigas em que apenas uma, representando 2,8% nada vendia para a região Nordeste.

Por outro lado existe uma parcela de fábricas novas e antigas para as quais o mercado regional é fundamental. 10,5% das fábricas novas e 22% das antigas destinam a maior parte das vendas

## NORDESTE: INDÚSTRIA TÊXTIL

## FÁBRICAS EM FUNCIONAMENTO NORMAL EM 1978

## DESTINO DAS VENDAS %

DESTINO \ % DE VENDAS	0 %	Atê 20%	Atê 40%	Mais de 40%	Mais de 60%	Mais de 80%	Não Responderam
NORDESTE	10,9	54,5	76,3	20,0	78,2	9,1	3,7
SÃO PAULO	9,1	27,3	50,9	47,2	14,5	10,9	9,1
RESTO DO PAÍS	10,9	52,7	85,4	10,9	3,6	1,8	3,7
EXTERIOR	52,7	81,8	87,3	9,1	9,1	3,6	3,6

(acima de 60%) para o Nordeste, são oito unidades fabris antigas e duas novas voltadas para o mercado regional.

Para a ampla maioria das empresas o mercado regional é de importância apenas complementar ao mercado nacional. Não vendem essencialmente para o Nordeste porém este mercado representa parcela não desprezível no total das vendas. Assim 65,4% das fábricas escoam entre 1 e 40% do seu produto para a região e 43,6% entre 1 e 20%. Se somarmos o número de fábricas que vendem mais de 20% para o Nordeste obteremos um percentual de cerca de 45%. Para estas unidades produtivas o mercado da região cumpre papel importante.

Quanto ao mercado externo, cerca de 47% das fábricas destinam alguma parcela de sua produção para o exterior. No entanto, um número muito reduzido está, de fato, concentrando esforços no mercado externo. Para o resto do país a ampla maioria das empresas efetuam algumas vendas, cerca de 90% das fábricas, sem que parcela significativa destine mais de 40% do total da produção. ( Vide quadro )

Com base nos vários dados apresentados, poderemos afirmar que: 1) a indústria têxtil do Nordeste está voltada essencialmente para o mercado nacional. 2) Para boa parte das fábricas, o mercado nordestino tem peso considerável neste mercado nacional. 3) O mercado paulista é responsável pela absorção de grande parte da produção. Cerca de metade das fábricas vende mais de 40% da produção para aquele estado. São Paulo se destaca em relação ao número de empresas que destinam acima de 40% da produção para uma das quatro áreas de destino. 4) Um número considerável de fábricas depende essencialmente de apenas uma das quatro áreas de mercado. Isto pode ser observado a partir das fábricas que destinam mais de 60% da produção para apenas uma das áreas. Encontram-se nesta situação 45,4% das fábricas, distribuídas da seguinte forma: 18,2% delas vendem mais de 60% da produção para o Nordeste; 14,5% para São Paulo; 3,6% para o Resto do País e 9,1% para o Exterior. 5) A mesma análise tomando por

NORDESTE. INDÚSTRIA TÊXTIL INCENTIVADA  
 DESTINO DA PRODUÇÃO. PERCENTUAL DE FÁBRICAS  
 QUE VENDEM PARA: I NORDESTE

PERCENTUAL DAS VENDAS	ANTIGAS				NOVAS				ANTIGAS X NOVAS*
	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	TOTAL
0	2,8	33,3	-	-	26,3	30,0	28,6	-	10,9
1 - 20	47,2	43,3	75,0	50,0	36,8	20,0	57,1	50,0	43,6
21 - 40	22,2	20,0	25,0	50,0	21,1	20,0	14,3	50,0	21,8
41 - 60	2,8	3,3	-	-	-	-	-	-	1,8
61 - 80	13,9	16,7	-	-	-	-	-	-	9,1
81 - 100	8,3	10,0	-	-	10,5	20,0	-	-	9,1
NÃO RESPONDERAM	2,8	3,3	-	-	5,3	10,0	-	-	3,7
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100

NORDESTE - INDÚSTRIA TÊXTIL - FÁBRICAS ANTIGAS E NOVAS

DESTINO DA PRODUÇÃO: PERCENTUAL DE FÁBRICAS

QUE VENDEM PARA: II SÃO PAULO.

PERCENTUAL DE VENDAS	ANTIGAS				NOVAS				TOTAL
	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	
0	8,3	10,0	-	-	10,5	20,0	-	-	9,1
1 - 20	27,8	30,0	-	50,0	26,3	30,0	14,3	50,0	27,3
21 - 40	16,7	13,3	50,0	-	10,5	20	-	-	14,5
41 - 60	33,3	30,0	50,0	50,0	31,6	10,0	57,1	50,0	32,7
61 - 80	5,6	6,7	-	-	-	-	-	-	3,6
81 - 100	8,3	10,0	-	-	15,8	10,0	28,6	-	10,9
NÃO RESPONDERAM	-	-	-	-	5,3	10,0	-	-	9,1
TOTAL	100	100	100		100	100	100	100	100

NORDESTE - INDÚSTRIA TÊXTIL - FÁBRICAS ANTIGAS E NOVAS

DESTINO DA PRODUÇÃO. PERCENTUAL DE FÁBRICAS QUE VENDEM PARA:

III RESTO DO PAÍS

PERCENTUAL DE VENDAS	ANTIGAS				NOVAS				TOTAL
	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	
0	8,3	10,0	-	-	15,8	20,0	14,3	-	10,9
1 - 20	44,4	40,0	50,0	100,0	36,8	40,0	28,5	50,0	41,8
21 - 40	38,9	43,4	25,0	-	21,0	10,0	42,9	-	32,7
41 - 60	2,8	3,3	-	-	15,8	20,0	14,3	-	7,3
61 - 80	2,8	-	25,0	-	-	-	-	-	1,8
81 - 100	-	-	-	-	5,3	-	-	50,0	1,8
NÃO RESPONDERAM	2,8	3,3	-	-	5,3	10,0	-	-	3,7
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	

NORDESTE - INDÚSTRIA TÊXTIL - FÁBRICAS ANTIGAS E NOVAS

DESTINO DA PRODUÇÃO. PERCENTUAL DE FÁBRICAS QUE VENDEM PARA:

IV EXTERIOR

PERCENTUAL DE VENDAS	ANTIGAS				NOVAS				TOTAL
	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	
0	58,3	56,7	75,0	50,0	42,1	40,0	42,9	50,0	52,7
1 - 20	27,8	33,3	-	-	31,6	20,0	42,9	50,0	29,1
21 - 40	2,8	-	25,0	-	10,7	20,0	-	-	5,5
41 - 60	-	-	-	-	-	-	-	-	-
61 - 80	5,5	6,7	-	-	5,3	-	14,2	-	5,5
81 - 100	2,8	-	-	50,0	5,3	10,0	-	-	3,6
NÃO RESPONDERAM	2,8	3,3	-	-	5,3	10,0	-	-	3,6
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100

base 80% das vendas de cada fábrica para um só mercado revela: 25% das fábricas encontram-se nesta situação sendo que 9,1% delas vendem mais de 80% da produção para o Nordeste, 10,9% delas, para São Paulo, 1,8% para o Resto do País e 3,6% para o Exterior.

Quando se leva em consideração a origem predominante do capital das empresas dentro dos grupos de fábricas novas e antigas o destino das vendas se apresenta da seguinte forma: em primeiro lugar, entre as fábricas antigas, nenhuma de capital de fora da região vende mais de 40% da produção para o Nordeste. Já entre aquelas de capital nordestino cerca de 1/3 vende acima deste percentual para a própria região. Por outro lado, 26,7% das fábricas antigas de capital nordestino destinam mais de 60% das vendas para o mercado da região. Entre as fábricas novas, de capital nordestino, encontramos três, representando 30% delas, que nada vendem para a região. Duas (20%) vendem no máximo 20%, e outras duas acima de 40%. Os dados mostram, portanto, que estas fábricas se posicionam de formas bastante distintas em relação ao mercado nordestino.

A uniformidade é maior quando se trata de unidades fabris de capital de fora da região antigas ou novas. Para estas, o mercado nordestino não tem maior importância pois ou não vendem para este mercado ou no máximo destinam-lhe 20% da produção. Como conclusão, podemos considerar que a origem do capital é uma variável importante, associada à linha de produção, na questão do destino das vendas mesmo quando constatamos que todos os sub-grupos aqui tratados vendem a maior parcela de sua produção para fora da região.

De maneira geral, e em média, as empresas têxteis localizadas no Nordeste têm menor interesse específico no mercado regional, direcionando sua produção para outras áreas onde se destaca o mercado paulista. As empresas de capital de fora, tanto as fábricas novas como as antigas, têm ainda menor interesse no mercado nordestino. Vendem para o mercado nacional, no qual o Nordeste representa parcela relativamente reduzida. Com isto, após todo o processo

de modernização da indústria têxtil nordestina se acentua o "desajuste" entre a estrutura da oferta e da demanda regional, um dos problemas a serem corrigidos, de acordo com os objetivos explicitados, pelo programa de reequipamento de indústria têxtil do Nordeste. Isto demonstra que mais do que o obsoletismo dos equipamentos, anunciado nos primeiros documentos, é o processo de integração dos mercados o determinante deste "desajuste" que convém ser chamado de "especialização" do parque têxtil da região. Afirmava-se no início dos anos 60 que a inadequação da oferta e demanda de produtos têxteis seria um dos principais motivos da decadência deste setor. Isto pode ser correto no sentido de que a articulação comercial entre as regiões e a integração do mercado têxtil relegou para a região as faixas de mercado menos dinâmicas, por falta de competitividade da têxtil regional. No entanto, sobretudo na etapa da "integração econômica", o setor têxtil do Nordeste pode crescer e modernizar-se sem maiores vínculos com o mercado regional, dada a "especialização" citada. Verifica-se uma ampla modernização deste setor, inclusive com a implantação de modernas fábricas que elaborem fios e tecidos de melhor qualidade. No entanto longe de significar uma adequação entre as estruturas de oferta e de demanda regional, representa o aprofundamento da divisão regional do trabalho no setor, com as novas unidades produtivas, de maneira geral, "exportando" mais do que as antigas. Esta estrutura resultante da indústria têxtil do Nordeste decorre de um movimento maior de integração econômica do Nordeste ao processo de acumulação a escala nacional comandado pelo centro econômico, instalando-se no Nordeste um parque industrial complementar e dependente que reforça os laços comerciais.

## 2.4 - A ORIGEM DOS INSUMOS

Outro aspecto fundamental a respeito da vinculação da indústria têxtil nordestina com a economia nacional refere-se à origem dos insumos utilizados pelo setor. Afinal, a acentuada dependência de insumos extra-regionais tem sido um dos pontos mais críticos da industrialização recente do Nordeste. Em 1977, quase a metade (48%) dos insumos adquiridos pela indústria incentivada do Nordeste não foram produzidos na região. Os setores dinâmicos, exatamente os mais incentivados e que obtiveram maior expansão, apresentaram coeficientes bem mais elevados do que a média da indústria nordestina: (52) ✓

SETORES	PERCENTUAL DE INSUMOS DE FORA DA REGIÃO, EM 1977.
Material Elétrico	90%
Material Plástico	83%
Material de Transporte	80%
Mecânica	80%
Metalúrgica	70%
Farmacêutica	57%
Química	56%

Com base em informações sobre a importação de insumos por parte da indústria nordestina, particularmente dos setores não tradicionais, diversos autores têm criticado o que seria o "fraco poder de difusão de efeitos dinâmicos sobre o próprio Nordeste do crescimento industrial das últimas décadas, e a sua débil ligação em muitos casos, à base de recursos da região". (53)

(52) Cf. TANIA BACELAR em "Crescimento Industrial no Nordeste... "Op. Cit.

(53) Idem; os dados do quadro acima também foram extraídos deste artigo.

A nossa posição é de que, diante do processo de integração econômica, a avaliação dos efeitos dinâmicos da industrialização do Nordeste sobre a economia da região não pode ignorar a outra face deste movimento de integração, configurado pelas exportações da indústria incentivada para o mercado nacional, principalmente, quando a dinâmica de crescimento da economia nordestina está tão estreitamente relacionada com a expansão da economia brasileira. Contudo essa questão já foi discutida em outro trecho desa dissertação...

No caso do setor têxtil e de outros segmentos tradicionais da indústria nordestina os coeficientes de importações regionais de insumos eram bem inferiores, situando-se em 24% no ramo têxtil, 21% no ramo alimentar e 23% no ramo de couros e peles. São setores instalados há muito tempo na região e que contam com ampla base de matéria-prima.

Observando o comportamento das empresas têxteis nordestinas em 1977 é possível verificar que a maior parte delas utilizava essencialmente insumos produzidos no Nordeste. Algo em torno de 70% das fábricas instaladas na região ali compravam mais de 60% dos insumos. Além disso, para quase a metade (47,3%) o percentual de compras na região era superior a 80%. Outras unidades produtivas, em número reduzido, entretanto, não se utilizam de insumos da região, adquirindo-os nos mercados nacional e internacional. Eram duas fábricas, de capital predominantemente nordestino, (uma nova e outra antiga), representando 3,6% das unidades em funcionamento normal em 1978. ( Vide quadro )

O Nordeste, claramente, constituía-se no supridor de maior relevância para a indústria têxtil regional, em razão de possuir em abundância matéria-prima natural e sintética. As demais áreas de fornecimento de insumos na pesquisa BNB-SUDENE (São Paulo, Resto do país e Exterior) eram importantes para o suprimento de apenas uma pequena parcela de fábricas. A esse respeito assinala-se

NORDESTE: INDÚSTRIA TÊXTIL

FÁBRICAS EM FUNCIONAMENTO NORMAL EM 1978 - ORIGEM DOS INSUMOS

ORIGEM DO CAPITAL INTEGRALIZADO	INTERVALOS DE ORIGEM DOS INSUMOS						
	0	ATÉ 20%	ATÉ 40%	MAIS DE 40%	MAIS DE 60%	MAIS DE 80%	
Nordeste (NE)	3,6	12,7	21,8	74,6	69,1	47,3	3,6
São Paulo (S.P.)	27,3	69,1	85,5	10,9	10,9	7,3	3,6
Resto do País (RP)	45,5	92,8	92,8	3,6	3,6	1,8	3,6
Exterior (EXT.)	81,8	92,78	94,5	7,8	7,8	0,0	3,6

que: 74,6% das fábricas em funcionamento normal em 1978 adquiriam mais de 40% dos insumos no Nordeste contra 10,9% de fábricas que compravam mais de 40% dos insumos em São Paulo. No Exterior e no Resto do País tão somente 3,6% e 1,8% das fábricas, respectivamente, dispendiam mais de 40% dos gastos com insumos. Evidencia-se, desta forma, a posição de relêvo da própria região no abastecimento de insumos para seu parque têxtil.

Contudo é importante perceber que as demais áreas, sobretudo São Paulo, complementavam o suprimento de matéria-prima e outros insumos para uma parcela grande de fábricas instaladas no Nordeste, com 58,2% destas adquirindo naquele estado entre 20 e 40% dos insumos. O Resto do País e o Exterior têm menor participação do que São Paulo. Ao Resto do País não havia, em 1977, nenhuma fábrica nordestina que comprasse acima de 20% dos insumos. Ao Exterior, somente 14,5% das fábricas compravam algum insumo, a maioria dispendendo menos de 20% dos gastos com este item. Encontra-se, porém, uma fábrica que comprava entre 61 a 80% dos insumos ao Exterior.

O papel preponderante da região como fonte de insumos para sua indústria têxtil não encobre o fato de que o Programa Têxtil contribuiu para reduzir a vinculação desse setor com a base regional de matéria-prima e de outros insumos, com a produção de novos bens, a partir da modernização das fábricas antigas e sobretudo da implantação de novas, exigindo maior diversidade de fibras e de outros componentes. Isso é facilmente constatado quando se observa que as fábricas novas, que mais contribuirão para a diversificação produtiva da têxtil nordestina, utilizavam menos insumos regionais do que as antigas. Em 1977, 52,7% das fábricas novas e 75% das fábricas antigas compravam mais de 60% dos insumos na região. Por outro lado, 31,5% das unidades novas adquiriam menos de 40% de insumos no Nordeste contra 16,7% das fábricas antigas que se encontravam em igual situação.

NORDESTE: INDÚSTRIA TÊXTIL INCENTIVADA - 1977

PERCENTUAL DE FÁBRICAS ANTIGAS E NOVAS EM FUNCIONAMENTO NORMAL QUE COMPRAM INSUMOS NO NORDESTE, POR INTERVALO DE ORIGEM DOS INSUMOS E SEGUNDO ORIGEM DO CAPITAL.

FÁBRICAS INTERVALO DE ORIGEM DOS INSUMOS	ANTIGAS				NOVAS				TOTAL
	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	TOTAL	CAPITAL DO NORDESTE	CAPITAL DE SÃO PAULO	CAPITAL DO RESTO DO PAÍS	
0	2,8	3,3	-	-	5,2	10,0	-	-	3,6
1 - 20	11,1	13,3	-	-	5,2	10,0	-	-	9,1
21 - 40	2,8	3,3	-	-	21,1	10,0	42,9	-	9,1
41 - 60	2,8	3,3	-	-	10,5	-	14,3	50,0	5,5
61 - 80	30,6	26,7	50,0	50	5,3	-	14,3	-	21,8
81 -100	47,2	46,7	50,0	50	47,4	60,0	28,6	50,0	47,3
NÃO RESPONDERAM	2,7	3,3	-	-	5,3	10,0	-	-	3,6

Cabe assinalar que em ambos os grupos a região Nordeste é, com larga diferença, a principal fornecedora de insumos. Entre as novas a situação era a seguinte em 1977: Cerca de 69% delas compravam mais de 60% dos insumos no Nordeste, 10,9% em São Paulo, 5,3% no Resto do País e nenhuma no Exterior. Um outro dado é o de que São Paulo, tanto para o grupo de fábricas novas quanto para o de antigas, aparecia como a segunda área em importância no suprimento de insumos. Com relação ao Exterior, as fábricas novas compravam mais insumos do que as antigas, embora 68,4% daquelas não comprassem insumos ao Exterior.

Observando-se a proveniência dos insumos de acordo com a origem do capital predominante das empresas, dentro dos grupos de fábricas antigas e novas, o resultado é o que se segue: todas as fábricas antigas de capital predominantemente extra-regional adquirem mais de 60% dos insumos no Nordeste; entre as de capital predominantemente nordestino, 78% se encontravam nesta situação. Com as fábricas novas acontecia fenômeno interessante. Aquelas de capital nordestino estavam concentradas no intervalo superior, com mais de 80% dos insumos adquiridos na região. Contudo, uma parcela não desprezível, representando 30% estas fábricas, comprava relativamente pouco na região. Por outro lado, as fábricas novas cujo capital integralizado era predominantemente originário de fora da região apresentavam percentual menor de unidades que compravam mais de 80% de insumos no Nordeste. No entanto, nenhuma comprava parcela inferior a 20%. Vide quadro a seguir.

Em resumo, a indústria têxtil nordestina apresentava em 1977 participação elevada de insumos adquiridos na região em razão da importância que para ela tem a base regional de matéria-prima, sobretudo o algodão. Além disto, a implantação da indústria de fibras sintéticas, com unidades produtivas em alguns estados da região, corre para reduzir a necessidade importação de insumos. Ainda as

sim, a implantação de novas fábricas, particularmente de capital de fora da região, elevaria a saída de recursos para aquisição de insumos, certamente em razão dos novos tipos de bens que passam a ser produzidos.

## CONCLUSÕES

A indústria têxtil do Nordeste apresentou uma evolução problemática desde a crise econômica de 1929 até o final da década de 70, período dessa dissertação. Esta evolução é marcada pela integração do mercado nacional onde se pode distinguir duas fases. Na primeira a aproximação econômica das regiões Nordeste e Sudeste foi caracterizada pelo maior intercâmbio comercial, em que as empresas mais dinâmicas destinavam parcela crescente da produção a mercados extra-regionais. Esta fase foi denominada por Leonardo Guimaraes, de "articulação comercial".

É a partir de São Paulo que são emanados os principais determinantes do processo de integração dos mercados em razão do intenso crescimento da produção industrial e da renda interna que, de um lado, estimula a conquista de novos mercados pelas empresas paulistas e, de outro, amplia as possibilidades de vendas naquele estado para a produção nordestina e de outras regiões.

Na segunda fase, denominada "Integração Econômica", a transferência de capital das regiões Sudeste e Sul para o Nordeste via incentivos fiscais (artigos 34/18 e FINOR) resulta na modernização da indústria têxtil nordestina, com a implantação de novas fábricas e modernização de antigas, modificando substancialmente o perfil proutivo deste setor na região.

Na fase da "articulação comercial" a indústria têxtil do Nordeste foi fortemente atingida pelo maior intercâmbio de têxteis entre as regiões, dentro do processo de integração de mercado nacional. As fábricas localizadas no Nordeste aumentam a parcela da produção destinada a outras regiões na medida em que o mercado nordestino que até então lhes era cativo passava a ser crescentemente invadido por manufaturas do chamado Centro-Sul. Ao mesmo tempo, o crescimento da renda no Sudeste e, particularmente, em São Paulo abria um mercado bastante atrativo.

Até 1950 o processo de integração dos mercados não afetaria duramente a têxtil nordestina pois o acirramento da competição intra-setorial ainda não se verificaria. Isto é explicado pelo fato do mercado ser suficientemente amplo para garantir espaço às indústrias regionais, em razão do processo de substituição de importação, *stritus sensu*, e da impossibilidade de importar equipamentos necessários a ampliação da capacidade produtiva durante o período da segunda grande guerra.

O término da 2ª guerra significa a perda quase total das exportações têxteis nacionais, que caem de 26 mil toneladas de tecidos de algodão em 1943 (ano de maior volume exportado) para 16 mil em 1946, atingindo tão somente 1,3 t em 1950. As importações de equipamentos, por outro lado, cresciam rapidamente passando de 1,3 t em 1943 para 26 mil toneladas em 1946. Com isto modernizou-se e ampliou-se a capacidade do parque têxtil nacional em um momento de retração das exportações.

Na década de 50, com a rodovia Rio-Bahia, estabelecem-se condições para penetração mais acentuada, no mercado nordestino, de bens produzidos no Sudeste. A partir daí começam a se manifestar os efeitos de destruição sobre o parque têxtil do Nordeste.

Em seguida são discutidas importantes transformações que estão ocorrendo no mercado têxtil nacional no limiar dos anos 60. Tais transformações são fundamentais na trajetória da indústria têxtil nordestina pelo fato de introduzirem novos elementos que balizam a competição no setor.

Um aspecto é o do rápido desenvolvimento do conhecimento técnico disponível para o setor têxtil. Este setor, tido como uma das atividades que menos conhecimentos técnicos requeriam se defronta com intensas mudanças no campo tecnológico. A partir dos anos 50, em termos mundiais, o conhecimento para o setor se tornaria mais sofisticado. Com a feira de Hannover, em 1963, abriu-se largas perspectivas para o aumento da produtividade e diversificação produtiva. O avanço mais significativo foi a disseminação das fibras sinteti

cas com reflexos sobre o progresso tecnológico, levando a duplicação ou mesmo triplicação da produtividade. A fibra sintética não só apresentava custo cada vez mais reduzido como também abria oportunidade para lançamento de novos produtos.

O significado do avanço no conhecimento técnico é que ele concorreu para um maior distanciamento entre as fábricas capitalizadas e as não capitalizadas, aguçando a heterogeneidade do setor têxtil nacional, com repercussões regionais. A questão é que a incorporação das inovações requereria investimentos elevados e as empresas ou não possuíam estes recursos ou não estavam dispostas a incorrer em despesas de tal magnitude. O fato é que a adoção de parcela significativa das inovações representaria a alteração dos dados básicos das fábricas, elevando significativamente a produtividade.

No Brasil as inovações vão sendo incorporadas em ritmo lento e irregular a partir da década de 60 e em grande parte restringiu-se às unidades produtivas mais capitalizadas, localizadas nos principais centros urbanos. Com isto, enquanto algumas fábricas têm acesso a novas faixas de mercado, em rápida expansão, por conta da sofisticação do consumo e do crescimento urbano, as fábricas obsoletas permaneceram atendendo a demanda por produtos de menor rentabilidade. A convivência no mercado entre fábricas modernas e obsoletas é possível na medida em que as últimas tinham suas maquinarias já depreciadas e amortizadas, resultando em custos médios de produção não muito diferentes dos encontrados nas fábricas modernas. Aponta-se também que com o avanço tecnológico e a diversificação produtiva a competição no mercado têxtil tendeu a se intensificar por outros meios além da competição em preço, como o desenvolvimento de Marketing e de canais de exportação, utilização de marcas de ampla aceitação, integração vertical e mesmo a regionalização de certas fases da produção.

Ao lado dos avanços tecnológicos são fundamentais na evolução do setor têxtil nacional as profundas mudanças por que passa

a economia brasileira entre 1956-61, com a instalação dos segmentos pesados dos departamentos de bens de produção e de consumo duráveis. O novo padrão de acumulação instaurado tem amplas repercussões sobre o setor têxtil na medida em que resultou em rápida elevação da renda interna e na modernização e diversificação dos setores de bens de consumo não duráveis. A industrialização pesada, com seus reflexos em termos de modernização do país estimula o reequipamento da indústria têxtil no sentido de incorporar parceladas inovações tecnológicas. A rápida elevação no consumo de fibras sintéticas no país, com taxa média anual de 20% entre 1963 e 1969 é indicador do progresso técnico ocorrido no período. Enquanto o consumo industrial de algodão subiu 7,8% entre 1963 e 1970, o de fibra sintética cresceu 660%.

A industrialização pesada é importante também para criar bases materiais para uma nova modalidade de relacionamento de economia do Sudeste com as demais regiões do país, delineando um processo de integração produtiva. A mudança da política do Governo Federal para o Nordeste, com a política de desenvolvimento da SUDENE, particularmente com a instituição dos incentivos fiscais, propiciaria a transferência de capital do Centro-Sul para o Nordeste, traduzindo-se em investimentos volumosos que transformariam o perfil industrial da região e intensificaria sua relação com o centro da economia brasileira.

A partir daí a indústria nordestina passou a apresentar taxas de crescimento do produto e de Formação Bruta de Capital Fixo bastante elevados e, em média, acompanhando de perto a performance da economia brasileira. Os investimentos realizados provocaram o surgimento da "nova indústria" do Nordeste, em que teve grande importância a modernização do setor têxtil da região.

Com a SUDENE instituiu-se o programa têxtil do Nordeste que teve duas fases bem demarcadas. Na primeira pensava-se no desenvolvimento do setor com base na atualização do parque fabril existente, sem transformações de maior vulto, objetivando torná-lo

mais competitivo e com isto se contrapor ao movimento de perda do mercado regional para as empresas do Centro Sul. A política de modernização do setor têxtil tem, nesta fase, forte conotação de política de substituição regional de importações, de base semelhante a da proposta do GTDN. A transformação da indústria têxtil regional é limitada pela própria incapacidade do setor de demarrar um processo de investimento massivo tendo em vista a descapitalização de algumas empresas e o reduzido interesse por parte de outras. Na segunda fase, na qual foi aberta a possibilidade de implantação de fábricas, as transformações no setor têxtil nordestino passaram a ocorrer rapidamente, com as novas fábricas introduzindo novos produtos e incorporando parcela dos avanços tecnológicos que se tornaram disponíveis para o setor.

Neste movimento acentua-se a integração do setor têxtil regional à economia nacional tanto em termos dos vínculos de compra e venda quanto no aspecto da desregionalização do capital integralizado das empresas. As fábricas novas, 19 em funcionamento normal em 1978 (outras 13 em implantação), mais do que as antigas, estão articuladas com o mercado nacional mesmo considerando que, de maneira geral, o destino da produção de ambos os tipos de fábricas seja o mercado de fora da região. Uma outra característica da nova indústria têxtil nordestina é que as fábricas onde predomina capital extra-regional são mais articuladas com a economia nacional no que se refere a compra de insumos e destino da produção.

Quanto à origem do capital integralizado das empresas têxteis do Nordeste percebe-se que ainda tem peso considerável o capital regional, dada a presença representativa de fábricas antigas. Cerca de 40% do capital integralizado no setor têxtil nordestino é originário da região, contra 21,6% de São Paulo, 6,8% do resto do país, 22,2% do FINOR, 0,5% do Governo e 2,4%, diretamente do exterior.

Em termos de número de fábricas, em 70% entre as que estão em funcionamento normal predomina capital da região, em 19,5%

capital de São Paulo e em 7,0% capital do resto do país.

Quando observa-se as fábricas novas, a participação de empresas de capital predominantemente extra-regional cresce e passa a ser majoritária entre as de grande porte. São de capital de fora da região 47,3% das fábricas novas e mais de 70% (54,5% de São Paulo e 18,2% do resto do país) das fábricas novas de grande porte.

Em síntese, apesar da heterogeneidade do setor, onde se diferenciam fábricas antigas e novas, de capital regional e extra-regional, a indústria têxtil do Nordeste ao final dos anos 70 apresentava-se fortemente articulada à economia nacional, como do resto, a indústria nordestina como um todo, exigindo que tanto as avaliações sobre o desempenho recente como as proposições para o desenvolvimento coloquem claramente a questão da vinculação com a dinâmica econômica brasileira. Isto significa que a repercussão do processo recente de industrialização do Nordeste sobre a economia regional deve ser observado no contexto da evolução da economia brasileira à qual a nordestina está integrada, ainda que persistam algumas especificidades.

## BIBLIOGRAFIA

- BACELAR, Tânia. "Crescimento industrial no Nordeste: para que e para quem?". Mimeo, s.d.
- BNB - SUDENE. "Análise dos projetos industriais incentivados até o ano de 1978". Relatório Preliminar. Recife, Mimeo, s.d.
- CANO, Wilson. "Raízes da concentração industrial em São Paulo". São Paulo. Difel, 1977.
- \_\_\_\_\_. "Desequilíbrios Regionais e concentração industrial no Brasil - 1930-70". Tese de Livre Docência, Mimeo, UNICAMP, 1981.
- \_\_\_\_\_ e GUIMARAES, L.. "A questão regional no Brasil: traços gerais de sua evolução histórica". Mimeo, 1986.
- CASTRO, A. de B.. "Sete ensaios sobre a economia brasileira", Rio de Janeiro, Forense, 1971.
- CEAG. "Diagnóstico da indústria têxtil de Sergipe - (Beneficiamento, fiação, tecelagem e acabamento)". Aracaju, CEAG, 1979.
- CEPAL. "A indústria Têxtil do Brasil - Pesquisa sobre as condições de operação nos ramos de fiação e tecelagem". 2. Vols. Mimeo. 1962.
- CHACON, Wamireh. "Algodão e Tecidos no Nordeste (um caso típico de interrelacionamento da agricultura e indústria" in Ci e Trop, 2(1): 27-49, Jan/Jun. 1974.
- CNI. "A indústria Têxtil do Brasil". Separata de Estudos Econômicos, nº 3 e 4, set/dez. 1950.
- \_\_\_\_\_. "CETIQT dá show de Moda" in Indústria e Produtividade. Rio de Janeiro. CNI. nº 196. 1985.
- \_\_\_\_\_. "Tecnologia têxtil em questão" in Indústria e Produtividade. Rio de Janeiro. CNI. nº 196. 1985.

- COHN, Amélia. "Crise regional e planejamento". São Paulo, Perspectiva, 1976.
- COMITEX. "Plano fundamental de reorganização e reequipamento da indústria têxtil brasileira". Mimeo. 1962..
- FIBGE. "Anuário estatístico do Brasil". Vários anos.
- \_\_\_\_\_. Censos industriais. Vários anos.
- \_\_\_\_\_. Censo Demográfico. 1980.
- FURTADO, Celso. "Formação econômica do Brasil". São Paulo. Nacional, 13ª edição, 1977.
- GALVAO, Olímpio. "Integração econômica, comércio e desenvolvimento regional" in Desigualdades regionais no desenvolvimento brasileiro. Recife, PIMES, 1984.
- GOODMAN, D. E. e ALBUQUERQUE, R. C. de. "Incentivos à industrialização e desenvolvimento do Nordeste". Rio de Janeiro. IPEA/INPES. 1974.
- GTDN. "Uma política para o desenvolvimento econômico do Nordeste" in ANPEC. Formação econômica do Brasil. São Paulo. Saraiva. 1978.
- GUIMARAES, Leonardo. "O programa de desenvolvimento industrial do Nordeste" in PIMES. "Desigualdades regionais no desenvolvimento brasileiro". Recife. PIMES. 1984.
- \_\_\_\_\_. "Nordeste: da articulação comercial à integração econômica". Tese de doutoramento. UNICAMP. Mimeo. 1986.
- \_\_\_\_\_. e SOUZA, Aldemir. "A dinâmica do mercado de trabalho no Nordeste". Recife. Mimeo. s.d.
- HILFERDING, R. "O capital financeiro". São Paulo. Nova Cultural. 1985.

- JATORÁ, Jorge. "Desenvolvimento regional no Brasil. Políticas e controvérsias" in Resenhas de economia brasileira. Série ANPEC. São Paulo. Saraiva. 1979.
- \_\_\_\_\_ e REDWOOD III, J. "Efeitos espaciais da política nacional de desenvolvimento industrial" in PIMES. Desigualdades regionais no desenvolvimento brasileiro. Recife. PIMES. 1984.
- LESSA, Carlos. "Quinze anos de política econômica". São Paulo. Brasiliense. 4ª edição, 1983.
- MELLO, J. M. C. de. "O capitalismo tardio". São Paulo. Brasiliense. 1982.
- MOREIRA, Raimundo. "O Nordeste brasileiro. Uma política regional de industrialização". Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1979.
- OLIVEIRA, Francisco de. "Elegia para uma re(li)gião: SUDENE. Nordeste e conflitos de classe". Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977.
- \_\_\_\_\_ e REICHSTUL, H. P. "Mudanças na divisão inter-regional de trabalho no Brasil" in A Economia da dependência imperfeita. Rio de Janeiro. Graal. 1977.
- PIMES. "Desigualdades Regionais no desenvolvimento brasileiro". Recife. PIMES. 1984.
- RATTNER, H. e THORSTENSEN, V. "Inovações tecnológicas e pequena e médias empresas têxteis" in RATTNER, org. Pequena empresa. O comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência. Vol. 1. São Paulo. Brasiliense; Brasília. CNPQ. 1985.
- SCHOUERI, R. "Aspectos da indústria têxtil brasileira" São Paulo. Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em geral do estado de São Paulo. 1979.
- SILVA, Aicir. "Algodão e indústria têxtil do Nordeste". Coleção estudos universitários. Natal. Universitária. 1980.

- SILVA, Sérgio. "Expansão cafeeira e origens da indústria". São Paulo. Alfa-Omega. 1976.
- SPREAFICO, Luigi. "Transferência de Tecnologia na indústria têxtil e do vestuário". São Paulo. IPE. 1970.
- STEIN, Stanley. "Origem e evolução da indústria têxtil no Brasil. 1850 - 1950". Rio de Janeiro. Campus. 1979.
- SUDENE. "Sumário do programa de reequipamento da indústria têxtil regional". Recife. SUDENE. 1962.
- \_\_\_\_\_. "1º plano diretor de desenvolvimento do Nordeste - 1961-63." Recife. SUDENE.
- \_\_\_\_\_. "Pesquisa sobre a indústria têxtil do Nordeste". Recife. SUDENE. 1971.
- \_\_\_\_\_. "A indústria têxtil no Nordeste". Recife. SUDENE. 1978.
- \_\_\_\_\_. "FINOR. Fundo de investimento do Nordeste". Recife. SUDENE. 1978.
- \_\_\_\_\_. "Importações e exportações do Nordeste do Brasil - 1974-80". Recife. SUDENE. 1985.
- THORSTENSEN, V. "Estrutura de mercado e pequena e média empresa têxtil" in Rattner. org. Pequena empresa. O Comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência. São Paulo. Brasiliense; Brasília, CNPQ. 1985.